O MALHO

O MALHO; CHRONICA MENSAL, MARANHÃO, TYP. DO FRIAS, 1880-1881.

OUT.,DEZ. 1880
JAN. 1881

OBSERVAÇÃO:

- O ORIGINAL APRESENTA PÁGINAS MUTILADAS, MANCHADAS E/OU ILEGÍVEIS.

1 8 8 0

O U T U B R O

JOÃO AFFONSO.

O MALHO.

Chronica mensal.

Estes pequenos livros, simples e singelos, desambiciosos e humildes, não teem a presumpção da sciencia nem se julgam armados com os instrumentos infalliveis da justiça.

Encerram apenas—a creançice da verdade.

Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz.
—As Farpas—

1880

OUTUBRO

JOÃO AFFONSO.

O MALHO.

Chronica mensal.

Estes pequenos livros, simples e singelos, desambiciosos e humildes, não teem a presumpção da sciencia nem se julgam armados com os instrumentos infalliveis da justiça.

Encerram apenas—a creancice da verdade.

RamalhoOrtigão e Eça de Queiroz.
—As Farpas—

BIBLIOTHECA
— DE —
F. R. PAZ
RIO

1880

OUTUBRO

Maranhão—Typ. do Frias.

SUMMARIO

O Malho e a imprensa amiga. Refutação d'O Pensador. Timidas phrases em resposta. Uma visita honrosa. O sr. M. de Bethencourt e o sr. Aluizio Azevedo. Apressamo-nos em dar-lhes attenção. O Monde Illustré. A estatua de Denis Papin. Le soir. La leçon de natation. Ailes et fleurs. Ao illm. sr. Bethencourt. A Aluizio Azevedo.—Camões e a Civilisação. Recrutamento dos mortos. Camões depreciado. Camões catholico. Camões limpo. Como os srs. padres manifestam a sua opinião. Cumprimentos ao rehabilitador. O que fez a falta de um orgão. O que o orgão faria. O clero devorando silencio. A memoria no banho e do mais que se segue. Nós e Camões. Alguns pensamentos mal expressos a respeito do genio. Fica averiguado que Camões é um genio. Os braços clericaes. Camões no logar competente. O doutor Abilio sabonete. Limpesa que suja. Restabelece-se a ordem das cousas. E termina-se fazendo uma pergunta á Civilisação.—Estudos praticos sobre o beri-beri, por José Francisco Vieira Braga. Porque è que a obra deve ser procurada. O sr Braga pintado por si mesmo. Quem deve critical-o Deus escolhido para critico e nós para publico. O que fizemos ao livro do sr. Braga. Restam-nos algumas duvidas. Lista das duvidas. De quem somos filho. Razões que temos para a conservação do livro. O que desejamos. Em caso de indeferimento, declara-se o que o sr. Braga deveria fazer. Fazem-se duas reclamações ao governo.—Apezar de um pouco tarde, apparece Gionhy. Conclue-se, entre outras cousas, que Gionhy soffre do estomago. Um conselho seguido de uma supplica. O Ma-

lho chora.—Certidão de idade de José Casimiro da Silva Fontes. O que elle havia feito até aos 29 annos, 7 mezes, 5 dias, 1 hora e 30 minutos. Desejo e furunculo. Carne fresca e sciencia José Casimiro não tem medo. Cinco sabios e onze et cœteras. Soluços de Casimiro. O bicho de 70 milhões de cabeças. Vem autoridades remover difficuldades. Exclamações perante José Casimiro. Lemos mas não entendemos. José Casimiro comparado aos sabios. O que resulta da comparação. O que a principio a gente quer dizer. Chegam umas reflexões. As quaes reflexões podem provar que José Casimiro é revolucionario. O que isso lhe ha de custar —José Casimiro entre duas resoluções. Ou emendar-se ou proseguir. Cortejo triumphal. 35 sabios, alguns pastores 11 et cœteras e 1 letreiro.

Recebido com palavras amigas e benevolentes pelo jornalismo da capital—a quem, por esse facto, confessa-se profundamente agradecido, *O Malho* mereceu d'*O Pensador* mais que uma simples formalidade de recepção: mereceu duas refutações, cada qual mais delicada, mais franca e mais leal. Não pode caber no molde acanhado da nossa prosa incorrecta e desafinada a expressão de quanto nos orgulha essa inapreciavel honra.

Comtudo, visto que as palavras d'*O Pensador* com relação ao *Malho* encerram algumas contestações á opinião que enunciamos, quando, na chronica anterior, registramos o apparecimento d'aquelle interessante orgão da sociedade moderna, vimos timidamente pedir-lhe venia para oppor ao que nos disseram,

não uma replica cheia de argumentações que destruam a logica compacta è intangivel com que metteram embargos ao nosso enunciado-mas umas debeis phrases justificativas da nossa boa intenção e destinadas a explicar, quanto nos fôr possivel, os motivos que nos levaram a dizer d'*O Pensador* o que se lê no primeiro numero d'*O Malho*.

*

Temos diante de nós, no n. 4 d'*O Pensador*, á pag. 4 e 6, com a *tenue* correcta e elegante dos homens de fina educação e de provada illustração, com o sorriso da complacencia a brotar de sob os seus ligeiros bigodes de vinte annos, com a palavra fluente e macia dos argumentadores que teem consciencia da sua força superior,—os Illustrissimos Senhores, Manoel de Bethencourt e Aluizio Azevedo, dous distinctos redactores d'*O Pensador*.

Sejam bemvindos, meus senho-

res! A redacção d'*O Malho*, extremamente vexada por ter de recebel-os na pobre pocilga onde gasta o tempo e calleja as mãos em pura perda malhando em ferro frio, pede-lhes o obsequio de procurarem ahi assim, na pobreza desarrumada do aposento, um lugar onde se possam sentar sem prejuizo dos seus fraks de panno fino e das suas calças de casimira *Nouveauté*. A' vontade, meus senhores! estejam a seu gosto. Ora, então? Nada de ceremonias! Queiram conservar na cabeça os seus chapéos de pellucia.

Ora agora, ouvidas por nós, com a attenção que merecem as advertencias amigas e rasoaveis, as palavras que tiveram a bondade de nos dirigir, contamos que conseguirão obter da sua paciencia o sacrificio de algum tempo de espera, emquanto trocamos o tosco avental do nosso rude trabalho para tomar o palitot branco engommado, depomos a um canto o pesado malho

a que atanjos o nosso destino e lavamos a cara e as mãos, com o pressuroso cuidado de quem recebe uma visita importante—ao mesmo tempo que pesamos na imaginação a maneira porque devemos responder aos seus argumentos potentes, que desviam guapamente, com simples pennadas leves e corrediças, as pancadas brutaes do malho.

E mais ainda, contamos que desculparão a grosseria que vamos cometter de não responder de uma só vez a ambos os nossos illustres interlocutores. Apanhar de um jacto a summa dos argumentos com que duas poderosas vozes atacam as nossas desalinhavadas paginas dedicadas a *O Pensador*, é tarefa por demais pesada para as faculdades mal desenvolvidas de um rude malhador de ferro frio. Assim, para que as nossas idéas acanhadas não se baralhem no esforço que teriamos de fazer, somos forçado a responder a cada um por sua vez.

Aluizio, tu que tens commosco a familiaridade de um irmão, ficas para o fim; deixa-me primeiro importunar com algumas explicações caceteadoras o teu digno collega o sr. Bethencourt. Olha, emquanto esperas, entretem-te por ahi assim a vêr qualquer cousa. Sinto realmente não encontrares alguma novidade. Os ultimos numeros do *Monde Illustré* já tu viste: trazem uma copia da bella estatua de Denis Papin por Aimé Millet; *Le soir*, uma deliciosa paysagem de Breton, e um interessante desenho de Adrien Marie—*La leçon de natation*. Ja viste tambem o retrato de Carlos Gomes lithographado sobre setim pelo sr. Wiegandt, do Pará. N'esse caso, aprecia mais uma vez *Ailes et fleurs*, essa collecção de trabalhos encantadores, onde o pincel delicadissimo de Giacomelli dá vida aos passarinhos e perfume ás flores, e que olhos de artista como os teus nunca se saciam de ver.

*

Illm. Sr. M. de Bethencourt.

Tratando da desautorisada opinião que acerca d'*O Pensador* arriscamos de pag. 51 a 64 do primeiro numero d'*O Malho* prova v. s: que erramos em dizer que—ser pensador é ser calmo, reflectido e polido.

Desgraçadamente, só agora o reconhecemos: não erramos somente—fomos infeliz. Aconteceu-nos o mesmo que ás creanças quando começam a fallar: não conseguem fazer comprehender mais do que metade do que querem dizer—a lingua não lhes ajuda. A nós, a penna é que não deixou bem claro o pensamento.

Baseando a nossa opinião acerca d'*O Pensador* em que um jornal com este titulo, que se nos afigura ser grave e sério, tinha de rigorosamente cingir-se á propaganda de principios sãos e de idéas bôas, d'ahi tiramos as observações que

tivemos o arrojo de dirigir aos esperançosos redactores d'esse valente periodico.

No brilhante artigo estampado á pag. 1.ª do seu 1.º numero, apresenta-se *O Pensador* declarando que faz guerra aos factos e não ás individualidades. Pareceu-nos, pois, em vista d'este programma sensato e digno da sociedade moderna, que seria inadmissivel abrir *O Pensador* uma secção de *Echos da rua*, onde indistinctamente são criticadas, com mais offensa que espirito, certas pessoas designadas por alcunhas covardes e entre as quaes algumas senhoras que, si entendem melhor a sachristia que o lar, nem por isso perdem o direito a serem tratadas com delicadeza e civilidade.

Foi da disparidade apparente entre o programma d'*O Pensador* e a sua collaboração impertinente nos *Echos da rua* que nasceu a definição que demos, talvez com palavras mal applicadas, de que o pen-

sador deve ser calmo, reflectido e polido.

É bem possivel que, por sua etymologia, estes tres termos não sirvam á idéa que quizemos exprimir; mas o que affançamos ao sr. Bethencourt é que ella foi totalmente diversa da interpetração que s. s. lhe deu.

Não vae a nossa ignorancia a tal ponto que não reconheçamos que o movimento da sociedade actual é todo revolucionario e que não ha calma na reflexão. Portanto, quando dissemos—calmo — queriamos dizer que o pensador deve apresentar as suas idéas sem colera, sem arrebatamento, com a doce tranquilidade do juiz, frio, severo e imparcial; quando dissemos—reflectido—nem por sombra queriamos referir-nos á reflexão de pensamentos alheios, mas ao exame dos nossos proprios pensamentos; quando dissemos — polido — fizemos d'esta palavra o synonimo de

civilisado, attencioso, cortez: e, visto que foi n'esta intenção que empregamos os tres termos, aliás explendidamente refutados por s. s., pedimos-lhe permissão para ratificar o emprego d'elles, porque ficamos na convicção inabalavel de que, presentemente, um individuo ou um jornal pode perfeitamente produzir uma revolução nos costumes, na instrucção, nas crenças da sociedade, sem deixar de ser—calmo, reflectido e polido.

Diz o estimavel sr. Bethencourt, para justificar os *Echos da rua* que, si elles teem ferido a individualidades é porque um jornal é uma historia contemporanea e a historia tendo por dever tratar das frioleiras de qualquer monarcha, *O Pensador* pode tratar dos bispos e dos seus sequazes.

O sr. Bethencourt ha de consentir que discordemos um pouco da sua opinião. Nas reformas operadas ultimamente na instrucção nos

paizes adiantados, a historia anedoctica tem sido desprezada para dar lugar á historia philosophica. Trata-se de apagar da historia as frioleiras dos reis para estampar o grande movimento da familia humana, estudando as causas complexas d'esse movimento e descendo ás particularidades unicamente para occupar-se dos homens que empregaram a sua actividade em dar a esse movimento um impulso no rumo da perfectibilidade,

Admittindo, porem, que o jornal, sendo como é, a synthese do movimento actual, tenha de referir-se a individualidades e tomar nota dos actos de certos personagens que possam influir para o futuro na historia da nossa epocha, ainda pedimos venia ao sr. Bethencourt para não enxergar nos *Echos da rua* tão alta utilidade.

Quando, mais tarde, tiver de ser feita a historia do movimento que as tentativas de resurreição do cle-

ro maranhense teem dado á imprensa, *O Pensador*, muito embora a modestia de s. s. queira dizer o contrario, ha de ser julgado pelos seus bellos artigos editoriaes, vibrantes de estylo e pujantes de logica e d'elles se deduzirá a parte que tiveram n'esse movimento o bispo e os seus sequazes, porque sem duvida o sr. Bethencourt, que por emquanto tem posto o dedo nas velhas chagas do clero, ha de chegar aos males contemporaneamente causados por elle.

Que importancia podem ter perante a historia os *Echos da rua*? Influem acaso na contextura historica as indigestões de um individuo, os collarinhos de um padre, e os cofinhos de segredo feitos na ponte de Cutim? Que credito podem inspirar os *Echos da rua*, que disfarçam as individualidades em alcunhas, descem a banalidades sem sabor e até chasqueam dos defeitos physicos de uma senhora?

Que comprehendemos que—*ser pensador é procurar fazer rebentar idéas do cerebro humano, é mergulhar no passado, no presente e no futuro em busca das grandes verdades*; que comprehendemos o que diz o segundo artigo editorial d'*O Pensador* em seu n. 4. isto é—*que a causa do estado anormal em que nos achamos é o grande desenvolvimento scientifico*, parece-nos tel-o sufficientemente provado desde que pedimos a *O Pensador* que nos désse noções scientificas, e outras cousas citadas á pag. 58 d'*O Malho*.

Entre a definição que nos dá s. s. do que é pensador e a modestia requintada com que declara que seriamos o primeiro em deixar de lêl-o, logo que escrevesse sobre biologia, sociologia etc. etc. ha uma incoherencia, um esquecimento e uma injustiça.

Uma incoherencia porque, dizendo s. s. que—ser pensador é fazer rebentar idéas do cerebro humano,

é mergulhar em busca das grandes verdades, é obvio que um jornal denominado *O Pensador* tem de tratar da anthropologia, da geologia, das sciencias finalmente, porque n'ellas é que estão as grandes verdades;

Um esquecimento porque, sendo as sciencias verdades provadas e inabalaveis e que não podem ser trazidas á luz da publicidade senão transcriptas ou compiladas dos mestres que as teem provado e consolidado, esqueceu-se s. s. de que nenhuma responsabilidade pode resultar para quem se apresenta patrocinado por nomes respeitaveis no mundo das letras;

Uma injustiça porque—dizemol-o sem griphos, sem ironia e sem bajulação tambem—não riremos nunca das pretenções de moços estudiosos e bem intencionados como s. s. e os seus dignos collegas da redacção d'*O Pensador*, não deixaremos nunca de os ler—quer nos

venham trazer a sciencia que aprenderam nos bons livros, quer enunciem os seus proprios pensamentos.

Não sei si conseguimos fazer comprehender d'esta vez porque nós pronunciamos a respeito d'*O Pensador* do modo porque se lê no numero passado d'*O Malho*. Em todo caso, saltando por sobre todas estas cousas massadoras com que temos estado a abusar da paciencia de s. s., o que queremos deixar bem claro é que os termos que serviram de ponto de partida á sua refutação não foram destinados a terem a significação que s. s. enxergou n'elles; e declarado isto, evidencia-se que estamos inteiramente de acordo quanto aos fins e os deveres d'*O Pensador*.

Si, porem, o que não esperamos, s. s. persistir nas idéas que externou a nosso respeito, então é que nos convencemos de que malhamos em ferro frio, no que toca ao que

s. s. aprouve chamar—a nossa primeira censura.

Quanto á segunda, tivemos a intima satisfacção de ver que a illustre redacção d'*O Pensador* pensa comnosco em relação á vantagem de se apresentar a gente como a gente é.

Nada obstante um dos mais activos collaboradores d'*O Pensador* ter tido a franqueza de declarar-nos que, por voto d'elle, a redacção jamais publicaria os seus nomes—somente *para não dar-nos o gostinho*, s. s. não se deixou vencer por esse errado conselho de um mal concebido orgulho e assignou o seu nome.

Infelizmente o illm. sr. Bethencourt assigna declarando que não o fez a mais tempo por não mirar a celebridade.

Quem fallou em celebridade! Pois s. s. far-nos-ha a clamorosa injustiça de suppor que estampamos o nosso obscuro nome na capa d'*O*

Malho com o olho na celebridade! Vamos, sr. Bethencourt, isso é pouco rasoavel, é pouco caritativo mesmo. Devemos a s. s. a fineza de sempre nos tratar com a maior amabilidade e esperamos que ainda d'esta vez s. s. será bastante amavel e bastante conscienciôso para confessar què aquillo escapou-lhe dos bicos da penna a contra-gosto, sob pena de julgarmos que s. s., em represalia, quiz ser tambem para comnosco menos calmo, polido e reflectido.

O nosso fim, creando estas chronicas, que se chamam *O Malho* como poderiam chamar-se *O Cravo branco*, foi mais do que malhar em ferro frio, mais do que corrigir defeitos e melhorar costumes—foi muito principalmente provar ao publico mal costumado que espera ancioso o presente numero d'*O Malho* na esperança de vêr-me brigar com s. s., que pode haver um choque, um cataclysma no campo das

idéas, sem que d'isso resulte rompimento de relações e inimisades pessoaes; que podem dous homens encontrar-se frente a frente na imprensa, sempre correctos, amaveis, delicados e cortezes.

Si nós tivessemos tomado um pseudonimo qualquer para escrever *O Malho*, si s. s. tivesse deixado de firmar com o seu nome a refutação com que nos honrou, quem sabe o azedume com que seria terminada a discussão!

Não acha s. s. muito melhor estarmos aqui a palestrar—s. s. defendendo o programma do seu jornal, nós explicando as nossas intenções—placida e amigavelmente, como duas pessoas que se prezam e sabem respeitar a alheia e a propria dignidade e que teem em tanta consideração a convicção dos outros como si sua fôra?

Não sente s. s. um contentamento interior em separar-se de nós sem um motivo de queixa e sem remorso de nos ter offendido?

De nosso lado, é tal a nossa satisfação por este facto quasi virgem nos annaes das discussões jornalisticas no Maranhão, que pedimos a s. s. permissão para apertar-lhe cordialmente a mão em signal de regosijo.

*

Meu Aluizio.

Aqui me tens, sem pitada, com os dedos limpos, de palitot curto e chinello de tapete, sem palmatoria, franco, leal, amigo, risonho!

Por teu respeito abandonei o *nós* consagrado, troquei a primeira do plural pela primeira do singular.

Vês? não sacco da algibeira a caixa de massa com o retrato de Victor Emmanuel na tampa, não t'a estendo aberta com aquelle gesto inimitavel do nosso infeliz collega Galvão quando perguntava no *Diabo a quatro*: Vossa senhoria toma? Ao contrario, peço-te que acceites um cigarrinho *republicano*, saboroso e delicado. Fumemos e conversemos.

Recebi a tua carta: um primor de espirito scintillante e fino em columna e meia d'*O Pensador*.

Com todos os diabos! eu bem quizera guardal-a envergonhado de ter te envolvido n'uma critica d'*O Malho* e ao mesmo tempo satisfeito por ter concorrido para que o publico apreciasse o teu estylo facil, espirituoso, alegre, são! Mas é que si eu disse a *O Pensador* algumas cousas difficeis de roer, tu dizes-me tambem outras tantas cousas duras de tragar.

Em primeiro logar, erraste, sim, tu erraste, filho! Tem paciencia— mas erraste.

O Pensador passou e eu agarrei-o, é verdade, mas não foi pelo rabo, acredita que não foi.

Si o agarrasse pelo rabo, agarrava-te a ti—porque tu és o rabo d'*O Pensador*. Lembra-te, desgraçado, que vens sempre no fim do jornal, na ultima pagina!

Bem calculado, eu agarrei o ani-

mal pela barriga, porque filei-o na altura...dos *Echos da rua*. N'essa posição pude examinal-o por todos os lados, Que a cabeça pareceu-me bem conformada tu não podes duvidar ou então não lêste as ultimas linhas da pag. 54 e as primeiras da pag. 55 d'*O Malho*. Todavia, si te escaparam essas linhas, ficarás convencido do bom juizo que formo d'*O Pensador* em vista das explicações que acabo de dar ao sr. M. de Bethencourt, teu digno collega de redacção.

Do ventre para tráz, o bicho mudara de figura. O rabo, apezar de escorregadio, não era de todo em todo incompativel com a cabeça —questão de forma.

Mas a barriga, *oh! mon Dieu de la France*! que cousa! Aspera, suja hirsuta, picante!

Fiquei arranhado, emporcalhado! Foi por isso que me estranhaste. O contacto do animal na parte em que o apanhei irritou-me os

nervos, estragou o meu bom humor, sujou-me os dedos. D'ahi o aspecto carrancudo, o ar de velho com que me viste, a nodoa que lobrigaste-me na mão. Não era pitada, filho,—era da barriga do bicho!

Francamente, si eu possuisse um animal assim—vivo, esperto e desembaraçado de cabeça, engraçado, petulante e agil no rabo, mas com um mólho de pellos duros como cabellos de porco espinho no ventre—raspava-lh'os. Ou para fallar sem metaphora, si eu estivesse na redacção de um jornal como *O Pensador* não iria, ao simples pedido de um collaborador, comprometter a sua reputação publicando cousas que a opinião publica reprova, que o bem senso repelle.

Onde tinhas tu a cabeça quando achaste divergencia entre a epigraphe d'*O Malho* e a minha critica?

Não ignoras certamente, tu que

és um adiantado discipulo do sr. Ramalho Ortigão, que as palavras postas por mim no frontispicio do meu opusculo são extrahidas do conto *O manto e a camisa*, com o qual os autores d'*As Farpas* explicam o fim [redacted] dos seus utilissimos [redacted]

Entret[redacted]asias-te quando *As Farpas* [redacted]am sem piedade o pobre do Ennes, enthusiasmas-te quando ellas propoem um plano para reformar a instrucção publica, bates palmas quando, espetadas na ponta aguda e afiada da critica do sr. Ramalho, as instituições bolorentas e caducas perneam nuaszinhas em pello, expostas á risota do publico! E n'essa occasião não te lembras que *As Farpas* prometteram ser *desambiciosas e humildes, sem a presumpção da sciencia, sem os instrumentos infalliveis da justiça.*

E a mim que me declarei francamente imitador d'*As Farpas*, a mim que me persuadi de estar no meu

plano criticando dos factos como elles se apresentam a meus olhos, a mim que tenho o direito de suppôr ter dito a verdade toda a vez que expender a minha opinião sem rebuço, sem convenção, sem desvios—tu vens chamar-me de desarrasoado, de incoherente, de mestre-eschola, de fanhoso, de funga-pitadas!

Ahi está o que faz a gente ser um pobre e obscuro imitador!

Que tu pensas como eu a respeito de pseudonimos, isso é velho! mas que estranhes nunca ter visto o meu nome n'*A Flecha*, por esta não esperava eu!

O' ladrão! pois tu tens animo de vir me f[redacted] *A Flecha*, n'*A Flecha* que [redacted]aste no nascedouro, fa[redacted]eu n. 1 uma promessa q[redacted] cumpriste, retirando-lhe mais tarde a tua collaboração espirituosa e animadora!

Anda cá, Aluizio, tu não tens pena do respeitavel publico que nos lê.

és um adiantado discipulo do sr. Ramalho Ortigão, que as palavras postas por mim no frontispicio do meu opusculo são extrahidas do conto *O manto e a camisa*, com o qual os autores d'*As Farpas* explicam o fim e o plano dos seus utilissimos livrinhos.

Entretanto, tu extasias-te quando *As Farpas* verberam sem piedade o pobre do Ennes, enthusiasmas-te quando ellas propoem um plano para reformar a instrucção publica, bates palmas quando, espetadas na ponta aguda e afiada da critica do sr. Ramalho, as instituições bolorentas e caducas perneam nuaszinhas em pello, expostas á risota do publico! E n'essa occasião não te lembras que *As Farpas* prometteram ser *desambiciosas e humildes, sem a presumpção da sciencia, sem os instrumentos infalliveis da justiça*.

E a mim que me declarei francamente imitador d'*As Farpas*, a mim que me persuadi de estar no meu

plano criticando dos factos como elles se apresentam a meus olhos, a mim que tenho o direito de suppôr ter dito a verdade toda a vez que expender a minha opinião sem rebuço, sem convenção, sem desvios—tu vens chamar-me de desarrasoado, de incoherente, de mestre-eschola, de fanhoso, de funga-pitadas!

Ahi está o que faz a gente ser um pobre e obscuro imitador!

Que tu pensas como eu a respeito de pseudonimos, isso é velho! mas que estranhes nunca ter visto o meu nome n'*A Flecha*, por esta não esperava eu!

O' ladrão! pois tu tens animo de vir me fallar n'*A Flecha*, n'*A Flecha* que tu abandonaste no nascedouro, fazendo no seu n. 1 uma promessa que nunca cumpriste, retirando-lhe mais tarde a tua collaboração espirituosa e animadora!

Anda cá, Aluizio, tu não tens pena do respeitavel publico que nos lê.

Porque tu sabes perfeitamente a historia d'*A Flecha* e a causa porque ella sae recheiada de pseudonimos e provocas-me a contal-a aqui para justificar-me!

Por isso, leitor complacente, si te vaes sentindo amolado com estas já bem longas conversas entre *O Pensador* e *O Malho*, queixa-te do Aluizio.

Nasceu *A Flecha*, n'esta cidade de S. Luiz do Maranhão, a 14 de março de 1879. Foi gerada simultaneamente no cerebro de varios rapazes cultores e apreciadores das letras e teve dous berços: um lithographico, á rua Formosa n. 8, outro typographico, no estabelecimento dos srs. Frias.

Nos primeiros numeros, muita animação, grande enthusiasmo. Aluizio Azevedo, recentemente chegado da côrte onde fizera brilhantemente o seu tirocinio de caricaturista de merito na *Comedia Popular* e no *Mequetrefe*, compro-

metteu-se a amenisar as paginas d'*A Flecha* com o seu lapis inexgotavel—o que desgraçadamente nunca se realisou. Euclydes Faria encarregou-se da *Pacotilha*, chronica ligeira, sortida de anedoctas, noticias, boatos, receitas, reclamações, etc., etc.—esse escreveu a primeira e foi-se para nunca mais voltar. Auto Pereira e Barbosa de Godóes, dous irmãos poetas, encarregaram-se da secção lyrica. E tu, Aluizio, já que não desenhaste, foste o *Pitriby* das *Piticaias*. Além d'isso *A Flecha* abriu as columnas a quem quizesse escrever. Mas ah! desgraça irreparavel! Em breve o fogo sagrado arrefecia no peito dos jovens escriptores e do 16.º numero em diante, pouco mais ou menos, o pobre João Affonso tinha de forjar *A Flecha* desde o cabeçalho da 1.ª pagina até a ultima noticia!

E assim tem ella vivido até hoje.

Dize-me agora: que tal te pare-

ceria um jornalico com o programma d'*A Flecha*, assignado por uma só pessôa ?

Si, em vez de ser *Catucába* nas epistolas, *Politiqueiro* na chronica *politica*, *Binocolini* nas revistas theatraes, *Mylord* nas biographias &, &, fosse só João Affonso, João Affonso, João Affonso e João Affonso ! Havia de ter graça, havia.

E depois, tu foste éxagerado quanto á *Flecha*. Mas muito exagerado ! Verdade seja, ella não é lá grande cousa e eu valho tanto como ella, mas tu has de concordar que, já me tendo apresentado em publico como proprietario d'*A Flecha*; constando á pag. 117 do *Almanack do Diario do Maranhão* que sou eu o redactor principal; tendo eu assignado uma pagina que dediquei á teu irmão Arthur e um supplemento dedicado a Camões—o que sem duvida não levará ninguem a traduzir o J. A. dos outros desenhos por Francisco Antonio ou Ma-

noel Joaquim — nenhuma duvida póde restar de que *A Flecha* não podia ser arremessada contra mim em contestação ao que eu tomei a liberdade de dizer a *O Pensador* com relação aos pseudonimos.

A tua allegação cahiu por improcedente, rapaz.

Agora, vamos acabar com isto. O respeitavel publico ha de estar enfastiado com estas cousas e de mais a mais desapontado.

Desapontado, sim !

Pois si elle suppunha que nós estavamos brigados, que a tua carta era uma offensa e a tua carnaúba ferrada em ambas as pontas uma ameaça, e vê-nos agora liquidar as nossas duvidas como bons camaradas, *bras-dessus, bras-dessous*, galhofeiros, alegres, risonhos, amigos !

Pobre publico atrasado ! Foi por causa d'elle que eu te convidei, a ti e aos teus collegas d'*O Pensador* a assignarem os seus nomes, para

que elle aprenda como é que se limpa a imprensa e se derribam as cousas convencionaes, balôfas, pôdres, sobre que assenta a nossa sociedade.

Adeus. Temos domingo um caruru ao almoço. Não faltes.

E toma cuidado com o padre Castro.

Teu do coração

João Affonso.

Parece que os esforços da *Civilisação* com o fim de converter os povos teem sido quasi nullos.

A reverenda folha, naturalmente convicta de que o cascarrão da lepra moderna já está tão espesso na nossa pelle que as suas escovadellas não conseguirão desbastal-o, volta-se para o passado e começa a recrutar... defuntos.

E que defuntos! D'aquelles de quem já nem os ossos se conhecem.

Sob pretexto de rehabilitar a Luiz

de Camões, a *Civilisação* propoz-se a tres cousas:

1.ª Depreciar os trabalhos litterarios apparecidos por occasião do centenario do grande epico e que resentiam-se mais das tendencias reformadoras da epocha do que da rhetorica theologica dos srs. padres;

2.ª fazer de Luiz de Camões um ultra catholico apostolico romano, amigo da igreja e assignante da *Civilisação*;

3.ª limpar o sobre dito Luiz de Camões com o sabão do dr. Abilio Cesar Borges.

*

Que a reverenda folha podia jogar ás ideas modernas os baldões que lhe viessem ás pontas da benta penna, é um direito que não lhe contestamos.

Os srs. padres, quando houverem de manifestar as suas opiniões na imprensa catholica podem fazel-o

em dous estylos—a mansidão evangelica e a insolencia clerical.

Ora, o reverendissimo autor do monumental rehabilitação de Camões preferio o segundo estylo. E esteve primoroso. Não sabemos como saudar a sua aptidão n'este genero.

Os srs. padres infelizmente a esse tempo ainda não tinham orgão. Si o tivessem, saltaria o orgão como um *Deus ex-machina*, a arrancar Camões da enxurrada dos *discursos-balôfos* recheados *de impiedades, heresias e erros de todo o genero*. Que trabalho para o orgão!

Primeiro, fazer-se cacete e bater nos discursos balôfos até expellir todo o ar, depois constituir-se em colhér e tirar o recheio de farofa com heresias, azeitonas e impiedades, e, finalmente, transformar-se em palmatoria, a castigar os erros de todo genero.

*

Foi por falta do orgão que o cie-

ro, magoado e pezaroso devorou no silencio como um Ugolino o seu desgosto profundo, e, livre da dyspepsia que lhe podia sobrevir, vio de longe a memoria do poeta salpicada de manchas e o catholicismo entulhado de baldões.

Agora, porem, que o orgão existe, os srs. padres vão-se piedosamente á memoria, despem-n'a com todo o respeito e, preparado um banho com esta receita:

Agoa benta, tépida para não constipar . . . 2 baldes
Tonico de J. M. M. Seabra, da «Nação», de Lisboa . . . . . 1/2 frasco
Sabonete do dr. Abilio . . . . . 50 grammas

mergulham-n'a, esfregam-n'a, limpam-n'a entre os dedinhos dos pés, nas dobras das orelhas, nos vincos do pescoço; enchugam-n'a n'uma coberta de retalhinhos de chita, cortam-lhe as unhas, aparam-lhe os

callos, vestem-lhe uma camisinha de pala de labyrintho defumada a incenso, deitam-lhe ao collo um rosario do Coração de Jesus, um amuleto da Oração do Monte-Serrate, um cordão do bentinho—e ahi está Camões, rehabilitado, limpo, purificado, catholico, apostolico—e romano.

Perdão, excellentissima e reverendissima sr.ª d. *Civilisação*, mas tão pouco direito tinham os livres pensadores de naturalisar Camões no seu gremio como vossa reverendissima de o rehabilitar perante o catholicismo.

Nós, que não dispomos da quantidade de logica precisa para associar Camões á redacção d'*O Malho* mas que, entretanto, nem somos atheu nem assistimos as lições de catechismo em Santo Antonio, suppomos ser bastante imparcial para dar ao primeiro poeta portuguez o lugar que lhe compete.

Camões não foi atheu, nem livre pensador, nem catholico-apostolico-romano, nem revolucionario, nem amigo do throno, nem positivista, nem romantico, nem erotico, nem pastoril, nem retrogrado, nem progressista, nem mythologico, nem casto, nem galanteador, nem biblico, nem tantas outras cousas mais; não foi nenhuma d'essas cousas em especial mas foi todas ellas syntheticamente—foi o genio.

O homem que tira das forças resultantes do cultivo da sua intelligencia a faculdade de erguer-se acima do resto da humanidade e pairar em regiões privilegiadas, d'onde nem a morte nem o tempo —esses grandes elementos destruidores—conseguem fazel-o descer, não póde ser sollicitado pela debil attracção de nenhuma seita religiosa, de nenhum partido politico, de nenhuma escola litteraria. A necessidade de dar a esses homens excepcionaes uma denominação, chamou-os de—genios.

O genio não tem passado, presente nem futuro. Abrange todas as epochas, toca em todos os assumptos, abraça todas as idéas. Aquillo em que a humanidade consome seculos realisando para dar um penoso passo para diante, o genio resolve de um jacto, no estreito molde da estrophe de um poema ou na superficie de uma tela. O genio concentra em si todas as paixões, todas as lutas, todos os commettimentos, todas as opiniões da sua epocha; conhece todos os deffeitos, todas as aspirações, todas as necessidades do genero humano; lança mão de todos os meios que possam servir á construcção do edificio da sua obra gigantesca; não hesita perante convenção de ordem alguma, não pára diante de um obstaculo qualquer—e, superior a tudo, não é cortezão por louvar aos reis, não é pagão por tratar dos deuses, não é atheu por descrer da immortalidade, não é indecente por ser erotico, não é piégas por ser romantico, não é revolucionario por atacar os thronos, não é catholico por beijar o altar, não é realista por pintar horrores —é simplesmente e completamente isto: genio, e como tal estampa com a fidelidade com que o sol grava através o objectivo photographico todas estas cousas reunidas n'um monumento imperecivel, erguido ao DIREITO, á JUSTIÇA e á VERDADE.

Suppomos que os srs. padres não pretenderão negar que Camões entra no numero dos seres privilegiados que resistem á lei do aniquilamento universal,—que é um genio emfim!

N'estas condições, o grande epico faz ao catholicismo o mesmo que fez ás outras crenças, o mesmo que ha de fazer á todas as que o quizerem segurar, o mesmo que fazem ás creanças os balões cheios de gaz —escapa-lhe das mãos e sóbe ás al-

turas onde pode equilibrar-se tranquillo e sobranceiro.

A' esta altura, temos o profundo desgosto de reconhecer que não chegam os braços dos srs. padres.

Camões, com a sua obra debaixo do braço, com a sua couraça tradiccional, com os seus louros imprescindiveis, com o seu olho vasado—cortezão quando canta as *memorias gloriosas dos reis que dilataram a fé e o imperio;* revolucionario quando se rebella contra os monarchas, *cuja vontade manda mais que a justiça e que a verdade;* christão piedoso na *Elegia XI;* mythologico no *Conselho dos deuses;* casto no *Soneto XIX;* galanteador no *Soneto XXX;* erotico na *Ilha dos amores;* retrogrado na estrophe XCIX do Canto 4.º dos *Luziadas;* pastoril na *Piscatoria;* biblico na paraphrase do *Super Flumina Babylonis*—foi tomar lugar entre os benemerites da humanidade, lá onde não ha

seitas, nem paixões, nem lutas, onde estão Archimedes, Confucius, Platão, Christo, S. Francisco de Salles; Denis Papin, Shakspeare, Dante, Tasso e todos esses que teem sido e são pontifices do genio e santos recommendados pelo Kalendario da historia á adoração da humanidade.

Camões escapou-lhes, reverendos redactores! Foi-se, não estava para os aturar.

Pois ha quatro mezes apenas teve elle de ouvir, com a paciencia de que só os mortos dispõem, interminaveis fallações e variadissimas reclamações dos que puchavam a braza á sua sardinha, e ainda agora quer a sr.ª *Civilisação* amolal-o de novo!

Não póde ser, senhora dona, ténha paciencia, para outra vez será. Para o outro centenario, si ainda tiverem orgão, então suas reverendissimas terão a bondade de empregar seus esforços, a vêr si ob-

teem o que falhou aos outros exclusivistas—amesquinhar Camões.

*

O facto da reverenda folha servir-se do dr. Abilio Cezar Borges para limpar Camões foi contraproducente.

A *Civilisação*, orgão do catholicismo, defensora das cousas consagradas e reputadas matacaveis, faltou aos seus principios louvando o sacrilegio commettido pelo referido doutor sobre os *Luziadas*.

A obra de Camões é indivisivel como todos os productos dos grandes genios e o audacioso moralisador que a fôr emporcalhar com os seus concertos deve ser entregue á vindicta da humanidade, como um cão de lata ao rabo, vaiado, assoviado, perseguido!

Não foi o dr. Abilio Cezar Borges quem andou bem avisado supprimindo criminosamente estancias dos *Luziadas*: a *Civilisação* é que

errou irreflectidamente sanccionando esse attentado enorme que entrega o réo á policia correccional do mundo.

Diga-nos a *Civilisação:* o que fará s. reverendissima ao profano que passar um largo traço negro sobre a palavra que se lê na ultima linha da pag, 7 e primeira da pag. 8 do folheto por s. reverendissima distribuido, contendo uma Encyclica do Papa Leão XIII, já anteriormente publicada nas bentas columnas de s. reverendissima?

Colleccionados por alguns amigos do autor, sahiram á luz, em uma brochura de 114 paginas em algarismo arabe e mais 13 em conta romana, os *Estudos praticos sobre o beri-beri*, do sr. José Francisco Vieira Braga, agrimensor e homœopatha.

E' natural que seja procurada com certa avidez esta obra, visto

propor-se a um tempo a descrever as causas e indicár os meios de debellar uma molestia ha annos acclimatada entre-nós, sem que da parte do governo ou da sciencia alguma cousa se tenha feito de util e proveitoso n'este sentido; e ainda mais por vir firmada com o nome do sr. Braga, popularisado pelas innumeras curas que tem feito em doentes beri-bericos, pelo systema de Hahnemann e de Jahr:

*

Que o sr. Braga é autoridade na materia não carece que ninguem o diga—elle proprio encarregou-se de declarar-nos peremptoriamente que qualquer medico, *embora seja a maior illustração, com sua grande pratica, ha de ser sempre codilhado pela molestia e errará*, ao passo que elle—o sr. Braga, *por sua pratica e experiencias diarias a sabe distinguir perfeitamente d'outras.*

Esta convicção, francamente e-

nunciada pelo sr. Braga na sua brochura, parecerá talvez á primeira vista uma falta completa da sisudez e modestia com que todo o escriptor se deve apresentar em publico; attendendo-se, porem, aos estudos complicados e profundos a que procedeu nas capivaras, nos peixinhos e nos quadrantes o popular homœopatha, breve se reconhece que tantos e tão excellentes resultados produziram, que o autor vê-se coagido, a despeito dos gritos da propria consciencia, a estampar nas cento e tantas paginas do seu folheto os actos humanitarios que tem praticado—o que é mais um titulo adquirido á gratidão dos brasileiros que respiram, comem, bebem e cheiram o virus béri-bérico.

*

Quando um livro da ordem do que publicou o sr. Braga começa a introduzir-se na circulação, é de-

ver indeclinavel da critica vir dizer ao publico ignorante si elle é bom ou máo.

N'este caso, a eritica pertence aos homens da sciencia, compromettidos pelos deveres que contrahiram para com a humanidade, a não consentirem que ella obedeça a certos preceitos falsos e erroneos, publicados a titulo de prescripções medicas. A saúde publica é uma cousa muito séria e muito preciosa. D'ella depende a conservação e o engrandecimento material e social da nação.

Assim, não nos compete a nós, que registramos ao correr da penna os factos contemporaneos, a nós que não possuimos o fundo scientifico e a pratica profissional, fazer a analyse do livro do sr. Braga.

Demais, o descobridor do virus fecha os seus estudos mandando-os —ao publico, para que os receba; a Deus, para que os julgue.

N'estas condições, posta uma pessôa diante da obra do sr. Braga, só póde considerar-se uma cousa —ou publico ou Deus.

Ora, não tendo nós a louca pretenção de ser o juiz incorruptivel que julga os mortos e os livros de homœopathia, havemos de nos sugeitar a ser—publico. Portanto, não temos o direito de julgar o livro, só podemos—recebel-o.

Mas, como entendemos que os livros não são simples ornamentos destinados ás estantes da nossa bibliotheca, ao do sr. Braga fizemos mais do que receber—lemol-o.

Lemol-o e, ai de nós! ficou-nos desde então bem patente a nossa obtusidade em assumptos medicos —homœopathicos, anatomicos, pathogenicos e caritativos, porquanto em varios pontos do livro, por maiores esforços que empregassemos, não conseguio a nossa inculta intelligencia comprehender a sua significação.

Desgraçadamente, segundo o pa-

pel que o proprio sr. Braga nos distribuio, não somos apenas uma individualidade bronca e estupida, para qual todas as cousas são obscuras e incomprehensiveis, somos —o publico. Por isso, transcrevemos abaixo os nossos apontamentos, tomados ao lado das passagens que não podemos comprehender e rogamos em nome da humanidade ao sr. Braga, que declara só escrever para o povo e por amor do povo, o favor de vir promptamente esclarecel-as de um modo mais ao alcance dos cerebros profanos em sciencia, afim de que o seu trabalho tenha um resultado real e proveitoso para a dita humanidade.

Pag. 6, linha 16:

Desejavamos saber si uma creatura—cavallo, capivara ou gente, se póde deitar sem ser *horisontalmente*.

Pag. 7, linha 24.

Si o figado do cavallo estando *volumoso* póde ser considerado *sem alteração*.

Pag. 17, linha 20.

Não sendo de nossa parte curiosidade demasiada, pediamos ao sr. Braga o favor de explicar como é que quando s. s. se envenenou por amor da humanidade tinha *expulsação* por cima *e por baixo do ventre*.

Pag. 21, linhas 12 e 13:

O animal tremia das pernas; quiz alliviar a taboa.... sustentei-o por hora e meia....

Duvida: Si foi o animal que quiz alliviar a taboa e si o sr. Braga tendo-o sustentado *por hora e meia*... não ficou com os braços cansados.

Pag. 22, linha 23 e seguintes:

A dóze, applicada simples, sem mistura de *fé robusta*, não será capaz de produzir os mesmos *milagres*?

Pag. 27, linhas 5 e 6:

Não só para bem da humanidade como para interesse da sciencia, está o illustre anatomista de capivaras na obrigação de declarar como é que se serve do *stéreoscopio*—um simples instrumento de salão, que realisa a theoria da *visão binocular*, de Euclydes e de Galliano e serve para apreciar vistas photographicas—para examinar o estado do coração e da aorta abdominal.

Pag. 34, linha 23:

Suppomos carecer de maior desenvolvimento a theoria da *vida apparente*.

Pag. 35, linha 8:

E' util que nos sejam reveladas as proporções da receita do medico, para sabermos quantas grammas serão necessarios do medicamento *retira-se*.

Onde é a *cabeça do espinhaço*?

Pag. 43, linha ultima:

Como é que uma cousa é *contraria* á outra, sendo *á sua semelhança*?

Pag. 50, linhas 19 e 20:

Diga-nos o sr. Braga: apezar de toda a sua paciencia, não se revoltou quando o enfermo teve a *caridade* de recorrer aos seus serviços?

Pag. 51, linha 15:

Pedimos ao digno discipulo de Jahr, pelo que ha de mais sagrado, que nunca faça experiencias do *descanso eterno* como *medicamento*.

Pag. 53, linha 22:

As boxexas com a pelle grudada uma na outra—parece-nos uma theoria nova e que exige uma demonstração scientifica.

Pag. 54, linha 12:

Deixamos aos profissionaes a explicação dos nossos *esgotos naturaes pela sua elevação*,

Pag. 58, linha 1.ª:

O que será *som maciço*?

Pag. 59, linhas 4 e 5.

O illustre curandeiro ha de permittir que lhe digamos que a mulher não é simplesmente um *orgão*.

Pag. 61, linha 17 e seguintes:

As *pessôas atacadas em estado agudo, são pessôas ainda não acommettidas*, mas já *erão beri-bericas ha muito tempo*.

Não haverá aqui uma incoherencia ?

E na mesma pagina, mais abaixo, não é natural a mesma duvida quando o doente, *não podendo dominar os membros e os musculos, toma a direcção que qner* ?

Pag. 62, linha 7 e seguintes:

O sr. Braga, aliás justamente indignado, por tratarem de cavallos aos seus doentes, deve saber que ha uma enfermidade terrivel denominada *tisica gallopante*. Venha s. s. dizer-nos se esta classificação da tisica é somente em relação á rapidez com que se desenvolve ou si tambem ha offensa para os atacados.

Pag. 71, linha 28:

Espera-se da caridade do sr. Braga a lista das molestias que *garantem* a creatura e das que não garantem.

Pag. 72, linha 15 e seguintes:

Vê-se ahi esta classificação:

Mulheres.

Homens de todas as côres.

Côr preta.

Infancia.

Entendemos que o sr. Braga tem de publicar um segundo livro dedicado a esta importante descoberta—o sexo—côr preta e o sexo infancia e, dos 1564 casos inscriptos no seu *quaderno*, quantos pertencem aos novos sexos.

Nas ultimas linhas da mesma pagina fica uma offensa ao *Paiz* que, no dizer do sr. Braga, só foi orgão especial do commercio em 27 de maio de 1876 (n. 64.)

Pag. 73, linha 6:

Propague o sr. Braga a sua descoberta das *viagens em tibornas*. Devem ser mais commodas e mais baratas que em vapores.

Si é certo, como diz s. s. que

os doentes *deixam este mundo pela sua ignorancia*, tenha compaixão do mundo e, por caridade, dê-lhe umas licções de primeiras letras, para que não fique um deserto.

Pag. 77, linha 26:

Dispensamos o chlorato de potassa, os banhos salgados, mas queremos saber como são utilisados os *palliativos da egreja:* si em forma de hostia ou simplesmente em sermões.

Pag. 91, linha 8:

Ha enfermos *atacados* e enfermos *não atacados?*

Pag. 93, linhas 10 e 11:

Como póde ser *absorvida* a albumina depois de *perdida?*

Pag. 94, linha 11:

Temos á vista um velho diccionario que nos ensina que *atrophia* é o *definhamento* de um membro e o sr. Braga diz que o figado acha-se *volumoso* quando está *atrophiado*.

Pag. 96, 1.ª e 2.ª linhas:

Queremos saber como é que vae

para os açougues o estado agudo—si cortado em lombos ou no fato.

Pag. 101, linhas 17 e 18:

Si os granulos de veratrina estão tambem contaminados do virus e precisam ser curados, pedimos que sejam applicados—depois da cura.

Pag. 101, linha 28:

Si tempo perdido é charlatanismo, são um verdadeiro charlatanismo os *Estudos praticos*.

Pag. 102, linha 9 e seguintes:

A creatura illude-se com a sua *vida apparente, quando o corpo é puramente materia e o mais espirito.* O que é que lhe falta então?

Pag. 103:

Na *parte graphica do virus béribérico*, ficamos em duvida sobre o que seja *virus graphico, parte arrostante* e, principalmente, como é que a ilha é *aboboda de uma atmosphera*.

Ficou-nos mais um desejo vehemente de saber como é que o sr.

Braga acha que se podia sanar a *falta de applicação ao gado morboso*. Applicando-o ás bellas-artes? ao fabrico das colheres? á pathogenesia do virus?

Más, sobretudo, abrio-se-nos a boca de pasmo, ao sabermos que tem havido já *algumas mortes sem nunca se poderem curar!*

Mais adiante, resalta uma incoherencia:

Si a capital do Pará recebe *francamente* os ventos do quadrante do nordeste, (pag. 106) como é que está isenta do virus (pag. 111) porque os ventos do quadrante do nordeste sopram para o lado opposto á capital do Pará?

Mais esta: si, em consequencia do encontro dos quadrantes, o sr. Braga sustenta que o Brasil ha de vir a ser um paralytico com 8 milhões de kilometros quadrados e declara que *nunca se convencerá* do contrario, não é razoavel dizendo adiante que *não porá duvida em se convencer*, si lh'o provarem.

Do *Appendice* fica-nos a convicção de que o beri-beri, alem de todos os defeitos conhecidos, é *cynico* e *mentiroso*. Deffeitos de educação.

Temos tambem alguns pontos duvidosos, taes como:

Saber quantos cerebros espinaes tem tido o sr. Braga (Pag. III);

Como é que se descreve um movimento de rotação com a cabeça (pag. IV);

Si não é extremamente exagerada a altura de *70 centimetros* dada aos saltos dos beri-bericos (pag. IV);

porque processo o *anno de 1877* foi reduzido a *chloro liquido* (pag. IV);

qual o modo de conhecer *o comprimento da côr das favas* (pag. V).

* * *

O autor dos *Estudos praticos* nos desculpará de não lhe levarmos pessoalmente estas notas á sua residencia, rua de S. Pantaleão n.

24; mas tambem, isto não é precisamente uma discussão, nem somos *filho de Plutão*.

Nada, não sr.! Somos filho de um negociante da praça do Maranhão, já fallecido, e não viemos discutir com o sr. Braga, nem contestar-lhe as suas idéas.

Tão pouco não exigimos de s. s. —como *O Pensador*, que mande escrever por outrem as suas obras. Ao contrario, desejariamos vêr conservados na sua brochura a narrativa atrahente dos seus estudos anatomicos ao ar livre, nos campos de Monção, sobre as capivaras, os cavallos e os peixinhos; a sua analyse do virus nos homens, nas mulheres, na côr preta, na infancia, na sua pessoa, na do sr. seu filho, nas caxorrinhas de estimação; os seus monologos, em que a sua caridade e o seu desejo de agradar a Deus lhe segredam umas cousinhas em favor do povo; as suas descripções pittorescas dos doentes

e das observações dos medicos; os dialogos espirituosos dos systhemas mãe, filha e neta; a fina ironia jogada á jerobeba do pharmaceutico Bittencourt; os seus conselhos amigaveis aos curandeiros inexperientes.

Somente o que imploramos da caridade de s. s. é que venha esclarecer—a nós, ao publico, ao pobre povo que respira o virus, as duvidas acima apontadas e mais outras que deixamos de citar, porque *O Malho* não é do mesmo tanho dos *Estudos praticos*.

Si, porem, s. s. tiver a crueldade de nada dizer, então teremos o enorme pezar inconsolavel de declarar que os seus *Estudos praticos* são perfeitamente inuteis e o seu trabalho não passa de charlatanismo—isto é, tempo perdido, porque, deixando o povo que o lê mergulhado n'um mar de duvidas, não preenche o fim a que se propoz—o de instruir o povo.

Então seria muito melhor que o sr. Braga, em vez de escrever um livro de 114 paginas somente para convidar a quem quizer interrogal-o para ir a sua casa, se poupasse a essa tarefa limitando-se a mandar para a 4.ª pagina dos jornaes de grande circulação o seguinte aviso:

JOSÉ FRANCISCO VIEIRA BRAGA

Agrimensor

e

bemfeitor da humanidade.

Descobriu o virus beri-berico pelo systhema dos quadrantes e o unico agente para cural-o radicalmente.

Póde ser interrogado em sua casa

24, RUA DE S. PANTALEÃO, 24.

Nota. Precisa de uma pessoa habilitada para o substituir, quando o beri-beri o passar do estado apparente para o estado de cadaver.

*

Resta-nos chamar a attenção do

governo para as theorias dos quadrantes e do virus atmospherico publicadas pelo sr. Braga e convidal-o—ao governo, a tomar estas medidas sanitarias:

Enviar para o rererватorio da Companhia das Aguas alguns frascos de globulos de *veratrum*, de milligrammo e de meio milligrammo;

e mandar erguer, com as pedras do dique, desde a Ponta d'Areia até Alcantara, um alto paredão que impeça a passagem do quadrante de nordeste.

Depois de longa gestação, *Gionhy* deu á luz, no n. 239 d'*O Paiz*, columna e meia de refutação a *O Malho*.

De tudo o que *Gionhy* disse, podemos concluir sem hesitação:

1.º Que *Gionhy* sabe rhetorica, possue o trabalho immortal de Quintiliano;

2.º que *Gionhy* é mais amigo da esthetica que de Barbosa de Godóes Junior, o que não é muito lisongeiro para este senhor;

3.º que *Gionhy* soffre do estomago.

*

Sim, rhetorico *Gionhy*, você soffre do estomago.

Vive mettido no seu gabinete, talvez algum cubiculo estreito e humido, sem ar, sem luz, entre teias de aranha e baratas cascudas—assim é que vivem os sabios: preoccupados com a sua grandiosa missão de castigar os pedantes, sem se importarem com o mundo exterior, com a hygiene, com a limpeza, com a atitude civilisada que cada qual tem a obrigação de tomar perante a sociedade.

D'ahi uma molestia chronica que faz dos sabios como *Gionhy* uns sujeitos,—rhetoricos e estheticos, é verdade, mas rabugentos, phreneticos e malcreados.

Foi por isso que o mestre veio a *O Paiz* colerico, anonymo, zangado, dizer entre pessoas pacatas e decentes umas tantas cousas griphadas, desagradaveis e insultuosas.

*

Você não se zanga se lhe dermos um conselho, *Gionhy?*

Trate de curar-se do seu mal. Saia de madrugada a passeio, aspire o ar saudavel das nossas florestas, banhe-se na irrigação enorme do solo brasileiro, dê umas carreiras sob os raios do sol explendido para desembaraçar os musculos e suar a rabugém, depois tome infusão de pega-pinto e vassourinha, e quando estiver curado, quando souber apparecer diante de gente, risonho, attencioso, e, si fôr possivel, menos rhetorico, então *O Malho* lhe dirá porque é que entende que no Brazil não ha emulação para o trabalho.

Mas antes d'isso,—ó filho de Quintiliano ! isto agora é uma supplica, não é um conselho—não volte ao jornal.

Pelo bem que você quer á sua namorada, não volte.

Porque, malvado ! você vem nos pôr a calva á mostra; assassino ! você vem eclipsar a nossa gloria; barbaro ! você vem dar-nos palmatoadas n'uma epocha em que o castigo corporal é prohibido; antropophago ! você reduz-nos á expressão mais simples !

E nós, magoado, com as mãos inchadas, envergonhado, sem gloria, ignorante, pedante, sem ouvido, teremos de deixar o *Malho* e ir para um canto chorar como os meninos e chamar a você de—máo ! máo ! e máo !

A's 5 horas da madrugada do dia 4 de março do anno de 1851, n'esta cidade de S. Luiz, capital

da provincia do Maranhão, nasceu José Casimiro de Oliveira Fontes.

A's 6 1|2 horas da manhã de sabbado 9 de outubro do anno de 1880, quando n'esta cidade de S. Luiz, capital da provincia do Maranhão se distribuia o n. 2147 do *Diario,* José Casimiro tinha, por consequencia, 29 annos, 7 mezes, 5 dias, 1 hora e 30 minutos de idade.

Até esta idade, não obstante já lhe haver nascido o dente do sizo, ainda José Casimiro não tinha sentido o menor desejo de escrever para o publico.

Mas, de repente, o desejo veio-lhe como vem os furunculos. Um prurido na epiderme, uma manchasinha rubra, coceiras,—e alguns minutos depois ha uma chaga em suppuração.

José Casimiro sentio-se instigado a escrever, pela necessidade de combater o fanatismo, o cancro social e insaciavel que roeu, róe e

ha de roer as sociedades passadas, presentes é futuras.

Como é que se combate o cancro? Com carne crúa.

Como é que se combate o fanatismo, segundo a formula de uma gloria portugueza? Ensinando as sciencias ao povo.

Pois José Casimiro vem atirar a sua sciencia em pedaços de carne crúa na boca escancarada do cancro social.

E' collega d'*O Pensador* e de todos aquelles que defendem a mais sublime das liberdades—a liberdade da consciencia.

Ninguem pergunte a José Casimiro quem elle é para ensinar a pessoa alguma. José Casimiro reconhece que por si só nada vale, mas pedio o auxilio dos grandes homens e os grandes homens disseram que sim: Eil-o, pois, intrepido, corajoso, sibyllino, envolvido na grande luta das sciencias contra o fanatismo.

Elle não tem mêdo. Não! José Casimiro não tem mêdo. Ainda que seja preciso ir ao cemiterio á meia noite, atravessar uma egreja no escuro, encontrar o Beckman n'um lugar deserto, fazer uma viagem ao Cutim na machambomba de sabbado, ás duas horas elle não tem mêdo. Não tem! Não tem mêdo porque vae de braço dado com cinco sabios e escoltado por onze *et cæteras*! Assim garantido, José Casimiro offerece ao povo e ás familias um combate singular, a que dá o titulo de *lucabrações*, o que quer dizer—á noite, á luz d'uma candeia,—ou d'uma lampada, conforme explica o diccionario de Constancio.

*

José Casimiro entra em combate ensinando a astronomia.

«Oh! tristeza! soluça José Casimiro. «Esta sciencia tão util a todos é considerada na nossa pro-

vincia como um bicho de setenta milhões de cabeças ! E d'onde provem isto ? Provém de ser muito difficultosa, porque exige o conhecimento das mathematicas, physica, chimica, historia natural, bellas artes e quatro *et cœteras* ?

«Mas, apezar de difficil, não a occultemos ao povo, prosegue o apostolo das sciencias.

E partindo d'este principio, elle une-se ás autoridades competentes e vem, acompanhado do chefe de policia das mathematicas, do escrivão da physica e do inspector de quarteirão das bellas artes, tratar de remover as difficuldades que encontram as classes pobres quando querem se dedicar á astronomia.

Bemvindo seja você, José Casimiro! Bem haja você, Oliveira Fontes ! que vem, aos 29 annos, 7 mezes, 5 dias, 1 hora e 30 minutos da sua idade cicatrisar o cancro do fanatismo e esmagar os 70

milhões de cabeças do bicho que nós chamamos astronomia, sereno, altivo e corajoso, de braço dado com os sabios, enfronhado nas *sciencias*, unido ás autoridades competentes, tudo acompanhado de &, &, &, &, &, &, &, &.

* * *

N'*O Malho* tem você um applicadissimo discipulo, José Casimiro.

Porque nós estudavamos um pouco de astronomia precisamente no momento em que as *Lucubrações* passaram da luz pequenina da candeia para a grande claridade da imprensa.

E foi uma providencia, José Casimiro, porque nós nos iamos perdendo irremissivelmente.

Os nossos mestres não teem d'isso a menor culpa, porque a um d'elles dá você o braço e o outro acha-se provavelmente incluido em algum &. (*)

(*) Flammarion e Guillemin.

O grande caso é que liamos sem digerir. Todo o pequeno thesouro astronomico que tinhamos amontoado esboroou-se com um piparote das lucubações de José Casimiro, que veio trazer uma nova ordem de comprehensão á nossa intelligencia mal dirigida e mal alimentada.

Vamos tomar a liberdade de comparar alguns trechos das *Lucubrações* com os resultados que tinhamos colhido dos nossos anteriores estudos e veja o leitor—não nos envergonhamos de o confessar—como é que a gente arrisca-se a ficar imbuido de uma sciencia falsa e desordenada, á falta de um guia seguro e penetrante, que ensine o verdadeiro modo de ver as cousas.

José Casimiro conhece uma sciencia chamada *Prespectiva aerea*, a qual se occupa *somente* das sombras. O nosso velho tratado de

aquarella, de Thomas Smith ensina-nos que a prespectiva é *a arte de reproduzir n'uma superficie plana os objectos tal como elles se apresentam em distância á nossa vista.*

Ha a *prespectiva linear*—a que representa os objectos por meio de simples linhas que lhes desenham o contorno e ha a *prespectiva aérea* que os representa com o colorido que lhes é proprio e com as partes luminosas e sombrias.

Em pintura chama-se mais particularmente *prespectiva aérea* a transparencia do céo, as nuvens, os horisontes longinquos, os montes, as arvores ou os edificios esfumados n'um colorido vago.

—A terra, affiança-nos José Casimiro que é *do feitio de um ovo de ema.*

Pois nós estavamos na persuasão de que a velha comparação do nosso planeta com uma laranja não soffreria contestação, parecendo-nos até que os astronomos, basea-

dos em calculos geometricos, declaram que a terra é um *espheroide* —ou, em linguagem vulgar, uma bola, achatada em duas extremidades que se chamam *polos*. Fica n'esse caso, isolada a opinião de quem quizer fazer da terra um ovo —salvo si o ovo tiver levado um murro em cada bico.

—Dá José Casimiro á terra tres movimentos—de *rotação, translação e engolphamento*. Flammarion, menos modesto que Casimiro, sustenta que a terra tem *nove movimentos* (*) Em compensação, o terceiro movimento de Casimiro pretende levar o mundo ao *fundo dos abysmos*, ao *fundo do infinito!* E entretanto, todos nós comemos, bebemós e dormimos tranquillamente, convencidos de que pertencemos ao systema solar e estamos sujeitos ás leis que obrigam todos os planetas d'este systema a des-

(*) *L'Atmosphère*, Capit. 1º pag. 7.

creverem os seus movimentos sempre obedientes ao sol!

—Propondo-se a demonstrar qual o peso que póde suspender um *excellentissimo balão redondo de 3 metros de raio, estando 3/4 do balão cheios de hydrogenio*, José Casimiro, não obstante ter se compromettido solemnemente a dar uma solução aos leitores e leitoras ignorantes na materia, deixa-nos de repente embrulhados nas malhas complicadas do calculo algebrico e não nos dá a solução promettida.

Permitta José Casimiro que o chamemos de ingrato.

*

Das divergencias apontadas, entre José Casimiro e os sabios com quem elle convive, nasce-nos uma vontade de pôr em duvida as aptidões scientificas do medico do cancro social e dizer-lhe muito francamente:

José Casimiro: Você tem apenas

29 annos, ainda deve estudar e aprender outros 29 para vir ensinar sciencias.

Empregue methodo, paciencia e applicação nos seus estudos, meça e péze o seu material de conhecimentos, compare-o com as obras dos mestres e só então appareça em publico no desempenho do louvavel desejo de popularisar a sciencia, mas isto sem termos empolados, com singeleza de estylo, sem obscuridades.

Ao mesmo tempo, porém, acodem-nos umas reflexões:

Acaso os 29 annos de José Casimiro ainda lhe não dariam o discernimento preciso para conhecer que se desviou dos principios consagrados pela sciencia e avançou a proposições desconhecidas e, pelo menos apparentemente,—erroneas ?

Não sendo crivel que elle assim procedesse inconscientemente, que tenha as idéas baralhadas a ponto

de aprender uma cousa e ensinar outra, que queira envenenar a intelligencia do povo dando-lhe propositalmente noções scientificas absurdas, logo José Casimiro não é o simples e humilde discipulo de Laplace e Newton como se quiz inculcar; é um revolucionario que vem derribar de um sopro o trabalho paciente com que muitas gerações de sabios teem consolidado as leis da astronomia; é um Bonaparte da sciencia, mudando a face das cousas em quatro capitulos de lucubrações !

Mas então, José Casimiro, você não tem o direito de subtrair-se á admiração das massas e á gratidão da humanidade, você já não se pertence, é nosso, é universal.

Rasgue em pedaços a capa de modestia em que se embrulhou, dê um empurrão nos velhos sabios que lhe dão o braço tolhendo-lhe o movimento, e levante-se diante do mundo, altivo, convicto, trove-

jante, pregando a nova idéa scientifica.

Ha de soffrer desgostos, isso hade. Que importa ! Como Paré melhorando o modo de laquear as veias, como Harvey sustentando a circulação do sangue, como todos os innovadores emfim, hão de perseguil-o, machucal-o, deprimil-o— a inveja negra, a calumnia pequenina, o insulto pungente, mas o dia da gloria raiará por ultimo e a sua reputação ficará firmada por todos os seculos dos seculos. Amen.

*

Fica, pois, José Casimiro entre estas duas resoluções:

Ou retrair-se, estudar melhor os seus mestres e rehabilitar-se publicamente escrevendo, novas lucubrações mais correctas e verdadeiras;

Ou sustentar a pé firme os principios que enunciou, confundir com a força dos argumentos os zoilos

que se atrevem a contestal-o e proseguir na sua missão reformadora das sciencias levando após si, de rastros, como vencidos, vergonhosos e desarmados, cabisbaixos, conscios da sua ignorancia—Newton, Lagrange Laplace, Flammarion, Schrœter, Beer, Mædler, Struve, Rosse, Maclear, Humboldt, Arago, Delaunay, Herschell, Lavoisier, Warren de la Rue, Littroù, Bond, Le Verrier, Goldschmidt, Secchi, Piazzi, Marth, Watson, Temple, Copernico, Gallileu, Vico, Herelius Ptolomeu, Halley, Tycho-Brahe, Walther, Aristarcho, Thales, os pastores chaldeus, &, &, &, &, &.

O cortejo será precedido por um lacaio do *Cendrillon*, devidamente fardado e empoado, hasteando este distico significativo:

O principe esposa aquella que calçar o sapato.

———

NOTA

Para poupar aos illustres criticos de porta de loja o trabalho de observarem que as cartas dirigidas por Aluizio Azevedo no n. 6 d'*O Pensador* a Frederico Mauriz e Pacifico Cunha, teem notavel semelhança com as que no principio d'este folheto endereçamos a M. de Bethencourt e Aluizio Azevedo, semelhança que fará pinotear de contentamento os ditos srs. criticos illustres por terem descoberto: ou que imitamos a Aluizio depois que lemos *O Pensador*, ou que Aluizio antes de escrever a sua chronica leu a carta que lhe dirigimos, ou que somos associados na redacção das nossas epistolas—apressamo-nos em declarar-lhes que nada d'isso houve.

Quando sahio *O Pensador*, já estavam impressas as primeiras folhas d'*O Malho*, e Aluizio Azevedo

só agora é que vê o que escrevemos.

Para agradar aos srs. criticos declaramos ser-nos bastante sensivel destruir com esta nota uma das malhasinhas subtis e delicadas da sua finissima critica.

JOÃO AFFONSO.

O MAIHO.

Chronica mensal.

Estes pequenos livros, simples e singelos, desambiciosos e humildes, não teem a presumpção da sciencia nem se julgam armados com os instrumentos infalliveis da justiça.

Buscam apenas—a creança da verdade.

Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz
—As Farpas—

1880

DEZEMBRO

JOÃO AFFONSO.

O MALHO.

Chronica mensal.

Estes pequenos livros, simples e singelos, desambiciosos e humildes, não teem a presumpção da sciencia nem se julgam armados com os instrumentos infalliveis da justiça.

Encerram apenas—a creancice da verdade.

Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz.
—As Farpas—

BIBLIOTHECA
— DE —
F. A. PAZ
RIO

1880

DEZEMBRO

João Affonso.

O MALHO.

Chronica mensal.

Estes pequenos livros, simples e singelos, desambiciosos e humildes, não teem a presumpção da sciencia nem se julgam armados com os instrumentos infalliveis da justiça.

Encerram apenas—a creancice da verdade.

Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz.

—As Farpas—

BIBLIOTHECA DE J. M. PAZ RIO

1880

DEZEMBRO

Maranhão—Typ. do Frias.

SUMMARIO

Dupla aurora. **Mistura de hymnos.** Breve descripção das festas do **Hospital Portuguez** desde 1869 até os nossos dias. Uma innovação. O sr. dr. Capella restaurador. Demonstramos a utilidade do seu discurso. «O Malho» orgulha-se. E aperta a mão ao consul de S. M. Fidelissima.—A nossa mala: Carta ao conego **Mourão**. Desejamos-lhe boas entradas de anno. Damos-lhe uma opinião franca acerca das suas epistolas aos maçons. Carta a S. Exc. o sr. Presidente da Provincia: A higyene e o Caes da Sagração. Atrahimos as vistas de S. Exc. para outros fócos de infecção. O cano da rua do Trapiche e o monturo da rua de **Sant'Anna**. Agradecimentos a S. Exc. Carta ao dr. Paula **Duarte**, representante da provincia: **Quando o encontramos** pela primeira vez. Musica, foguetes. O systema inglez. Esquenta-se o auditorio. O dr. vae para a **Côrte**. **Ahi** só faz duas cousas: uma descompostura e um disparate. Recado da provincia. Recado nosso.—O que um cicerone maranhense nossa a estrangeiro. Bellezas que ficam no tinteiro. Gonçalves Dias, o «Ville de Boulogne», a palmeira onde canta o sabiá, o tronco da palmeira. A casa dos Educandos. Habilitações do sr. coronel Serra Lima como educador. A exposição annual. Necessidades urgentes. Atheismo em toda a parte. O discurso Aureo dos Reis. Immoralidades flagrantes e contemporaneas. Aureo dos Reis preso no portfolio. Faltas relativas e faltas absolutas. O que os Lycurgos teem feito aos soldados e o que não lhes é dado fazer.—Referimo-nos a uma these já sustentada. Os padres são positivistas. O nosso sino [illegible] nossa porta. O nosso jogo de gar[illegible] la[illegible] to[illegible]

«Civilisação» trouxe-nos um alegrão. Um artigo revolucionario. Recommendamo-lo. Transcrevemos alguns topicos. Deducções que tiramos. O que acontecerá, operadas certas reformas. O sr. Bispo, o sr. Mourão, o sr. Castro, o sr. Fonseca, o sr. Osorio, o sr. Maia, os srs. Candido Mariuho, Serejo, Carino, Miranda, &, &, restituidos ao mundo. Arroz de cuchá, paz e felicidade.—Movimento litterario ao norte do Imperio. Codigo de civilidade christã, pelo Bispo do Pará. Historia do Brazil, por D. Herculana Vieira de Souza. Do Pará á Colombia, por Francisco Xavier Rodrigues de Souza. O Remorse e O Condemnado á morte, por Arthur Jansen Tavares.—Idalia França. Suas qualidades e seus defeitos. Amamos mais a dança que a musica. Descripção pittoresca das nossas salas. A quadrilha e suas evoluções em varias lingoas. O que se segue. Conclue-se explicando porque não gostamos da musica. Dados estatisticos da nossa população livre e do numero dos nossos musicos. Quem applaudio Idalia França. Citam-se nomes. Nosso modo de ver quanto ás ovações.—Cartão de visita á Pacotilha.—Uma carta do dr. Alfredo d'Escragnole Taunay. O padre José Mauricio, musico sacro, mas desconhecido. O dr. Taunay trabalhando debalde. Lembramos um expediente. E dizemos porque.—Uma noticia triste. Apuros do Gabinete Portuguez de Leitura. Uma idéa luminosa.—A partida do conego Purificação. Um erro de tactica do sr. Bispo. Nossos cumprimentos ao conego.—Algumas paginas á memoria de Frederico Mauriz.

A aurora do 1.º de Dezembro não foi somente o arauto annunciante do mez do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo; foi tambem, como a de 28 de Julho e a de 7 de Setembro, a aurora da liberdade, da gloriosa restauração, da independencia, mas lusitana d'esta vez.

Foi por isso que ella, a aurora, consciente da sua dupla missão, apresentou-se n'esse dia n'uma *toilette* alem de todas as descripções do velho Homero: mais risonha, com os dedos mais côr de rosa, mais fresca, com as nuvens mais franjadas de purpura e ouro.

Mal que ella tingio o horisonte com a sua claridade alegre e enviou aos pontos culminantes da cidade os seus primeiros beijos luminosos, a sua apparição foi saudada por

quatro girandolas de foguetes e duas bandas de musica executando promiscuamente, n'uma desharmonia grata aos sentimentos fraternaes, os hymnos de Portugal e do Brazil.

Ao mesmo tempo nos torreões lateraes do hospital portuguez desdobraram-se ás brisas balsamicas da manhã o pavilhão das quinas e a bandeira do fumo e do café.

Foi assim que começaram os festejos da Real Sociedade Humanitaria 1.º de Dezembro no anno da graça de 1880, igualmente como no de 1869 e seus subsequentes até a presente era.

Missa solemne pela salvação das almas dos gloriosos martyres da restauração; sessão solemne com discursos analogos ao acto; illuminação a gaz com o distico *Caridade* e dous astros rutilantes; fogos de vista no pateo; o bazar com os bordados de tapete, os bonecos allemães e a espirituosa rosca; os passeios ao jardim entrando por uma porta e saindo por outra, a nympha do chafariz, os canteiros symbolicos, as latadas de maracujás; os criados de laço azul e branco; o livro dos donativos—tudo isto se reproduz textualmente, com uma fidelidade photographica, com uma infallibilidade de caixa de musica, todos os annos, ponto por ponto, artigo por artigo, perfeitamente identico ao dia da installação, como uma roupa que só sae da gaveta da commoda em certa e determinada occasião.

Este anno, porém, no meio da uniforme monotonia d'esta festa pautada, moldada sobre as anteriores, houve uma vibração estranha, uma nota nova, scintillante, viva, a cortar a solemnidade soturna e pesada das ceremonias legendarias com a sua voz aguda e risonha.

O espirito arrojado e innovador

que atreveu-se a dar um piparote nas empoeiradas chapas dos festejos da Sociedade Humanitaria, o novo João Pinto Ribeiro, que arrancou das garras da cachexia a significação patriotica d'esses festejos, foi o proprio representante da nação portugueza—foi o Sr. Dr. Capella.

Todos conhecem, si não de o ter ouvido, pelo menos por tel-o encontrado transcripto nos diarios, o notavel discurso que o Sr. Dr. Capella proferio na sessão solemne da Sociedade Humanitaria 1.º de Dezembro. Pois bem: foi precisamente esse discurso que, na sua simplicidade elegante e modesta, iniciou uma revolução.

Nunca, n'aquelle recinto atapetado, ornado de cortinados de renda, n'um ambiente carregado de emanações carbonicas de flores, de suóres e de respirações agglomeradas, perante os bigodes louros do Se-

nhor D. Luiz 1.º fardado de almirante e agazalhado n'um manto de velludo, perante as casacas quadragenarias da directoria da Humanitaria, sob os olhares velutineos do madamismo, ao som acariciador dos leques palpitantes—nunca palavras mais estranhas e mais novas passaram de umas tiras de papel tremulamente seguradas por mãos enluvadas de *gris perle* para os labios graves e imponentes de um cavalheiro de fardão bordado, com espadim á cinta e fita de S. Thiago ao pescoço.

Diante d'essas phrases fortes, incisivas, penetrantes como as balas conicas das metralhadeiras, os chavões pesados e convencionaes, os termos consagrados, a rhetorica estafada e inutil, os peitos lusitanos, o sobredito Pinto Ribeiro, os grilhões da tyrania, o anjo da victoria, o castelhano abatido, o glorioso pendão das quinas,—tudo fugio

espavorido, ridiculo, feio, velho, gasto!

Póde muito bem ser que para muitos o discurso de Sr. Dr. Capella escandalisasse a figura da patria, pela carencia absoluta dos chavões acima mencionados, e que um—*nem por isso!*—desdenhosamente caido de mais de uma boca profundamente entendedora da materia acolhesse a audição ou a leitura d'elle; para nós, porém, o Consul de Portugal não podia de melhor forma dirigir-se aos seus compatriotas reunidos para solemnisar o advento das liberdades patrias.

Si com toda a justiça uma gazeta portugueza notou que o Sr. Dr. Loureiro assignalou profundamente o seu consulado tomando uma parte activa na fundação do hospital portuguez no Maranhão, o Sr. Dr. Capella mostrou ter uma comprehensão nitida e bem intencionada do

seu dever, concorrendo para arredar da obra do seu antecessor os entraves que o sentimentalismo, a caridade poetica, o excesso de philantropia lhe possam acarretar.

Foi por isso que o seu discurso repellio o phraseado balôfo usado e abusado entre nós, para dirigir em algumas linhas singelas, amigas, despretenciosas, mas sadias, boas, uteis, aos seus compatriotas ausentes ha annos do sólo natal, noções exactas das tendencias e dos progressos portuguezes, encaminhados por uma geração de intelligencias trabalhadoras, praticas, compenetradas da inabalavel convicção de que a causa do atraso portuguez tão exactamente reproduzido no atraso brasileiro é a nossa carolice religiosa, a nossa mania romantica, o nosso temperamento molle, a nossa anemia hereditaria; noções proprias a fazer repercutir o echo das reformas dis-

pertadas pelo tricentenario de Camões nos portuguezes do Maranhão, já acclimatados n'esta terra lyrica, abstracta, devaneadora, onde todos decoram Gonçalves Dias e ninguem conhece Teixeira Mendes.

O Malho, orgulhoso e satisfeito de vêr que á fraqueza dos seus esforços vem juntar-se a palavra eloquente de uma pessoa que, pela sua illustração e pela alta posição que occupa na sociedade maranhense, póde influir poderosamente na propagação das idéas que estes humildes livrinhos se propuzeram apregoar, pede permissão ao sr. dr. Capella para transpor ousado a distancia que separa o representante de uma nação de um simples torturador da nossa commum grammatica e apertar entre as suas mãos calosas a mão sempre vigorosamente *gantée* do Consul de S. M. Fidelissima.

Illm. e Reverendissimo Sr. Conego—Arcipreste, Dr. João Tolentino Guedelha Mourão.

A paz do Senhor, a abundancia da sua divina graça, a inspiração do Espirito Santo, a eloquencia de S. Thomaz de Aquino, o estylo de Santo Agostinho, a logica de Louis Veillot, muitas socias no Coração de Jesus, muitos assignantes na *Civilisação*, demasia de confessadas, grande procura de cartas aos maçons, chuva de elogios nos periodicos catholicos, a confiança illimitada do sr. Bispo, coragem machabeana, amizade inalteravel do Sr. Padre Fonseca, muitos mimos das devotas—eis o que de coração desejamos a Vossa Reverendissima no novo anno de 1881, sem interrupção, sem desgosto, desde a Circumcisão até o S. Silvestre.

Visto que Vossa Reverendissima nas suas horas vagas entretem-se

em dirigir-nos cartas impressas para aproveitar as aparas do papel da *Civilisação*, tomamos a liberdade, para completar o numero de paginas d'*O Malho*, de dirigir á Vossa Reverendissima a presente epistola que rogamos a Deus penetre mais profundamente no seu espirito do que as suas teem callado no animo rebelde da maçonaria.

Não supponha, porem, Vossa Reverendissima que temos em vista deffender a gente da rua das Creoulas contra os ataques que a benta penna de Vossa Reverendissima tem vibrado em algumas transcripções cheias de tres pontinhos e adubadas com as doutas philosophadellas do Conde de Samodães e de Monsenhor de Ségur. Temos pela seita mysteriosa, cujo ceremonial se confunde com os dourados, as alfaias, e os gestos symbolicos do rito catholico, um respeito misturado de horror e de

mêdo. Arripia-se-nos o fio do lombo á lembrança tétrica e pavorosa dos boléos que o irmão terrivel faz soffrer aos pobres candidatos ao atheismo; sonhamos ás vezes com o bóde preto cornudo e arripiado, lançando fógos de Bengala pelos olhos e enxofre pelas ventas, pinoteando endiabrado, com berros atroadores e gargalhadinhas zombeteiras, por entre os Kadosches de facha e dalmatica e bigodes napoleonicos; cahimos com uma syncope de desolada piedade christã á leitura d'aquella monstruosa formalidade da hostia consagrada que Vossa Reverendissima soube descobrir entre as condições que a maçonaria impõe.

Bem vê, portanto, Vossa Reverendissima que esta carta desvia-se totalmente do caminho que a muita gente pareceria provavel, para estabelecer, pura e simplesmente, um quarto de hora de pa-

lestra entre nós e Vossa Reverendissima.

Isto posto, pedimos permissão para collocar as cousas nos seus competentes logares.

Primeiro que tudo, deixemos este ar de polidez affectada, esta maneira reservada de tratar, este systema de conversar catando phrases e esmiuçando termos roliços e torneados. Façamos de conta que Vossa Reverendissima jantou em nossa casa. Veio o café e o chartreuze. A fumaça dos charutos desenha arabescos caprichosos em roda do globo fosco do candieiro. A conversa, azougada pela pimenta do carurú e pelos vapores do Xerez anima-se, propaga-se, scintilla. Ha bem estar, ha familiaridade. Agrada-lhe? Ou então—outra hypothese—fomos nós que jantamos com Vossa Reverendissima no seu quartinho do Seminario Maior o seu feijão de boia e o seu magro

peixe cosido em agoa e sal. Depois d'esta refeição ascetica, sentamo-nos junto á janella, á fresca, olhando a paysagem que desmaia á luz do sol poente, observando a vegetação verde-negra que enche o valle cavado á nossos pés, vendo passar os transeuntes na rua do Pespontão.

Em todo o caso, estamos defronte um do outro, amigos, de harmonia, sem *arrière-pensée*, como dous rapazes da mesma idade que se tratam por tu e fazem communismo nas ceroulas e nos lenços.

E é nestas condições, conego, que eu venho perguntar a você que diabo suppõe estar fazendo com as suas cartas á maçonaria. Não obstante a mobilidade do seu estylo, que dá uns saltos bruscos como um barometro durante uma tempestade e ora é patriotico como a *Marselheza*, quando faz dos maçons maranhenses revolucionarios

inimigos do throno e da constituição; ora é sybillino e fulminante quando quer demonstrar o atheismo dos tres pontinhos; ora é calmo e unctuoso como uma colherada de *crême au chocolat*, quando procura introduzir nas almas perdidas o arrependimento e a conversão; ora é insolente e praieiro quando xinga o Armando e quer metter na cadeia o orgão da sociedade moderna; não obstante tudo isto, conego, as cartas que você profusamente faz distribuir pelas escadas, pelos corredores, nas lojas, nas quitandas, com um deposito sortido no seminario e outro em casa do nosso amigo Euclydes Faria—são mera patacoada, sem effeito proveitoso, sem cunho de seriedade, sem um fim util.

Porque você bem sabe, João, que no Maranhão quasi todo o homem da sociedade é maçon; você sabe, Tolentino, que, em consequencia, os

nossos maçons são uns bons sujeitos, morigerados, burguezes, excellentes paes de familia, monarchistas, religiosos, sustentaculos das confrarias, pagadores de missas, assignantes da *Civilisação*; você sabe, Guedelha, que a maçonaria não tem parte na opposição que aqui se faz ao clero e que toma um trimestre d'*O Pensador* como si fôra *O Paiz* ou o *Publicador Maranhense*; você sabe, Mourão, que as suas cartas só teem a importancia que você proprio lhes dá. Portanto, insistir n'ellas é fazer um papel ridiculo, é vestir-se de papão de caixa de amendoas e combater moinhos de vento com folhas de papel.

De duas uma: ou você reconhece a nossa maçonaria como uma sociedade pacata, inoffensiva, incapaz de tramar sedições e de renegar a Deus e é perfeitamente inutil e até impertinente andar a azoinar-lhe a paciencia com insultos e conselhos

nas irmandades e de deitar agoa de cheiro no lenço!

Assim é que queremos ver um conego como você, que vive da polemica, que ama a luta, que aguentou o repucho no Pará e que veio para o lado do Sr. D. Alvarenga como uma palmatoria que o mestre põe de prevenção em cima da meza emquanto o alumno gagueija a lição.

Tudo o que não fôr isto—a linha recta, o ataque directo: é pequenino, ridiculo, vilão, improprio, tacanho, desmoralisador.

Ahi tem você, conego, em quatro palavras, francamente, sem gritos, sem floreado, na nossa linguagem bruta e aspera, a cousa exposta, clara, terminante, direita como ella é.

Não sophisme agora e não venha dizer que somos propriedade da maçonaria ou instrumento do *Diario do Maranhão*.

Si esté nosso modo galhofeiro e *sans façon* de tratar feril-o na sua dignidade sacerdotal, abra o seu postigo da *Civilisação* e diga cá para baixo:

—Seu mestre, olhe que não lhe damos confiança....

que nós, respeitosos, retirando a familiaridade mas sustentando a nossa opinião quanto ás cartas, nos confessaremos

de Vossa Reverendissima

Amig.·. e Criad.·.

J.·. A.·.

Illm. e Exm. Sr. Presidente da Provincia.

Vossa Excellencia, para provar que não é um administrador de eleições, d'estes que vem e vão, tendo, quando muito, assignado o expediente. tem tomado a peito

realisar certos melhoramentos de que esta cidade carece.

Um d'elles e o que sem duvida mais tem preoccupado as boas intenções de V. Exc., é o nosso estado sanitario. Dizem-nos que V. Exc. é medico, e como tal attingio desde logo qual a medida urgente a tomar em ordem a dotar os nossos pulmões com um ar mais são, mais respiravel.

Effectivamente, Exm. Sr., nós somos uma população pôdre. Temos a variola, o sarampo, o thypho, o beri-beri, uma certa quantidade notavel de molestias de coração. Isto junto á *Civilisação*, á poesia lyrica e á nossa fama litteraria, faz do Maranhão um fóco insalubre que só poderá ser extincto com um caes ate os Remedios e uma reforma nos costumes.

Como V. Exc., não é palmatoria do mundo nem vem para aqui corrigir os nossos vicios sociaes, limi-

tou-se a plancar
dencia apontada e
ou uma commissão
bida de dar
sado sobre o assu

Dita commissão,
do seu mandato, e
latorio, do qual se

1.º Que as ma
Sagração, não enc
guns logares uma
lhes opponha, esp
misturar-se ao li
beira da praia;

2.º Que d'esta
á acção do sol arde
se miasmas venen

3.º que estes m
sa, não só das febr
de ordinario nos
innitas outras enfe

4.º que a conclu
bora não possa c
total extincção dos
endemicos, traz com

nas irmandades e de deitar agoa de cheiro no lenço!

Assim é que queremos ver um conego como você, que vive da pólemica, que ama a luta, que aguentou o repucho no Pará e que veio para o lado do Sr. D. Alvarenga como uma palmatoria que o mestre põe de prevenção em cima da meza emquanto o alumno gagueija a lição.

Tudo o que não fôr isto—a linha recta, o ataque directo: é pequenino, ridiculo, vilão, improprio, tacanho, desmoralisador.

Ahi tem você, conego, em quatro palavras, francamente, sem gritos, sem floreado, na nossa linguagem bruta e aspera, a cousa exposta, clara, terminante, direita como ella é.

Não sophisme agora e não venha dizer que somos propriedade da maçonaria ou instrumento do *Diario do Maranhão*.

Si esté nosso modo galhofeiro e *sans façon* de tratar feril-o na sua dignidade sacerdotal, àbra o seu postigo da *Civilisação* e diga cá para baixo:

—Seu mestre, olhe que não lhe damos confiança....

que nós, respeitosos, retirando a familiaridade mas sustentando a nossa opinião quanto ás cartas, nos confessaremos

de Vossa Reverendissima

Amig.·. e Criad.·.

J.·. A.·.

Illm. e Exm. Sr. Presidente da Provincia.

Vossa Excellencia, para provar que não é um administrador de eleições, d'estes que vem e vão, tendo, quando muito, assignado o expediente, tem tomado a peito

realisar certos melhoramentos de que esta cidade carece.

Um d'elles e o que sem duvida mais tem preoccupado as boas intenções de V. Exc., é o nosso estado sanitario. Dizem-nos que V. Exc. é medico, e como tal attingio desde logo qual a medida urgente a tomar em ordem a dotar os nossos pulmões com um ar mais são, mais respiravel.

Effectivamente, Exm. Sr., nós somos uma população pôdre. Temos a variola, o sarampo, o thypho, o beri-beri, uma certa quantidade notavel de molestias de coração. Isto junto á *Civilisação*, á poesia lyrica e á nossa fama litteraria, faz do Maranhão um fóco insalubre que só poderá ser extincto com um caes ate os Remedios e uma reforma nos costumes.

Como V. Exc., não é palmatoria do mundo nem vem para aqui corrigir os nossos vicios sociaes, limi-

tou-se a planear a primeira providencia apontada e para isso nomeou uma commissão medica, incumbida de dar o seu parecer abalisado sobre o assumpto.

Dita commissão, no desempenho do seu mandato, elaborou um relatorio, do qual se deprehende:

1.º Que as marés no Caes da Sagração, não encontrando em alguns logares uma muralha que se lhes opponha, espraiam-se e vão misturar-se ao lixo depositado á beira da praia;

2.º Que d'esta mistura exposta á acção do sol ardente desprendem-se miasmas venenosos;

3.º que estes miasmas são causa, não só das febres paludosas que de ordinario nos atacam como de muitas outras enfermidades;

4.º que a conclusão do caes, embora não possa concorrer para a total extincção dos nossos males endemicos, traz comtudo um me-

CORREÇÃO

lhoramento importante para a hygiene.

Até aqui muito bem. Documentado com a opinião de alguns facultativos, V. Exc. fez levantar plantas, confeccionar orçamentos, e sem duvida dirigiu-se ao ministerio respectivo, reclamando os indispensaveis fundos para a realisação da obra. E disse, Exm. Sr., disse! Fica n'isto a obra do caes. Emquanto depende da vontade de um presidente, da opinião de cinco medicos e dos desenhos d'um engenheiro, vae tudo muito bem; desde que vai ao poder central e entra na pasta de uma qualquer secretaria de negocios, bumba! foi pedra que cahiu no poço.

Não dizemos isto por caturrice, por lamentação piégas, por acharmos que o Maranhão tenha sina de cachorro e caveira de burro, porque entendemos que só é tolo quem quer; mas é que, sendo nós

um pobre povoado anemico e fazedor de versos no extremo norte do imperio, não tendo politicos de posição como os bahianos, deputação gritadora como Pernambuco, vencedores no *Sport* cavallar como S. Paulo, tendencias republicanas como o Rio Grande, lombo de porco e Martinho de Campos como Minas; vivendo nós apenas de um passado com meia duzia de mortos legendarios—o Gonçalves Dias, o João Lisbôa, o Odorico Mendes, o Sotero, o Gomes de Souza; sendo o nossa influencia politica um mytho com dous idolos—João Pedro Dias Vieira e Francisco José Furtado; é claro que o ministro das obras publicas, o mesmo que nos mandou aproveitar os rios quando lhe pedimos locomotivas, aconselhar-nos-ha agora...mudança de ares. Para dissecar pantanos e dissipar miasmas, dirá a nobre capacidade de farda bordada e chapéo

de plumas, ha no Maranhão cousa mais simples e proveitosa do que atterros e caes—ha o passeio ao Cutim e os ares de S. Bento.

Entretanto, visto que V. Exc. fez da nossa saude uma das preoccupações da sua administração, incumbimo-nos de ministrar a V., Exc., algumas informações tendentes a aproveitar as suas bôas disposições n'uma area mais limitada, mas que tem a vantagem de não ser preciso subir á sancção do poder central.

Si o Maranhão não tivesse recebido do acaso a suprema felicidade de ser uma capital accidentada de ladeiras que de inverno facilitam-lhe a limpeza, ha muito que cada uma das nossas ruas seria um chiqueiro e cada cidadão um suino de chapéo de pello e botas de verniz.

Porque, Exm. Sr., saiba V. Exc. que não só dos lameiros das praias

nos vem as enfermidades. Por toda a parte a porcaria manifesta-se sob varias formas e com diversos gráos de intensidade, a inocular-nos por todos os póros a epidemia, o desiquilibrio dos principios vitaes.

V. Exc. vê a Illustrissima Municipalidade reunir-se de mez em mez e votar entre dous bocejos e uma conversa familiar, recostada nas suas cadeiras de espaldar, sob as vistas magnanimas de um joven D. Pedro 2.º lithographado, o pagamento de algumas contas e o concerto de algumas calçadas, com o vagar de quem não tem mais obrigações a cumprir; vê a repartição da Saude Publica limitar-se a visitar os paquetes que entram e assignar cartas limpas aos navios que saem; teve talvez noticia de que uma revista medica aqui iniciada a esforços d'um illustre pratico, passou para uma outra vida com poucos mezes de existencia,

como uma cousa imprestavel e desnecessaria; vio ainda ha pouco um profissional allopathico e um homœpatha amador debaterem-se na na imprensa—em assumptos grammaticaes; e persuade-se, na sua bôa fé, que o Maranhão, si não fôra o pantano da Praia pequena—pobre bóde expiatorio!—seria a realisação d'aquelle proverbio chinez que diz que tudo vae a maravilha quando os medicos andam a pé e os padeiros a cavallo.

Pois vamos provar o contrario e para isso tomamos, ao acaso, dous exemplos.

Exemplo I

A rua do Trapiche é um local muitissimo concorrido de dia e a noite muito habitado: é uma das principaes artérias do bairro commercial e a residencia de grande numero de caixeiros.

Por baixo do leito da rua corre

um braço do esgoto geral, que, ramificando-se, vae lançar ao mar, por diversas aberturas, as limpezas da parte baixa da cidade.

Ou porque esteja entupido o cano, ou porque seja invadido pelo lodo da praia, ou por outra qualquer causa que escapa aos nossos calculos mas que impõe-se ao nosso olfato, o caso é que durante as horas dos grandes calores, exactamente quando é mais animado o transito, desde o caes de Campos Mello até o canto da Sra. Catharina Rosa Ferreira de Jesus, pelos interstícios das calçadas, pelas fendas das pedras, pelas lageas dos respiradouros, pelas bocas de lobo, infiltra-se, insinua-se, expande-se na atmosphera, entra pelas casas, penetra pelos narizes, impregna-se nas roupas—um cheiro, perdão! um mau cheiro!

Para poupar a V. Exc. o trabalho de verificar pessoalmente a ve-

racidade da nossa narrativa, quizeramos traduzir em signaes typographicos o que é esse cheiro, mas é inteiramente impossivel. Todo o vocabulario technologico das sentinas, das podridões, das cousas fedurentas, a mistura de todas as decomposições organicas, de todas as exhalações malsans, de todas as fermentações, uma phrase incisivamente arripiadora de Victor Hugo, um periodo francamente realista de Zola, a analyse profunda de um especialista—são impotentes para exprimir o que elle possue de terrivelmente encommodo, de excessivamente malefico!

Na impossibilidade absoluta de podermos traduzir em vernaculo o referido máo cheiro, o nosso melhor desejo seria ter a rara ventura de entreter relações com a Illustrissima Edilidade a quem incumbe o concerto dos canos e a respeitavel Saude Publica que deve olhar pela

hygiene, e, quando um feliz bamburrio nos fizesse encontrar algum dos seus dignos representantes nas immediações do cano, forçal-o a parar no passeio do armazem dos Srs. Maia, Oliveira & C.ª, demoral-o uma bôa hora a conversar politica, vida alheia, loteria de S. Paulo, reforma eleitoral etc., etc., em quanto elle sorvia a pitada que o nosso meio de vida diariamente introduz-nos pelas ventas.

Mas como, desgraçadamente, a nossa infima posição social privanos de effectuar este plano, apenas depomos ante V. Exc. a expressão de desabafo do nosso nariz infeccionado e da nossa saude ameaçada.

Exemplo II

Quem sóbe a rua de Sant'Anna vê, entre a esquina da Travessa do Theatro e os Covões, uma casa que nunca foi acabada. Uma fachada de

pedra e cal sem rebôco dando para um chão devolúto em declive com casebres e calogios de aluguer. A um lado, porém, na frente, no lugar que serviria de sala si o edificio se terminasse, existe um deposito de lixo, cujo nivel já chegou á altura das aberturas das janellas e que em breve trasbordará para a rua. Toda aquella visinhança, aproveitando-se d'aquelle commodo abuso, vae ali deitar as suas varreduras, os seus ratos inchados, os seus gatos mortos, os seus restos de comida, as suas pennas de gallinhas, os seus caroços de jussára e de burity as suas cascas de fructas—e toda esta cousa junta, n'um terreno humido, azedando, apodrecendo, revolvido pelos cães famintos e pelas gallinhas, não é certamente uma garantia de bôa saude aos moradores proximos.

J'en passe, et des meilleurs, Exm. Sr.

N'esta boa terra onde até os gatunos são intelligentes e habeis, temos todos liberdade plena de nos envenenarmos reciprocamente. Os refinadores de assucar teem defronte da porta úm enxurro de lama, as mercadoras de peixe concertam-n'o em plena rua, quem não tem quintal vasa de madrugadinha os productos nocturnos do seu organismo ás ventas do visinho, o Fula exibe-se no Mercado, nú, immundo, fedurento, a carne é, as-vezes, insupportavel, o peixe nem sempre respeita a postura que prohibe o timbó.

Bem vê V. Exc. que, emquanto o páo vae e vem, emquanto não consegue levantar um muro contra a morte no Caes da Sagração, pode, chamando a Municipalidade ao rego do dever, instigando um pouco a Saude Publica, realisar

em parte e por outro lado o seu caridoso empenho de melhorar o ar que respiramos e a comida que ingerimos, concorrendo assim, com a reforma operada nos nossos pulmões e no nosso estomago, para extincção do beri-beri e do lyrismo.

No primeiro caso, conte V. Exc. com o agradecimento de toda a população maranhense e no segundo com o applauso, fraco mas sincero, d'este que se confessa com muito respeito e consideração

De V. Exc.
Criado e Venerador.

Illm. Sr. Dr. Paula Duarte.
Nosso representante na Camara temporaria.

Lembra-nos ainda a primeira vez que tivemos o prazer de encontrar V. Exc.

Foi n'um meeting politico, no

theatro S. Luiz. A lei do terço votada, o partido liberal da provincia deliberara entrar em acção e pleitear o seu direito na proxima campanha eleitoral.

Emquanto uma banda de musica chamava no salão de baixo a concorrencia dos curiosos e uns foguetinhos de nove bombas arriscavam-se timidamente a festejar com antecipação as victorias liberaes, V. Exc. percorria os grupos com palavrinhas doces e sorrisos meigos como uma abelha diligente pousando de flor em flor, enfiando o braço no de algum pobre procurador de causas, passando a mão nas costas dos capangas, distribuindo vigorosos *shake-hands* aos phosphoros de cabeça preta e palitot de brim serzido nas costas.

Depois, passamos para a platéa. Os oradores occupavam no palco o primeiro plano e de lá dirigiam-se ás massas, endeusando as ideas li-

beraes, seringando nas veias entorpecidas dos correligionarios um sangue novo, quente, vivo, destinado a levantar o partido do marasmo em que estivera durante uma dezena de annos de ostracismo e de perseguição.

Tocou a vez a V. Exc. Houve um sussurro precursor dos grandes silencios e das attenções profundas. Um sugeito declarou, baixinho, ao nosso lado, que V. Exc. fallava pelo systema inglez. A esse tempo V. Exc. tomara uma cadeira que equilibrou sobre as pernas trazeiras como o actor Brazão no 3º acto do Kean e de perna cruzada, com um meio sorriso a aformosear-lhe a barba bem penteada, todo *gentleman*, de pastinhas lisas na testa, o lencinho de seda a transbordar do bolso do peito do frak azul, com uma voz clara, nitida, calma, amiga, teve segundo a velha expressão consagrada aos oradores elo-

quentes e persuasivos, o auditorio preso aos seus labios n'uma rapida meia hora, tocou na corda do patriotismo, das liberdades populares, da *unitè*, da *egalitè*, da *fraternitè*, fez promessas, acariciou desejos, animou esperanças, esboçou reformas, planeou progressos, jurou desforras, rugio vinganças— terminando no meio d'uma estrondosa trovoada de applausos, que degenerariam em Marselheza si o povo do Maranhão não tivesse sangue de orthoptéro cancrelato.

Ficou-nos d'esse meeting uma impressão agradavel vinculada na imaginação e a nossa bôa fé, a nossa ingenua maneira de julgar todo o homem na obrigação de fazer o que diz, alliou á belleza varonil de V. Exc. um caracter de tempera rigida, inquebrantavel,— alma de espartano, em roupas do Raunier ou talvez do Poll, com flor na *boutoniére*.

V. Exc., porém, encarregou-se de dar um golpe brusco e profundo n'esta nossa convicção, e muita gente como nós ficou de queixo a uma banda, vendo-o, na ultima assembléa provincial, servir de patrono a um orçamento inqualificavel, que o obscuro sugeito que lhe dirige estas linhas caricaturou entre uma peça de artilharia e um bacamarte de boca de sino.

Encaixado na Assembléa Geral, V. Exc., o orador fluente, o patriota enthusiasmado, o reformador progressista, o apostolo da igualdade, metteu-se nas encolhas e aqui, na provincia, só lemos o nome de V. Exc. nos *comptes rendus* parlamentares duas vezes. A primeira vez quando S. Exc. lavou a sua roupa com o Dr. Juca Belfort e a segunda, ultimamente, para exigir que o Ministro dos Estados-Unidos não jante nem responda cartas sem licença do governo.

Francamente, Sr. Dr., a provincia não esperava isto de um representante que a emballara com promessas tão melifluas e historias tão agradaveis.

Comprehende-se bem que a idéa da emancipação dos negros não tenha por emquanto grande numero de amigos nas Camaras brasileiras —uns representantes teem fazendas cheias, outros querem fazer passar os seus projectos, alguns são compadres dos proprietarios do genero negro, muitos talvez tenham recebido instrucções particulares ministeriaes, alguns teem horror á mistura que póde sobrevir, produzindo assim uma feia nodoa preta sobre a brancura nitida da sua pelle descendente de portuguezes—mas fazer como V. Exc. fez, levantar-se em plena assembléa para dirigir ao governo a interpellação mais chenchen que se póde imaginar, a exigencia mais tola,

querer que um enviado d'outra nação, com residencia na Côrte, não possa mover-se sem licença, crear ao pobre Mr. Hilliard difficuldades como esta:—«*Illm. Sr. Ministro dos Estrangeiros. Peço permissão a V. Exc. para fazer a barba hoje e garanto que isso em nada implica os publicos negocios d'este Imperio,*» ou então:—«*Tenho a honra de communicar-lhe que vou hoje dar um passeio a Nictheroy no bond a vapor. Póde ficar tranquillo que não fallarei aos negros,*» exigir, querer isto — disparate, doutor! perfeito disparate; atirar-se depois contra o projecto de limpeza das nossas vergonhas, ainda tenro e sujeito a um regimem de colherinhas de chá com agoa e assucar e mamadeira duas vezes por dia, atacal-o como uma calamidade publica, uma desgraça nacional, o desmoronamento das instituições, a morte da sociedade, a atrophia dos principios,

perder o bello sangue-frio do seu systema inglez, esbogalhar os olhos, arripiar os cabellinhos das pastinhas, escancarar a boca desalinhando a barba, dar punhadas, vociferar, invectivar a parentella dos ministros, apostrophar o sr. Nabuco—um moço tão bonito!—horror, doutor, horror!

A nossa provincia, illustre sr. e representante nosso, desgosta-se em ver que V. Exc., que obteve a sua cadeirinha na representação nacional por um processo identico ao dos jogos de prendas—quando Garibaldi muda de acampamento, nem assim cuida em segurar-se n'ella e esquece os nossos verdadeiros interesses, as nossas necessidades urgentes para pôr a sua eloquencia ao serviço de manejos alheios, como um espadachim italiano; e faz sciente a V Exc. que, em virtude de todos estes desvios do seu procedimento como representante,

tem resolvido nunca mais acreditar nas suas caraminholas e dar ás suas circulares eleitoraes a mesma importancia que se dá ás cartas de pedir joias para o leilão de S. Joaquim ou de N. S. dos Remedinhos.

Quanto á nós em particular, garantindo a V. Exc. que na proxima occasião em que formos á urna da nossa freguezia o seu nome nem siquer nos passará pela mente, temos a subida honra de nos declararmos

De V. Exc.
comprovinciano desgostoso.

Quando desembarca na rampa de Palacio um estranho curioso de visitar a nossa cidade, a pessôa incumbida de lhe servir de cicerone leva-o infallivelmente a dous pontos: o largo dos Remedios e a casa dos Educandos.

Temos um cemiterio acoiado,

bem conservado, com alguns monumentos em marmore e varios disticos antiorthographicos; temos um hospital menos máo; temos Sant'Iago, uma paysagem soberba —o Baeanga, liso, azul, sereno, o bairro pittoresco do Desterro reflectindo no espelho das aguas as suas casinhas brancas e a mastreação dos seus barcos; temos uma bibliotheca no edificio da Escola 11 de Agosto; temos—não sabemos si os Srs. padres permittem este possessivo—um bello templo em estylo gothico, o de Santo Antonio; temos ainda outras cousas que talvez interessassem mais ao passageiro no estudo dos nossos costumes—mas é de estylo, é de lei mostrar estas duas unicas preciosidades: Gonçalves Dias e os Educandos.

Quanto ao poeta, muito embora se possa invocar a proposito uma historia toda sentimental acerca da

posição da estatua olhando eternamente o lugar do naufragio do *Ville de Boulogne*, e as palmeiras onde canta o sabiá, parece-nos que o estrangeiro não dispensará grande attenção a uma esculptura mediocre, ridiculamente equilibrada sobre um pseudo tronco de palmeira.

*

A casa dos Educandos, não padece duvida que é, no genero, o melhor estabelecimento do Imperio, quanto a regularidade da administração.

Realmente, nada mais agradavel do que entrar-se a qualquer hora nos Educandos e encontrar o pateo varrido, as salas arrumadas, os dormitorios aceiadissimos, as officinas funccionando com uma ordem perfeita, um acolhimento extraordinariamente cordial por parte do sympathico coronel Serra Lima, a maior deferencia e civilidade dos pupillos do estabelecimento.

Um collegio industrial conduzido por este modo, honra a provincia que o sustenta. A educação moral que os maranhenses ali recebem é solida, real, productora de excellentes fructos. Lembra-nos ter lido ha annos em um dos nossos jornaes que era notavel não se achar na estatistica criminal da provincia o nome de um só individuo educado pelo sr. coronel Serra Lima. Tal é a maneira sollicita e conscienciosa porque este benemerito da sociedade maranhense encara o seu dever. Imagine-se um pae com mais de cem filhos, introduzindo-lhes no temperamento, com o exemplo e com a palavra, affavel, bondoso, insinuante, os bons costumes, a honradez, a morigeração—tão profundos, tão indeleveis que, entregues mais tarde a si mesmos, sosinhos no grande turbilhão das vicissitudes do proletariado, resistem a todos os embates e subsistem sempre.

Compunge ver que, pelo lado industrial e escolar a educação dos nossos educandos artifices é incompleta, insufficiente.

O governo tem tido o inexplicavel deleixo de não saber tirar das aptidões do sr. coronel Serra Lima todo o proveito que a Casa dos Educandos podia trazer aos seus pupillos.

Fomos no dia 12 de dezembro visitar a exposição annual que faz o estabelecimento dos trabalhos dos educandos, depois da distribuição dos premios.

Insignificante, esta exposição.

Desejariamos que a casa, subvencionada pela provincia, facilitasse a seus filhos o ensino de profissões menos vulgarisadas fóra d'ella e que os habilitassem, não só a irem concorrendo para o progresso da nossa fraca industria com a creação de novos meios de trabalho, como tambem a não terem

de lutar com embaraços serios, encontrando cheio de competidores o campo em que tenham de exercer a sua profissão.

A exposição constava apenas de obras de marcineiro, de alfaiate, de sapateiro, de cutileiro, algumas escrivaninhas de cobre, objectos de madeira torneada e meia duzia de traçados de desenhos de architectura aguarellado.

Insignificante, mas muito insignificante.

Prestando um pouco de attenção ao programma de ensino que a lei respectiva faz observar na Casa dos Educandos, ficam bem patentes as lacunas, as deficiencias em que elle abunda. No plano das actuaes materias resente-se a necessidade de reformas pautadas pelos de identicos estabelecimentos na Europa; e muita cousa indispensavel á hygiene, ao desenvolvimento e á

instrucção dos rapazes é letra morta na Casa dos Educandos.

A instrucção litteraria dos educandos, revelada n'uma allocução que o sr. Luiz Aureo dos Reis proferio em presença de S. Exc. o sr. Presidente da provincia, é uma prova de que até ali, n'um lugar fresco e salubre, isolado, alheio aos vicios e aos deffeitos, reina a nossa molestia endemica—a rhetorica.

Leia-se este trecho:

«A sociedade em geral vê com satisfacção *crescer e florecer* esta formosa arvore, a cuja sombra teem *descançado* tantos miseros *perigrinos, fatigados da viagem da vida.*»

O sr. Luiz Aureo ha de nos dar licença para rir um pouco d'esta ingenuidade. Si bem que o duvidemos, respeitamos a sua opinião no tocante ao crescimento e á florescencia da arvore; mas que os educandos artifices sejam *perigrinos fatigados da viagem da vida*, essa é que não péga. Isso seria contrario á ordem natural das cousas. Que o sr. Aureo, d'aqui a dez ou a vinte annos, fóra da tutella da Casa dos Educandos, si não souber regrar a sua vida e methodisar os seus negocios, desgoste-se d'este valle de lagrimas e sinta-se fatigado da viagem da vida, concebemos; mas que, antes de começar a viagem, gorducho bambino de 8 ou 10 annos, matriculado a empenhos da sua mamã ou do seu padrinho entre os educandos artifices, já fosse um misero perigrino cançado—não, sr. Luiz Aureo, não póde ser!

Admittindo que os tropos do sr. Aureo sejam uma cousa séria, trazem effeito contraproducente. Significam apenas que os educandos não passam de uns malandros que vão descançar n'uma casa de trabalho. A continuarem no sr. Au-

reo estes symptomas aterradores do estylo figurado e ôco, pedimos ao sr. coronel Serra Lima, a bem da moralidade da casa, haja de o mandar encerrar por duas horas no respectivo *in pace*. Ahi, entre as quatro paredes lisas e brancas do quartinho, em presença d'aquella gigantesca interrogação que acorda no fundo da consciencia a convicção da culpa, todas as vezes que a sua vista encontrar o Mané Tekel Pharés de tinta preta a dizer-lhe: *porque estou eu aqui?*—uma voz lá de dentro, soturna, cavernosa, alçaponica, responderá: *porque és rhetorico*.

Notamos que dos diversos ramos das mathematicas somente a geometria se ensina aos educandos. Por consequencia, mal preparados n'este ramo de estudos que é a base natural dos outros, pouco podem aprender.

O desenho, outro preparatorio

indispensavel á uma educação regular e a uma instrucção proveitosa, cifra-se, na Casa dos Educandos, conforme vimos na exposição, a copias de frontespicios de casas, com janellinhas verdes e gradeamento de ferro. E emquanto em outros paizes a creança, antes de conhecer o alphabeto, familiarisa-se com o desenho que habilita-a com a triplice vantagem de copiar a natureza, de dar uma forma ao seu pensamento, e de apurar a exactidão da vista, os educandos copiam machinalmente architecturas coloridas, quando na pratica teem de ser simples pedreiros aferrados á nossa immutavel rotina.

*

Os educandos não recebem educação physica. Não fazem gymnastica, não aprendem a nadar, não aprendem a remar. Uns apparelhos para exercicios de força, for-

necidos por um cavalheiro a quem o Maranhão deve alguma cousa—o sr. Martinus Hoyer—lá estão sem serventia. Não frequentam uma aula de mechanica. A officina de gravador foi extincta. Parece-nos tambem que antigamente sahiam alguns a aprender a surrador, a encadernador, e que hoje já nem isso aprendem.

*

Sommadas as contas, vê-se que faltava razão ao sr. Aureo para affiançar que a arvore cresce e floresce. Ao contrario, não está somente estacionaria, não lhe faltam apenas alguns ramos indispensaveis—diminue, anda para traz.

Perante isto, é para sentir-se profundamente que não seja completado e melhorado o programma de uma casa de educação que é um modelo de bôa direcção, graças ao zelo sensato e infatigavel do sr. coronel Serra Lima, cujos esforços mereciam ser mais bem aproveitados.

Pois bem: a nossa representação provincial, conscia de tudo isto, obvia a todos os inconvenientes apontados restringindo cada vez mais a esphera da acção do estabelecimento, fechando hoje uma aula, diminuindo amanhã o numero dos educandos, cerceando a subvenção, limitando as diarias—até que, graças ao espirito altamente economico dos srs. Lycurgos seja totalmente annullado, como um trambolho encommodo e um gasto inutil para os cofres publicos.

Entretanto, Ss. Excs. não se descuidarão de pleitear o direito incontestavel que lhes assiste de receberem no Thesouro o subsidio dos dias em que faltarem á sessão—o que sem duvida concorrerá para consolidar a fama da illustração desta terra, por varias causas alcunhada de Athenas brasileira.

Já em algumas paginas d'esta chronica nos propozemos provar, em face de um discurso do Sr. Conego Qsorio, que as tendencias do nosso clero são, no fundo, mais materialistas, mais positivas que um livro de Darwin ou uma theoria de Schopenhauer.

Entretanto, a defeza d'essa thése custou-nos suóres frios. Quando, conscientes da verdade que se nos patenteava, formidavel, irresistivel, começámos a transpol-a do cérebro para o papel, pezou-nos o pulso, a nossa penna escarrapachada tropeçava de palavra em palavra e salpicava de um chovisco negro a brancura da superficie em que era, por assim dizer, forçada a correr, o bico de gaz que nos alumiava retrahio-se como si áquella hora já no gazometro tivessem deitado a illuminação a meia força. Hesitamos um instante; levantamo-nos com uma vertigem entorpecedora,

com os sentidos exhaustos e desfallecidos como si acabassem de um parto monstruoso e sobrenatural; fomos á janella aspirar o ar frio da noite e olhar as constellações scintillando nas trevas infinitas do espaço.

Voltou-nos então a tranquillidade e a calma. A verdade vencera. Entre o absurdo apparente, a monstruosidade imaginaria e a convicção inabalavel, simples, mas dura como os rochedos, o espirito, submettido a um rigoroso regimen observador da justiça, não vacillou mais. Era extraordinario, mas era verdade: o reverendo clero que se atira com um assanho de cão de quinta ás idéas novas, ás grandes conquistas da sciencia, ás innovações litterarias, ás concepções artisticas, ás reformas politicas; que quer suffocar n'um gigantesco abraço reaccionario todos os desabrochamentos da liberdade, para de-

pois, glutão saciado, vencedor repleto, viver estacionario n'um adormecimento de agoa estagnada, adherindo ao seu fundo de lodo, como madreporas inertes, as consciencias humanas; o clero, do avesso, sem a mortalha negra da batina, observado minuciosamente, reduzido por um processo mathematico, posto em evaporação, como sal que se diz ser, deixa um resultado, uma essencia, um residuo que o mostra tal qual rigorosamente é: material, positivo, realista—homem, finalmente.

E sustentando a nossa thèse com a nossa logica fraca, mas com o amor entranhado com que Colombo sustentaria a existencia do Novo Mundo, lançamo-la ao publico, que certamente ficou ambasbacado.

Ultimamente, porém, com a apparição do 19.º numero da *Civilisação* tivemos o summo contentamento, o alegrão infinito de a vêr plenamente confirmada.

Na 2.ª pagina do referido numero depara-se com um artigo sob a rubrica—*O clero e o movimento social.*

Peza-nos não podermos transcrever aqui por inteiro essa prova testemunhal do positivismo ecclesiastico; mas o leitor que ainda a não conhece, por mais repugnante que lhe seja o contacto do orgão dos interesses catholicos, digne-se, tomando as medidas hygienicas que julgar necessarias, lêr para crêr. Recommendamo-la com instancia, como uma peça importantissima, como um documento altamente frisante.

E' uma proclamação progressista, um appello aos padres para que saiam do isolamento do confessionario e da monotonia da missa e *fazendo uma certa* FUSÃO *com o mundo, ponham-se a frente do* GRANDE E VERDADEIRO MOVIMENTO DO ESPIRITO HUMANO.

No desenvolvimento scientifico, nas artes, na politica, n'uma palavra, o Clero deve achar-se a frente de tudo que constitue o verdadeiro progresso, grita exaltado o autor do artigo.

Si pudessemos fazer retumbar por toda parte nossa fraca voz, diriamos com um autorisado publicista moderno: «Occupai-vos de todas as cousas do mundo, ponde-vos a par das sciencias, das artes, de todo o movimento social: será assim que tereis ascendencia verdadeira e incontestavel. NÃO SEJAES HOMENS DO PASSADO, MAS DO PRESENTE E DO FUTURO. *Ponde-vos a frente do verdadeiro progresso e para isto buscae saber tudo.»*

Bem vemos: sen vasto o programma, mesmo difficil; mas não é irrealisavel.

Não assaltamos muralhas sem direitos para isso, cumprimos um de-

ver a que estamos obrigados; MESMO COM PERIGO DA PROPRIA VIDA.

. . . . . .

Aquelles que pretendem cumprir a nobre e sublime missão de guiar ao progresso verdadeiro, mas querem permanecer no remanso da paz, A NOSSO VER, ERRAM.

. . . . . .

Ninguem mais do que o Padre tem o dever de trabalhar pelo progresso e bem estar dos povos. As alavancas com que se ha de suspender o edificio social a essas illuminadas regiões são: A SCIENCIA E A VIRTUDE.

SCIENCIA SOLIDA, VIRTUDES ACRISOLADAS, *eis os pharóes com que emcaremos.*

A vista d'isto, quem se atreverá ainda a atacar os Srs. padres, a declaral-os hostis ao progresso e a sciencia?

E' inutil *O Pensador* escavar na historia as miserias e os crimes

clericaes e expol-os avivados pelo phraseado colorido dos seus pequenos periodos victorhuguanos; é inutil o nosso estimavel amigo Aluizio Azevedo, com a sua *verve* endiabrada, atar-lhes na cauda da roupeta as surriadas das sùas chronicas; é inutil entrarmos para a maçonaria; é inutil prohibirmos ás nossas mulheres e as nossas familias a matricula no Coração de Jesus, a confissão e o rosario; é inutil toda a precaução, toda a desconfiança: elles não são, como parecem, nem hypocritas, nem odientos, nem perigosos.

Elles não são do passado, dos abusos da idade média, dos sinistros mexiricos cortezãos, da Inquisição, do veneno, da crápula, da luxuria, da gula—são do presente e do futuro, da luta da regeneração das idéas, da semeação dos pensamentos uteis e praticos, da realisação de todas as liberdades, da so-

lidificação do Direito e da Justiça, do estabelecimento da igualdade e da nobilitação do trabalho;

Elles comprehendem o seu dever como membros da grande familia humana—a unificação de todos os principios bons, a prescripção das aberrações que o bom senso instinctivamente repelle;

Elles querem a sciencia solida—a condensação das sciencias naturaes produzindo promiscuamente o ensino dos principios destinados a formar o caracter do homem, puro e inquebrantavel, na vida publica e na direcção do lar domestico;

Elles querem a virtude—manifestada na lisura das multiplas relações com o seu semelhante, na pureza das intenções, na legalidade dos meios, no amor puro, na educação bem escolhida dos filhos;

Elles querem saber tudo—tanto a mathematica como a metaphisica, a astronomia como o latim, a chi-

mica como a theologia, a physica como a rhetorica, a biologia como a philosophia dogmatica, a sociologia como o cathecismo, a phisiologia como a ladainha de todos os santos, as operetas de Planquette como o cantochão, o piano como o fagote, a quadrilha franceza como as ceremonias sacramentaes, o romance *boulevardier* como o breviario—tudo, emfim! inclusivamente o cancan do Mabile e o *cock-tail* dos botequins!

Ahi está—na enthusiastica proclamação da *Civilisação*, clara, patente, terminante, nitida, a intenção dos srs. Padres.

Retrogrados, elles? O que! Inimigos do progresso? Qual! Impecilhos da sciencia? Ora essa! Assassinos da virtude? Que disparate!

A unica cousa que ha é que elles, sugeitos a umas regras apertadas e despoticas, não podem, por sua iniciativa, entrar na communhão dos outros homens.

Si ainda são hypocritas, si ainda praticam o concubinato, si ainda chamam os filhos afilhados, si ainda intrigam no confessionario, si ainda excitam o fanatismo, si ainda requerem a cadeia para os livres pensadores, si ainda teem jornaes reaccionarios, si ainda excommungam maçons, si ainda elogiam-se mutuamente, si ainda são padres romanos—não é porque isto esteja na sua vontade, é porque ainda não lhes deram uma occasião ampla de poderem abertamente romper com todas estas cousas velhas, feias e más.

Limpem na Constituição o artigo 5.º, supprimam o artigo 278 do codigo criminal, separem a Igreja do Estado, autorisem o casamento dos padres, tirem-lhes todos os impedimentos, todas as peias que os

conservam fóra da humanidade—e verão como tudo muda de figura.

Então é que elles não serão mais, como sctualmente são, forçados a ser, simples instrumentos do Syllabus e dos Concilios, adstrictos unicamente ás congruas, ás velas de cêra e aos benésis.

Reduzido o estado de padre a uma profissão como outra qualquer, sustentada unicamente pelo consumidor que d'ella gostar; tendo os ecclesiasticos a faculdade de augmentar nas horas vagas os seus ganchos, despindo a batina e lavando o rapé dos dedos como um operario que muda a blusa e enchuga o suor mellado de poeira, para apparecerem na sociedade, dignos, respeitados, alegres, sadios, francos, abordando sem constrangimento todas as questões, adoptando livremente qualquer ramo de trabalho que promova o desenvolvimento physico e a acquisição

do bem-estar—veremos cousas surprehendentes.

Cada um obrará segundo sua vocação.

S. Exc. Reverendissima poderá, si a tal estiver inclinado, ser general de brigada e commandar as paradas no largo dos Remedios; o sr. Conego Mourão ampliará a bóssa de polemista substituindo a *Civilisação* por quatro paginas incendiarias e communistas, sob o titulo de *Lanterna, Voz da revolução* ou *Intransigente*; o Sr. Conego Castro talvez se dê ao cultivo dos madrigaes serenos e suaves como o seu passo miudo e o seu olhar meigo; o Sr. padre Fonseca será, quem sabe ? um naturalista capaz de eclipsar as creações de genero de Julio Verne; o Sr. Conego Osorio, esse não poderá deixar de ir competir em actividade e fecundidade com os agentes de publicidade dos Estados-Unidos; o Sr. pa-

dre Maia, é bem provavel que aproveite no canto profano a sua bella voz de tenor; todos os outros, emfim, o Sr. Candido Marinho, o Sr. Serejo, o Sr. Carino, o Sr. Miranda, espalharão a sua exhuberancia de intelligencia e de seiva por toda parte—commandando navios, dirigindo theatros, guiando locomotivas, fazendo colheres, abrindo conferencias, tecendo abanos, fazendo barbas, vendendo arroz de cuchá !

E uma nova era de paz e de felicidade se abrirá diante dos passos da humanidade.

Amen.

Temos que assignalar um pequeno movimento littterario no lago estagnado das idéas ao norte do Imperio.

Appareceram: *Codigo de civilidade christã*, por D. Antonio de Macodo Costa, bispo do Pará; *Historia do Brazil*, por D. Herculana Vieira de Souza, professora publica; *Do Pará á Colombia*, apontamentos sobre o rio Içá; por Francisco Xavier Rodrigues de Souza, empregado da alfandega do Pará, enviado em commissão do governo á fronteira; *O Remorso* e *O Condemnado á morte*, ensaios dramaticos de Arthur Jansen Tavares.

O livro do Sr. D. Antonio é uma bôa pilheria. S. Exc. Reverendissima entendeu que só os catholicos eram susceptiveis de civilisação.

Porque, no seu manual de civilidade christã não se trata de crear para as almas arrebanhadas sob as vistas da Igreja um systhema de orar, de confessar de commungar, de ouvir missa, de assistir novenas, de responder ladainhas, com atitudes convencionadas—constituindo assim a civilidade christã. O

desenvolvimento scientifico, nas
, na politica, n'uma palavra,
ro deve achar-se a frente de
que constitue o verdadeiro pro-
o, grita exaltado o autor do
o.

pudessemos fazer retumbar por
parte nossa fraca voz, diria-
com um autorisado publicista
rna: «*Occupai-vos de todas as*
s do mundo, ponde-vos a par
sciencias, das artes, de todo o
nento social: será assim que
ascendencia verdadeira e in-
stavel. NÃO SEJAES HOMENS DO
ADO, MAS DO PRESENTE E DO FU-
Ponde-vos a frente do verda-
progresso e para isto buscae
tudo.»
m vemos: ser vasto o program-
mesmo difficil: mas não é irreal.
io assaltamos muralhas sem di-
para isso, cumprimos um de-

ver a que estamos obrigados; MESMO COM PERIGO DA PROPRIA VIDA.

. . . . . .

Aquelles que pretendem cumprir a nobre e sublime missão de guiar ao progresso verdadeiro, mas querem permanecer no remanso da paz, A NOSSO VER, ERRAM.

. . . . . .

Ninguem mais do que o Padre tem o dever de trabalhar pelo progresso e bem estar dos povos. As alavancas com que se ha de suspender o edificio social a essas illuminadas regiões são: A SCIENCIA E A VIRTUDE.

SCIENCIA SOLIDA, VIRTUDES ACRISOLADAS, *eis os pharóes com que venceremos.*

A vista d'isto, quem se atreverá ainda a atacar os Srs. padres, a declaral-os hostis ao progresso e a sciencia?

E' inutil *O Pensador* escavar na historia as miserias e os crimes

mica como a theologia, a physica como a rhetorica, a biologia como a philosophia dogmatica, a sociologia como o cathecismo, a phisiologia como a ladainha de todos os santos, as operetas de Planquette como o cantochão, o piano como o fagote, a quadrilha franceza como as ceremonias sacramentaes, o romance *boulevardier* como o breviario—tudo, emfim! inclusivamente o can-can do Mabile e o *cock-tail* dos botequins!

*

Ahi está—na enthusiastica proclamação da *Civilisação*, clara, patente, terminante, nitida, a intenção dos srs. Padres.

Retrogrados, elles? O que! Inimigos do progresso? Qual! Impecilhos da sciencia? Ora essa! Assassinos da virtude? Que disparate!

A unica cousa que ha é que elles, sugeitos a umas regras aperta-

das e despoticas, não podem, por sua iniciativa, entrar na communhão dos outros homens.

Si ainda são hypocritas, si ainda praticam o concubinato, si ainda chamam os filhos afilhados, si ainda intrigam no confessionario, si ainda excitam o fanatismo, si ainda requerem a cadeia para os livres pensadores, si ainda teem jornaes reaccionarios, si ainda excommungam maçons, si ainda elogiam-se mutuamente, si ainda são padres romanos—não é porque isto esteja na sua vontade, é porque ainda não lhes deram uma occasião ampla de poderem abertamente romper com todas estas cousas velhas, feias e más.

Limpem na Constituição o artigo 5.º, supprimam o artigo 278 do codigo criminal, separem a Igreja do Estado, autorisem o casamento dos padres, tirem-lhes todos os impedimentos, todas as peias que os

conservam fóra da humanidade — e verão como tudo muda de figura.

Então é que elles não serão mais, como actualmente são, forçados a ser, simples instrumentos do Syllabus e dos Concilios, adstrictos unicamente ás congruas, ás velas de cêra e aos benésis.

Reduzido o estado de padre a uma profissão como outra qualquer, sustentada unicamente pelo consumidor que d'ella gostar; tendo os ecclesiasticos a faculdade de augmentar nas horas vagas os seus ganchos, despindo a batina e lavando o rapé dos dedos como um operario que muda a blusa e enchuga o suor mellado de poeira, para apparecerem na sociedade, dignos, respeitados, alegres, sadios, francos, abordando sem constrangimento todas as questões, adoptando livremente qualquer ramo de trabalho que promova o desenvolvimento physico e a acquisição

do bem-estar—veremos cousas surprehendentes.

Cada um obrará segundo sua vocação.

S. Exc. Reverendissima poderá, si a tal estiver inclinado, ser general de brigada e commandar as paradas no largo dos Remedios; o sr. Conego Mourão ampliará a bóssa de polemista substituindo a *Civilisação* por quatro paginas incendiarias e communistas, sob o titulo de *Lanterna, Voz da revolução* ou *Intransigente*; o Sr. Conego Castro talvez se dê ao cultivo dos madrigaes serenos e suaves como o seu passo miudo e o seu olhar meigo; o Sr. padre Fonseca será, quem sabe ? um naturalista capaz de eclipsar as creações de genero de Julio Verne; o Sr. Conego Osorio, esse não poderá deixar de ir competir em actividade e fecundidade com os agentes de publicidade dos Estados-Unidos: o Sr. pa-

dre Maia, é bem provavel que aproveite no canto profano a sua bella voz de tenor; todos os outros, emfim, o Sr. Candido Marinho, o Sr. Serejo, o Sr. Carino, o Sr. Miranda, espalharão a sua exhuberancia de intelligencia e de seiva por toda parte—commandando navios, dirigindo theatros, guiando locomotivas, fazendo colheres, abrindo conferencias, tecendo abanos, fazendo barbas, vendendo arroz de cuchá !

E uma nova era de paz e de felicidade se abrirá diante dos passos da humanidade.

Amen.

Temos que assignalar um pequeno movimento littterario no lago estagnado das idéas ao norte do Imperio.

Appareceram: *Codigo de civilidade christã*, por D. Antonio de Macodo Costa, bispo do Pará; *Historia do Brazil*, por D. Herculana Vieira de Souza, professora publica; *Do Pará á Colombia*, apontamentos sobre o rio Içá; por Francisco Xavier Rodrigues de Souza, empregado da alfandega do Pará, enviado em commissão do governo á fronteira; *O Remorso* e *O Condemnado á morte*, ensaios dramaticos de Arthur Jansen Tavares.

O livro do Sr. D. Antonio é uma bôa pilheria. S. Exc. Reverendissima entendeu que só os catholicos eram susceptiveis de civilisação.

Porque, no seu manual de civilidade christã não se trata de crear para as almas arrebanhadas sob as vistas da Igreja um systhema de orar, de confessar de commungar, de ouvir missa, de assistir novenas, de responder ladainhas, com atitudes convencionadas—constituindo assim a civilidade christã. O

livro é, aparte o titulo orthodoxo que lhe puzeram, o mesmo que todos os seus congeneres. Determina como se engole, como se espirra, como se cochila em bôa sociedade.

D'ahi o manejo ecclesiastico do Sr. Bispo do Pará. Ninguem hoje poderá deixar de ser catholico apostolico romano, toda vez que se portar diante dos outros como gente que teve educação.

Do contrario, para conservar intacta e visivel a sua opinião religiosa, o protestante, o atheu, o mahometano, o boudhista, veem-se na dura necessidade de virar de pernas para o ar os bons costumes e passar a assuarem-se na aba do sobrecasaco, a escarafunchar os dentes com a lingua, a porem-se de cocaras nos salões.

Bem bôa, esta maneira de universalisar o catholicismo.

Breve o chará de D. Antonio dar-

nos-ha, talvez, um tratado christão sobre o modo christão de entrar no bond e de ir ás compras no mercado.

A *Historia do Brazil* não é um livro recente, mas simplesmente uma reedição. Como todas as obras sérias que entre nós se publicam, apresenta as lacunas inherentes ás localidades litterarias onde só se procura o romance sentimental e a poesia chorona para recitativo ao piano, onde falta o conhecimento dos mestres na materia, onde o ensino escolar é o mais estupidamente primitivo que se póde imaginar.

Comtudo, attendendo á triplice circumstancia de ser um trabalho serio, um melhoramento para a escola, e firmado por uma senhora— uma senhora que escreve, no Maranhão! e que não escreve quadrinhas coixas com reminiscencias alvarescas—, *O Malho* julga de seu

dever, consagrando estas linhas ao apparecimento do livro, cumprimentar a autora.

Do Pará à Colombia é tambem um folheto no caso da obra precedente—não rima nem descreve meninas chloroticas com o olhar no azul do firmamento e um machacaz aos pés, declamando immoralidades cobertas de assucar chrystallisado.

E' um livro de viagens. Merecia quatro pontos de admiração, isto. O brasileiro não viaja—vae praticar nos hospitaes de Paris depois de seis annos de academia de medicina ou percorre *a vol d'oiseau*, sem observação e sem methodo, os centros onde se possa desembaraçar da herança paterna, ao passo que os estrangeiros escalam *o Pão de assucar* ou penetram nos escaninhos do Amazonas, para estudarem, sob as flechas dos selvagens, as nossas desconhecidas curiosidades naturaes.

Portanto, tirar partido da commissão de que o incumbe o governo para tomar apontamentos sobre a posição geographica, os productos, os usos e os costumes dos povos que atravessou, imprimir n'uma brochura estes apontamentos e introduzil-os na circulação como um matuto aceiado e rude, a acotovellar-se com as finas imagens sensuaes dos nossos lyricos immortaes, —é uma temeridade maior do que arrostar com as febres paludosas e o curare dos indios e supportar as torturas de uma viagem de um porto de Belem a outro porto de Belem—2885 milhas de navegação, durante as quaes se encalha 38 dias.

Que os estudos emprehendidos pelo Sr. Francisco Rodrigues de Souza foram incompletos, incorrectos, defeituosos mesmo, basta ver

a exiguidade do livro—53 paginas in 8.°, para tratar da navegação, do commercio, da natureza, dos costumes de vastas regiões pouco exploradas e das quaes só a flora e a fauna abundantissimas occupariam as vidas de muitos naturalistas para descrevel-as. Entretanto, posto que superficialmente, a obra toca nos principaes assumptos que se apresentam á vista do observador. o que prova que o autor, mesmo lutando com a ausencia de conhecimentos imprescindiveis, de tempo, de auxiliares, fez o que lhe permittiram as forças de que dispunha.

A obra do Sr. Souza é destinada a definhar nos recantos poeirentos dos calhamaços das lojas de livros: mas se lhe escaceam leitores que a saibam tomar na devida consideração, console-o ao menos a idéa de que servirá para mostrar ao estrangeiro, a quem não temos querido

dpresentar-nos como gente civilisada, que somos alguma cousa mais ao que simples antropophagos de saiote de pennas de papagrio e pelle *tatoueé* de arabescos vistosos.

*

Sahiram de uma velha escola os ensaios dramaticos do Sr. Arthur Jansen Tavares, um intelligente e sympathico cadete do 5.° batalhão, o primeiro cadete que nos consta ter escripto alguma cousa entre nós.

O Remorso e *O Condemnado á morte*, pertencem de alguma maneira á familia da *Cerração no Mar* —essa poesia cacete, que tem sido atrozmente atormentada em todos os palcos e em todas as salas.

As peças do genero que procurou o Sr. Arthur Tavares só são acceitaveis quando tratadas pelos processos inimitaveis do grande Shakspeare e interpetradas pelo Rossi ou pelo Salvini—dous tragi-

cos de alto cothurno que nos vieram revelar quem era João Caetano dos Santos. D'este modo, a declamação emphatica, o passo medido, o olho arregalado, o punhal forrado de papel de prata—assumem proporções enormes e dominam a multidão de modo que o espirito subjugado pela força herculea do genio, não póde analysar com a frieza da critica.

Fóra d'esta esphera, tudo o mais que entrar n'esta via difficil fica pequenino, pretencioso, ridiculo.

Entretanto, isto não quer dizer que os ensaios do Sr. Arthur Tavares sejam duas pedanterias nullas e indigestas. O estylo, adequado á ordem da composição, é castigado e fluente, as paixões que lhe servem de thema bem estudadas e sufficientemente desenvolvidas, até mesmo notamos com prazer o desapparecimento de certos chavões usados e abusados em identicos tra-

balhos; mas, visto a nenhuma utilidade de semelhantes scenas fósseis no nosso tempo pratico e positivo, fazendo ao sr. Arthur Tavares a justiça de crêr que não tenciona disperdiçar os recursos da sua intelligencia como farrapinhos de papel que se dispersam ao vento, sómente desejamos muito sinceramente que os seus ensaios fiquem em ensaio e que S. S. aproveite as suas aptidões dramaticas tratando uma thése social moderna, dialogada simplesmente, desprezada a punhalada, o veneno, o duelo á pistola no bastidor e, sobretudo, os amores illicitos perdoados no 5.º acto.

Faça isto o Sr. Arthur Tavares e creia que concorrerá para tornar patente entre nós uma verdade que as especulações dos emprezarios e o embrutecimento das platéas teem escurecido—que o theatro é uma escola.

Durante vinte dias do mez de dezembro andou um nome no Maranhão de boca em boca—Idalia França.

Era uma creança loura e branca, um typo norte americano sahido dos calores ardentes da nossa visinha do Pará. Com a ingenua audacia dos seus dezeseis annos, Idalia França toca piano. Toca piano em publico, ataca com uma bravura enthusiasta, com um pulso infatigavel, com um *tour* de memoria prodigioso, as bravatas musicaes de Gottschalk, de Listz, de Thalberg —para adquirir meios pecuniarios de completar sua educação artistica.

Porque Idalia França não é uma pianista. Falta-lhe tempo, falta-lhe escola, falta-lhe discernimento. Tem uma grande facilidade de execução e sobretudo dispõe de uma qualidade essencial no piano, bater energicamente no teclado. Mas as

suas escalas confundem-se, misturam-se—não se destacam no deslisar das notas tecla por tecla, o que é indicio de uma digitação incorrecta; o modo de interpetrar os seus autores—com especialidade o bamboleado creoulo das composições de Gottschalk—é pouco acentuado, mais corriqueiro que elegante.

O Maranhão, pois, não applaudio uma pianista, animou uma vocação, sanccionou uma resolução heroica e arrojada.

O Maranhão? Não, o Maranhão, não.

*

Gostamos nós de musica? Não—gostamos só de dança.

Todas as reuniões da nossa sociedade tendem a este fim—a quadrilha galopada, a valsa e a polka. Em alguns salões um pouco atrazados ainda se cultiva o schottsh e a mazurka.

Os maranhenses não conversam. Veja-se uma sala repleta—senhoras sentadas em cadeiras, ladeando as paredes, cavalheiros elegantes encostados ás portas. Reina o silencio de uma vigilia a defuntos. Só ha o murmurio dos cochichos entre duas ou tres meninas que conversam modas e namorados; sôa uma gargalhadinha reprimida n'um grupo de moços que se entreteem innocentemente com assumptos indecorosos. E d'esta posição penosa só os vem livrar a afinação dos instrumentos no corredor e a voz do dono da casa—Meus senhores, pares para a primeira quadrilha!

Então os illustres dançarinos penetram triumphantes no salão e, com uma civilidade caracteristica dos nossos costumes delicados, faz logo um sortimento de pares para oito quadrilhas francezas e outras tantas valsas e polkas.

Começa a dança. Enthusiasmo,

rapaziada! *En avant quatre* a galope! Galope em circulo! *Chaîne de chevaliers! Dames au milieu; chevaliers, grand rond à gauche! Retournez! Grand promenade! Changez! Grand galop! Grand chaîne à la droite!* Caramujo! aperta, aperta! Desanda!

Pára a musica: acabou-se a quadrilha. Segue-se o passeio de braço dado, longo, interminavel, um intervallo inteiro. Em primeiro lugar, é de estylo offerecer á moça um copinho de licôr, antes de começar a via-sacra de sala. Ella toca de leve, com a beirinha do beiço carnudo e vermelho na orla do copo; o gamenho bebe o resto sorrindo—quer descobrir-lhe os segredos. Sorriso e rubores na moça.

Alguns janotas passeiam silenciosamente, enxugando o suor melado do pescoço e da testa com grandes esfregadellas de lenço como si se tratasse de limpar um soalho,

e lá vão, calados, hirtos, tezos, brincando com os breloques do correntão.

Outros fallam muito, a *mezza-voce*, segredando palavrinhas furtadas de novellas. Conhecem um moço que adora-a desde que a vio. Não imagina que somma de affectos lhe dedica o cujo. Si tivesse a certeza de ser retribuido! Mas qual, o moço é um pobre infeliz, coitado!—Talvez não, quem sabe! ás vezes a gente perde por não ser franco.—Si eu lhe dissesse quem é, dava uma resposta favoravel, sim? Quem cala consente. Ó que ventura! Toma-lhe o leque e abana-se com elle. Pede-lhe a flor que ella traz no decote do vestido e passa-a para a *boutonnière*.

Ahi está porque nós não gostamos de musica. E' porque gostamos de dança. A dança absorve-nos, preoccupa-nos. Por isso não sabemos conversar, não temos o

traquejo das palestras de sala, não ministramos aos nossos pares mais do que copinhos de licôr e declarações amorosas.

E emquanto sustentamos o *Club União*, o *Club Phenix*, o *Club Pic-Nic*, o *Club Hébe*, o *Club Terpsichore*, o *Club Democrata*,—a Sociedade Musical arrasta uma existencia penosa, heroicamente e teimosamente amparada pela Exm.ª Sra. D. Margarida Costa.

Toda a nossa rapaziada sabe dar de gambias n'um *grand rond de chevaliers* e exhibe-se mais ou menos galhardamente na valsa ingleza; entretanto que, a não serem os tocadores de serenatas, os homens das bandas de musica e as orchestras de baile, no Maranhão, uma cidade com 22 mil habitantes livres, contam-se pelo dedo os cultores da musica: tres ou quatro rabecas—Rayol, Filgueiras, Juca Moura etc. etc.; outras tantas flau-

tas—o Dr. Azedo, o Dr. Berredo que actualmente compete em trinados com os sabiás da roça, Joaquim Zeferino, uma aptidão que se estraga tocando a valsa Assucena e a mazurka Meu bemzinho; Luiz Travassos, um negociante musico; algumas senhoras que cantam—D. Margarida Costa, D. Anna Candida, D. Antonia Guimarães, D. Anna Esperança etc; alguns moços que cantam quando não podem dançar; algumas mocinhas que tocam piano emquanto não casam.

E disse. Não conhecemos siquer as notas da musica, não possuimos uma sociedade choral, não sabemos si a *Norma* é de Lamartine ou de Offenbach, si quem escreveu os *Sinos de Corneville* foi Donizetti ou José de Alencar, ignoramos si houve um surdo sublime chamado Beethoven, si existe alguma cousa de suavemente bom em Chopin.

Dançamos—eis tudo quanto sabemos fazer em sociedade.

Vimos n'uma intima reunião provocada para fazer um pouco de musica, e da qual a propria Idalia França fazia parte, uma maioria notavel de senhoras e cavalheiros pedir... algum terceto ? uma aria de soprano? o *Turbilhão? La prière d'une vierge?*—Não: uma quadrilha !

Dançamos—é a nossa inclinação, a nossa educação, a nossa bóssa, a nossa cachaça.

*

Por consequencia, dizer que o Maranhão applaudio Idalia França é uma calumnia formidavel.

Todos os applausos, todas as ovações, as poesias, os jornaes em setim, as photographias, os chromos, as corôas de louros e os ramalhetes, a luz electrica, a chuva de oúro, representam um esforço immenso, o trabalho insano de meia duzia de individuos que se dedicaram a pôr em relevo o ta-

lento da gentil pianista, alguns dos quaes, e esses trabalharam mais! como os mineiros obscuros que escavam duramente o seio da mina, nem siquer puzeram o nome embaixo do [redacted]zeram.

A es[redacted]no grupo deve o Marani[redacted]ios de que a esta hora o [redacted]orindo a gratidão da familia França.

Porque—vamos á verdade toda inteira—o Maranhão não foi expontaneamente aos concertos de Idalia Franca. Introduziram-lhe a viva força uma cadeira, um camarote e só depois de uma luta que custou muito suór e algumas descomposturas é que se conseguio fazel-o espalhar-se pelos diversos lugares do nosso theatro. E a prova de que a maioria do auditorio ali estava por desencargo de consciencia, para aproveitar os cobres que tinha gasto, para não deixar na algibeira do collete o cartão para o

qual não achara comprador com abatimento de 50 por cento, é que a platéa geral e a 4.ª ordem, que não foram passadas, estavam vasias—mas inteiramente vasias!

Os mesmos applausos, as palmas, os bravos, partiam do tal grupo, d'essa *claque* generosa que se devotou a encorajar uma creança e a dar bôa fama ao Maranhão, e que se esgoelava damnadamente e batia despiedosamente as mãos para encher de bravos e de palmas os echos do recinto immenso do theatro.

Sem elle, sem o gosto e a paciencia interminavel do Affonso Mello; sem o tenente Mancebo, que se fez photographo; sem a reda[redacted] da *Pacotilha* que passou a [redacted] concerto... ouvindo as [redacted] gens do prelo; sem uma com[redacted] prestimosa de senhoras que [redacted] ram a passar bilhetes; sem a actividade do Travassos e do Carlos Sá:

lento da gentil pianista, alguns dos quaes, e esses trabalharam mais! como os mineiros obscuros que escavam duramente o seio da mina, nem siquer puzeram o nome embaixo do que fizeram.

A esse pequeno grupo deve o Maranhão os elogios de que a esta hora o estará cobrindo a gratidão da familia França.

Porque—vamos á verdade toda inteira—o Maranhão não foi expontaneamente aos concertos de Idalia Franca. Introduziram-lhe a viva força uma cadeira, um camarote e só depois de uma luta que custou muito suór e algumas descomposturas é que se conseguio fazel-o espalhar-se pelos diversos lugares do nosso theatro. E a prova de que a maioria do auditorio ali estava por desencargo de consciencia, para aproveitar os cobres que tinha gasto, para não deixar na algibeira do collete o cartão para o

qual não achara comprador com abatimento de 50 por cento, é que a platéa geral e a 4.ª ordem, que não foram passadas, estavam vasias—mas inteiramente vasias!

Os mesmos applausos, as palmas, os bravos, partiam do tal grupo, d'essa *claque* generosa que se devotou a encorajar uma creança e a dar bôa fama ao Maranhão, e que se esgoelava damnadamente e batia despiedosamente as mãos para encher de bravos e de palmas os echos do recinto immenso do theatro.

Sem elle, sem o gosto e a paciencia interminavel do Affonso Mello; sem o tenente Mancebo, que se fez photographo; sem a redacção da *Pacotilha* que passou a noite do concerto... ouvindo as engrenagens do prelo; sem uma commissão prestimosa de senhoras que sahiram a passar bilhetes; sem a actividade do Travassos e do Carlos Sá:

sem o concurso de outras pessôas addidas ao grupo—o theatro estaria vasio, silencioso, desanimador e a pobre menina vêr-se-ia reduzida a tocar diante de um auditorio frio e enfatuado, de senhoras adstrictas á vaidade de lamentar que uma menina de familia pizasse no palco, de gamenhos acocorados entre os braços das cadeiras e que na falta de comprehensão para as peças que ouvissem, fariam madrigaes aos seus olhos azues e commentarios atrevidos acerca dos seus braços rolinços—e sentiria morrer-lhe, crestada por este indifferentismo criminoso que nos é caracteristico, a sua bella idéa, a sua nobre resolução.

Registrando n'estas paginas, como um acontecimento notavel do mez de Dezembro, a passagem de Idalia França, fazemo-lo—não por coherencia de idéas mas para confirmação do que já a esse respeito

escrevemos—como um signal agradavel de certo movimento de revolução nos costumes brasileiros, mais do que como um facto de grande alcance artistico.

Com effeito, fazer de Idalia França um portento, um genio, uma musa, é mais prejudicial que justo.

Não pactuamos de modo algum com o poéta que chamou-a, com um gongorismo exorbitante

... astro sem igual, astro brilhante,
Metéoro de luz, genio assombroso,
Talento sem igual;

não acompanhamos um articulista ardente na opinião de que ella puchou a humanidade mais um passo avante—preferimos tomal-a nas suas devidas proporções de aspirante a artista, e encerrar esta noticia como encerramos as pessimas linhas que lhe consagramos em virtude de um honroso convite da *Pacotilha*: agradecendo-lhe o exemplo

que deu, o golpe que descarregou na nossa educação defeituosa.

CARTÃO DE VISITA.

Menina *Pacotilha*.

Agradecemos o que dizes d' *O Malho*, posto que estranhemos a *coterie* nos habitos de uma creança da tua idade.

Quanto a chamares-nos por tu— podes chamar, menina, não nos agastaremos por isso. Ao contrario, entendemos ser esse o unico tratamento franco e harmonioso em labios innocentes.

Vem aos nossos braços e consente que te beijemos os cabellinhos louros.

O doutor Alfredo d'Escragnole Taunay, um escriptor que tem o bom senso de occupar-se de cousas d'arte, dirigio á redacção da

Gazeta de Noticias uma carta em que falla do grande merito musical do fallecido padre fluminense José Mauricio Nunes Garcia, compositor sacro.

Segundo este documento, o padre José Maria dispunha de um talento fecundissimo e, não obstante viver n'um circulo acanhado relativamente á sua arte, collocou-se a par dos melhores classicos da Allemanha.

Observa, porém, o dr. Taunay que as composições do padre são quasi desconhecidas na sua patria e que a mór parte d'ellas existem no archivo imperial, truncadas e baralhadas, o que dá uma idéa da ordem rigorosa e do methodo intelligente que reinam no referido archivo. E declara que já por vezes tem tentado dispertar a attenção publica para o esquecido musico, que tem tido por apreciadores unicos as traças do imperial archivo.

O facto do sr. dr. Taunay voltar mais uma vez, com uma tenacidade pouco brasileira, a vulgarisar as obras e o nome do padre José Mauricio prova apenas que entre nós ainda a descoberta de genios que trabalharam e desappareceram modestamente no abysmo do passado deixando espalhados, com uma modestia digna de melhor sorte, as expansões da sua intelligencia, tem pouco mais on menos o mesmo valor de um pingo de gordura que se descobre na gola de uma jaqueta velha. Ninguem com isso se encommoda.

Que tem que o padre José Mauricio fosse um musico sacro de primeira ordem—uma cousa rara! —si isso em nada influe no artigo 8.º da reforma eleitoral, na extracção das loterias ou nas magicas de theatro?

O dr. Taunay, persistindo em apregoar as bellezas da musica do

desconhecido compositor aos quatro ventos do Brazil, perde o seu trabalho. S. S. melhor faria a bem da sua dedicação e das musicas do padre si obtivesse que uma d'ellas fosse executada em pleno Paris.

Desde que lêsse transcripta de meia duzia de jornaes estrangeiros a estranha nova de que na Igreja da Magdalena causara sensação o *Requiem* de José Mauricio, o brasileiro, orgulhoso e patriota, daria beijinhos de contentamento na memoria do padre e compraria uma caderneta de *Matinas* para a filha tocar ao piano. No Maranhão, apostariamos que seriam aproveitadas n'uma quinta parte de contradança franceza.

Experimente o dr. Taunay e verá. Lembre-se que o talento de Carlos Gomes nos foi revelado pela Europa, ao passo que Mesquita escreve sobre a perna *couplets* adequados ás gargantas das *estrellas*

parisienses abrasileiradas pela Phenix, e que a *Batalha de Avahy* teve por padrinhos uns academicos de Florença, emquanto Victor Meirelles é atrozmente denegrido na sua patria.

—

Veio ao *Diario do Maranhão*, ardendo na mais legitima indignação *Um portuguez* dar-nos uma noticia triste e desconsoladora. Foi como si estivesse á morte um homem eminente. O Gabinete Portuguez de leitura acha-se em circumstancias criticas e vae fechar, por falta de socios.

Denunciado o facto, veio á imprensa n'um impulso generoso, o sr. commendador João Ribeiro de Moura e fez em algumas palavras tocantes a apologia da instituição e um appello a nacionaes e estrangeiros para que corram a amparal-a na sua queda. Depois, algumas locaes communicaram ter d'es-

te ou d'aquelle modo engrossado o numero de socios. Comtudo, do proprio portuguez que firmava o primeiro artigo e que é um patriota ardente e serviçal, ao mesmo tempo que é uma modesta intelligencia inimiga da publicidade e do barulho, soubemos que muitos se teem negado a subscrever para a sustentação do Gabinete—porque elle e um seu sympathico compatriota andaram de porta em porta implorando subvenções.

*

Nada temos que vêr com o indiferentismo dos srs. portuguezes quanto ao seu Gabinete de leitura. Que elles deixem cahir em esquecimento o esforço que custou ao sr. João Rodrigues de Oliveira Santos e outros a creação d'essa util bibliotheca, que pouco lhes encommode a instrucção que ella pode fornecer aos seus compatriotas analphabetos, que lhes dê nenhum cui-

dado a influencia que tal instituição podia trazer na illustração do centro onde trabalham e convivem: que prefiram queimar foguetes no hospital portuguez a comprar livros para o Gabinete portuguez— eis ahi o que abandonamos inteiramente ao criterio dos Sr^{s}. portuguezes.

Mas o que não deixaremos ficar sem reparo, n'esta crise porque está passando o Gabinete portuguez de leitura é o seguinte:

No Maranhão, uma cidade lotada em 30:000 habitantes, intitulada Athenas, onde os poetas brotam expontaneamente como os cryptogamos, onde as questões grammaticaes assumem o caracter das internacionaes, onde circulam tres volumes de *Pantheon* cheios de gente immortal, onde a rhetorica é uma preocupação -- no Maranhão não se lê, fecha-se uma casa de livros porque ninguem a procura.

Querem os interessados uma idéa luminosa?

—Retirem d'ali aquelles alfarrabios inuteis e abram as suas salas com o titulo de Gabinete portuguez choregraphico.

Acaba de retirar-se para o Rio de Janeiro o Reverendissimo Conego Raimundo da Purificação Santos Lemos.

O Conego Purificação era um sacerdote geralmente estimado entre nós, pelo seu talento incontestavel, pela sua prova de illustração, pela sua maneira branda e persuasiva de tratar.

Sem entrarmos na apreciação dos motivos que levaram o Sr. Conego Purificação a deixar a sua provincia, assignalamos a sua retirada como um erro diplomatico dos conselheiros do Sr. Bispo.

Effectivamente, sendo o conego Purificação um padre que não dava escandalos, bem considerado, oc-

cupando excellentes cargos que lhe crearam uma das melhores posições no nosso clero, é obvio que não abandonaria estas vantagens e mais ainda, a sua familia e a sua provincia, para ir atraz de melhoras pecuniarias como um negociante que procura grandes praças para especular, porque o amor do ganho não pode nem deve influir no animo dos discipulos do grande homem que nasceu n'uma cavalhariça e foi sepultado a custa de um amigo.

O que parece certo, o que a opinião publica acceita e propala como mais coherente e mais natural, é que o Sr. Conego Purificação foi coagido a desligar-se da diocese onde servia, por incompatibilidades sobrevindas entre a sua consciencia e os planos de combate da *Civilisação*. Pode bem ser que não seja exacta esta versão, mas em todo caso foi um gravissimo erro poli-

tico de S. Exc. Rvdm. deixar sair um dos mais distinctos membros do seu clero, sem ficarem claramente liquidadas as causas que motivaram essa resolução. O mysterio cuidadoso em que fôi abafado o facto, as meias palavras de que se servio o jornal ecclesiastico para noticial-o, elle que dê ordinario é tão santamente expansivo quando se refere á sua grey, tudo faz crêr que na intimidade do clero ha a intriga, o descontentamento, a briga, a separação emfim. E S. Exc. Rvdm. e os seus acolliytos não devem ignorar que, n'esta effervescencia da luta que provocaram, commetter um descuido d'esta ordem, deixar transparecer as suas mizerias, descobrir um ponto fraco, abrir em si mesmo uma brecha, é um bem deploravel erro de que os seus adversarios lançarão mão como arma de combate, terrivel, forte, penetrante !

Nossos pezames a S. Exc. Rvdm por esta escapatoria.

Ao Sr. Conego Purificação, nossos melhores desejos de prosperidade e paz.

Conhecemos a S. Rvdm. mais de perto do que talvez suppõe e é d'esta intimidade litteraria que nos une que tiramos a convicção de que o seu talento e a sua illustração lhe podem garantir seguras vantagens longe das agitações em que se revolve a diocese do Maranhão.

E concluindo, não podemos deixar de felicital-o. por ter sabido subtrahir-se á tempo á decadencia, ao desmembramento para que vae largamente caminhando o clero maranhense, nas suas tristes pretenções de impor-se como moralisador, como regenerador, como apostolado.

Outro que tambem partiu, mas para uma viagem eternamente longa, foi o pobre Mauriz.

Vinte annos ! um estudante ! A consciencia recusa-se a crêr que a morte tenha poderes para cortar assim a vida em flôr, a intelligencia em começo, ou si ella exhorbita das suas attribuições e de um golpe offende a Deus e prejudica a humanidade.

Morreu no fim do anno; tinha regulado suas contas com a vida, o balanço não apresentou saldo nenhum que o prendesse a este commercio penoso da existencia— seguio para a eternidade.

Na tarde de 31, fomos acompanhal-o ao cemiterio.

Era alguma cousa de sinistramente lugubre vêr aproximar-se da muda residencia dos mortos, um grupo de moços, religiosamente descobertos, carregando como uma preciosa reliquia os despojos

inertes do infeliz estudante, estendido, enrijado, sem olhar, sem voz, sem pensamentos, dentro de um caixão negro do qual se affastava n'uma calculada distancia o conego Miranda, como si exhalasse a peste. Ultima e mesquinha vingança da Igreja despeitada.

A beira da sepultura, quatro moços despediram-se do seu companheiro de idéas com algumas palavras, dignas da causa que elle defendêra.

Porque Frederico Mauriz defendera uma causa. E' a melhor recommendação que o homem póde deixar atraz de si—ter advogado uma idéa: prova exhuberante que não foi n'este mundo apenas um producto animal desforrando-se antecipadamente nas fontes que lhe conservam a existencia dos serviços identicos que ha de prestar a outras creaturas; prova que trabalhou, que levou o seu contingente

á grande obra dos seculos, que *passou pela vida*... mas *viveu*.

Por isso, commoveu-nos profundamente a audição d'essas palavras energicamente tristes, soltas aos echos lamuriosos do cemiterio, sob um céo uniformemente pardo, fustigadas por uma chuva miuda, agitadas pelo balancear monotono das casuarinas—porque encerravam a verdade, porque davam das opiniões do caracter do morto a idéa mais nitida e mais justa.

Frederico Mauriz succumbio antes de ser um trabalhador inteiramente util, completamente reforçado. Tinha ainda os enthusiasmos precipitados da meninice, a exhuberancia suffocante da idéa, a força disperdiçada pelos impulsos francos e generosos da bondade de coração. Tivesse elle o tempo de trocar os éstos da mocidade pelo sangue frio da experiencia, podesse elle methodisar os seus estudos.

coordenar os seus planos de combate---e as idéas bôas, simples e uteis da philosophia moderna contariam nas suas fileiras um soldado rijo e valente.

Cahio intempestivamente. Lamentamos esta desgraça irreparavel.

*

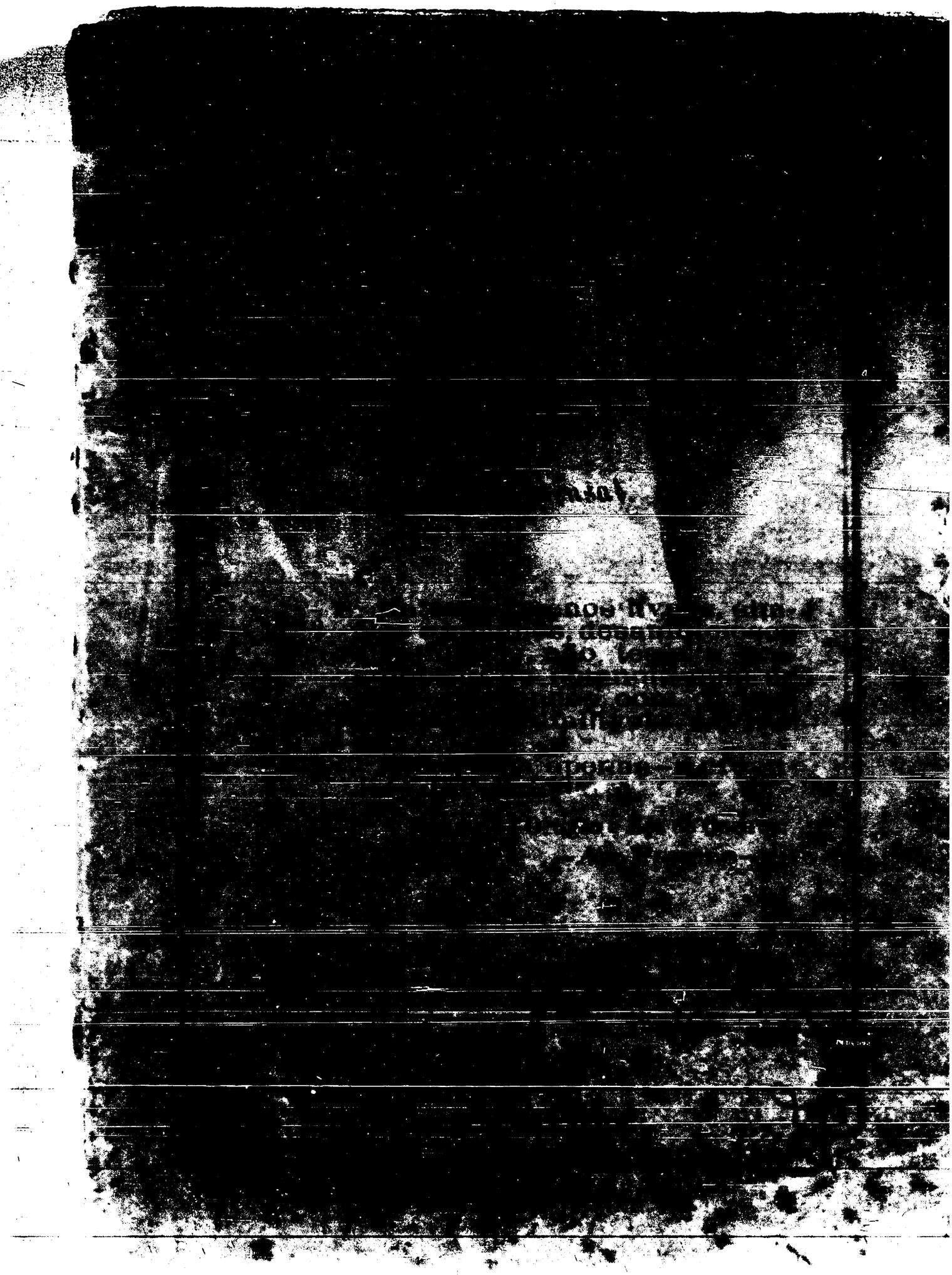
Entretanto, cousa estranha, quando transpunha de volta do enterro os humbraes negros do Gavião, a mocidade, como que aliviada de um peso enorme, expandio-se de novo, viva, petulante alegre, enthusiasta!

Aquelles que d'esta circumstancia tiraram partido para censurar á estudantada essa alegria apparentemente fóra de tempo, depois de ter deixado a apodrecer no leito duro da catacumba um collega estimavel, são certamente uns vandalos.

Como o povo de Paris affastou-se do tumulo de Thiers dando vivas á republica, os estudantes maranhenees sahiram do cemiterio com as forças retemperadas no exemplo que lhe legara o morto, mais promptos a combater, mais dispostos a vencer. Dentro da bainha estreita de que a natureza se apropriára para o seu laboratorio eterno de creação e de aniquillamento, não ficára um atomo de intelligencia. Havia um corpo de menos na legião. mas cada um dos sobreviventes herdára uma particula da força pensante e, fortes com este acrescimo de vigor, os estudantes cobraram novo alento e lançaram-se na luta com a idéa de perseverança no cerebro e a lembrança de Mauriz no coração.

1 8 8 1

J A N E I R O



João Affonso.

O MALHO.

Chronica mensal.

Estes pequenos livros, simples e singelos, desambiciosos e humildes, não teem a presumpção da sciencia nem se julgam armados com os instrumentos infalliveis da justiça.

Encerram apenas—a creancice da verdade.

Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz.
—As Farpas—

BIBLIOTHECA
— DE —
F. R. PAZ
RIO

1881
JANEIRO

Maranhão—Typ. do Frias.

SUMMARIO

Aos paes de familia do Maranhão. Abusos, Velhos costumes e calamidades. Estudo historico sobre os pastores e presepes do tempo do Cururuca. Comparação d'essa epocha com a presente. O presepe moderno. Os pastores melhorados. Progresso dos ditos. Os Srs. poetas e prosadores Resumo de um discurso e de uma poesia. Um lenço para a baba dos Srs. paes. Males que resultam dos pastores demonstrados minuciosamente. Pedimos aos Srs. paes uma cousa para o Sr. Campello e outra para os Srs. poetas— Um annuncio programma. O Sr. Roberto Moreira e o desenho. Esforços que o Sr. Moreira tem empregado. O methodo do Carapuça. Não concordamos com o Sr. Moreira. Procuramos provar que o estudo do desenho é indispensavel. Porque não nos estendemos mais. A nossa prosa e o somno de um nosso amigo. O velho Tribuzy. Sua influencia perniciosa na sociedade maranhense como mestre de desenho. Horacio Tribuzy, Billio, João Cunha, Franco de Sá. Um quadro d'este ultimo. Observações particularmente nossas. Appellamos para o espirito reformador do Sr. Roberto Moreira.—A «Civilisação» arrufada com O Malho». Protestamos que não foi por querer e sopramos-lhe o dedinho mindinho. Fazemos acto de contricção. Innovações na folha catholica e na sua succursal. Critica litteraria. O criterio de Sainte Beuve e a elegancia de Theophile Gautier. Gonçalves Crespo, poeta insipido. Uma joia entre os algodoeiros. A litteratura patria agradecida á «Civilisação». Reservamos dous mimos ao Catholico do Codó. Abundancia de materia. O «Bazar litterario». O que devia ser. Não é o que parece Torna-se preciso um espanador. Os periodos do bazar e a loja do Sampaio pé velho. Anedoctas novas. O «Almocreve de petas», José Daniel, o «Almanak de Bristol» e a «Encyclopedia do riso e da galhofa» Enigmas difficeis. Oito dias de

soffreguidão. «O subdelegado e o camponez», a Esphynge e Œdipo. Quem subio ao carvalho? Quem fez a revolução em 93? Serviços que presta o Bazar. O autor do dito entre Semicupio Pechincha e La Palisse. A «Civilisação» e a caricatura. Um caricaturista no inferno. Satanaz pintado pelos padres. Uma collecção preciosa. Desenhos que hão de vir. O partido catholico orgulhoso. Satanaz excedendo Cham, Gavarni, Sambourne, Maurier, o «Charivari», o «Punche», o «Spirito-folletto», o «Antonio Maria». Tiramos as nossas conclusões. Ingrata! — Relatorio do professor publico da villa do Arary. O que d'elle se deduz. Seis metros de banco para sessenta alumnos. Nova deducção. Melifluidades do professor Militão Henriques. Um dilema. Apparece o homem da capa parda. Quem será? Emquanto se descobre — Dous estudantes que se destacam dos outros. O Sr. Sá Vianna e o Sr. Viveiros Castro. Maranhenses da geração nova. Nossos agradecimentos ao Sr. Sá Vianna. Fallamos de outros maranhenses. «O Malho» n'uma posição critica. A nossa justificação. A invulnerabilidade consagrada pelos nossos costumes. Porque que é que «O Malho» se exonera da critica aos «Amores de uma crença por um maranhense. Romance brazileiro. A' memoria de José de Alencar». Rasgamos os véos do Sr. Viveiros Castro. Specimen de varias escolas. Principios de que se affasta o Sr. Castro. Interrogações. Ficam sem resposta. Aguardamos as ferias d'este anno — A reforma eleitoral. O que é a Constituição depois d'ella. Vantagens que traz. Abusos que commette. A nossa opinião. — Um artigo de Idelfonso de Berredo, lavrador. O que elle quer. O que faz o Maranhão com relação ao movimento actual. Toques negros. Uma proposta d'«O Malho»: olho por olho, dente por dente. Rectificação ao «Malho» de Dezembro ultimo.

As primeiras paginas d'este livrinho são especialmente dedicadas aos srs. paes de familia no Maranhão.

Vamos chamar a attenção dos referidos Srs. paes para certos abusos tendentes a perturbarem a paz e a moralidade de suas familias e a annullarem a educação de suas filhas, já de si mesma tão descurada entre nós

Os alludidos abusos residem n'um velho costume nosso, que ultimamente tem degenerado na cousa mais insupportavel, mais perigosa, na calamidade mais lamentavel que póde affligir um nucleo social.

O supra mencionado costume é — as pastorinhas.

Supponhamos que os Srs paes que

nos dão a honra de lêr-nos terão rido um pouco n'este momento.

Pois o caso não é tanto para rir como os Srs. paes se persuadem.

As pastorinhas, no tempo em que eram—os pastores—não podiam ser mais innocentes. Antigamente, eram os rapazes que faziam de raparigas, hoje são as raparigas que fazem de rapazes--eis o perigo.

Antigamente, no tempo do presepe do Cururuca, quando a materia prima das figuras d'este classico monumento do nosso fervor religioso e do nosso amor á pandega era pura e simplesmente a tabatinga, quando o tucum em cacho e a manga verde eram os unicos fructos admittidos entre a murta e os arirys do frontespicio, quando o repucho era um simples jacto d'agua que banhava uma planicie microscopica plantada de arroz, quando a incansavel amabilidade do muito popular porteiro reformado da rua da Paz levava uma noite inteira a

bater com a vara para fazer abanar as cabeças do velho e da velha á porta de Belem—n'esse tempo os pastores eram um grupo de moleques catingosos e roucos, que de dia gritavam *taca atraz!* no trazeiro da sege de D. Anna Jansen e a noite, cobertos de trapos encarnados e de lentejoulas, cantavam

Soltai-me, soltai-me
das duras prisões

com um berreiro tal, que o infeliz dono da casa apressava-se em deitar os seus quatro mil reis no sacco do gallego e despedir os adoradores do Nosso Deus Menino.

Hoje, porem, que o braço do progresso impelle a terra de Fabio Ewerton e do Alferes João da Cruz na vanguarda das nações, ao som do aphorismo de Pelletan posto no alto de todas as poesias e de todos os discursos: hoje que as nossas salas levam as lampas ao Mabile

no furor dos galopes; hoje que já possuimos a peste das grandes cidades nos canos da rua do Trapiche; hoje que possuimos no *Club Arlequim* ao Vira-mundo a Rigolboche de tufos de cambraia e o Chicard de casaca de estopa: hoje que temos questão religiosa e gazeta de padres; hoje que está parado o aterro do Caes da Sagração: hoje que se ensina nas escolas pelo systema mais estragador da intelligencia; hoje que a rhetorica impera e a presumpção domina—hoje o presepe e os pastores, submettidos á influencia de todas estas cousas civilisadoras, assumiram a posição que lhes competia como instituições sociaes do maior alcance e utilidade.

Presentemente o presepe não é uma manifestação religiosa—é uma revelação artistica. No céo abobadado espalham-se em symetria finas nuvens de algodão desfiado: um cometa de papel dourado, enorme, coruscante, atravessa o espaço:

tranquillamente pendurada de um fio de linha invisivel uma rochunchuda boneca de porcellana vestida como os anjinhos do Senhor da Cana verde, sustenta este letreiro recortado sobre o molde do da Salsaparrilha de Ayer—*Gloria in excelsis Dei*—; embaixo, ao fundo, a cidade de Belem construida a moderna, alinha a sua casaria caiada a branco, com tectos encarnados e janellinhas verdes, tudo defendido por enormes muralhas armadas de grossa artilharia; os curiosos avidos de adorarem ao recem-nascido descem os montes pintados a roxo terra com pincelladas de verde francez, empoados de palhetinhas brilhantes; um dandy de figurinos de alfaiate, uma dançarina de porcellana, um Bismark recortado no *Novo Mundo*, dous carneirinhos de massa com coxixo embaixo, Maria Antonieta marchando para o cadafalso, uma imagem de S. Raimundo Nonato, um jockey-club, um offi-

cial da marinha ingleza—e assim um comospolitismo de raças e de epochas, a historia universal completa representada em bonecos de papel e de louça, gigantes no fundo, microscopicos no primeiro plano: uma palhocinha abriga o sagrado pimpolho, Nossa Senhora e S. José —algumas vezes, segundo as circumstancias, o Menino Jesus é de uma corpulencia duas vezes superior á de sua mãe e até mesmo á do seu condescendente padrasto, o boi do estylo e o imprescindivel burro que tambem participam das homenagens e presentes que tributam de joelhos os trez Reis Magos vestidos de calção azul e manto encarnado e corôados como o Sr. D. Pedro 2.º no dia da abertura das Camaras, e algums pastores trajando como os camponezes de Portugal: de um dos lados um chafariz de folha de Flandres, *bariolé* de côres vivas, expande penachos d'agua que caem n'um tanque onde

passeiam alguns patinhos e navega um vaporsinho de dar corda; tudo isto, illuminado por cotos de stearina enterrados nas cristas das montanhas, é emmoldurado n'um caixilho de folhagem com guarnição de ananazes, laranjas, rosas de todo o anno, laura-rosa e graixa de estudante.

E' claro que os pastores não podiam deixar de acompanhar o presepe n'esta escala progressiva. Transportada da rua para a sala, a instituição passou por uma transformação, por uma limpeza que lhe trouxe um encanto e um interesse immediatos. Confiada á graça ingenua das alumnas do collegio de N. S. de Nazareth, reformada por versos de Arthur Azevedo, acompanhada por musica italiana dirigida pelo Rayol, entoada por vozes afinadas e suaves, a cantilena pastoril alteou-se a umas regiões novas e desconhecidas e atrahio a ouvil-a a fina flor da nossa sociedade.

E como entre nós nenhum facto fica isolado, original, unico, sem um cortejo subsequente de louvaveis imitações, os pastores familiares foram se propagando. se propagando, até terem as honras de circo da barraca da Estação dos bonds.

Quando chegaram a este ponto culminante do aperfeiçoamento e do progresso, já as pastorinhas gentis recrutadas no seio das vossas illustres familias, srs. paes, haviam sido sagradas pelos suffragios do publico em forma de poesia gongorica e discurso castellarico.

Os nossos melhores representantes do genero corrosivo já invadiam a casa do sr. Fagard, onde a familia d'este cavalheiro organisara um grupo de pastorinhas e ahi *à tour de rôle*, de vez em quando — tres palmadas !—levanta-se um gamenho, frak chanfrado, grandes collarinhos. calça boca de sino, gravata flammejante e ahi o verão: si

era prosa, o periodo estendia-se sobre certos factos da vida de um homem complicados com este momento solemne em que, transportado ás regiões paradisiacas, o orador sentia não ter o verbo de Mirabeau ou a concisão de Victor Hugo para poder descrever as bellas pastorinhas; si era verso, depois da epigraphe *Le Monde marche !*—vinham umas estrophes deliciosamente languidas, desiquilibradamente coixas, fervendo em ponto de calda na ternura mais expansiva pela voz chrystalina, pelas formas donairosas, pelos olhos feiticeiros, pelos cabellos assetinados, pelos meneios sirenicos, da joven pastora mestra.

Passado para o recinto vasto e arejado da Estação, o enthusiasmo dos srs. poetas e prosadores dilatou-se, quebrou as peias, subio ao delirio, á ovação, ás palmas, á pateada, ao proscenio, ao genio, ao partido, á *claque*, á intervenção policial. aos bancos quebrados.

N'este ponto suspendemos a penna para meditar sobre esta duvida importantissima: si os srs. paes de familia gostam ou não gostam d'estas cousas.

Suppomos os srs. paes bastante ternos para se babarem de jubilo vendo as suas esperançosas filhinhas em letra redonda sobre papel côr de rosa tarjado de vinhetas e ouvindo-as chamar á ribalta para serem acclamadas os maiores talentos pastoris do orbe civilisado. E é por conhecermos essa exhuberancia de baba nos srs. paes que lhes dedicamos estas paginas como um lenço espesso e confortavel, destinado a enxugar-lhes nos respeitaveis queixos o fio prateado da sua commoção cegamente paternal.

Feito isto, estancada a fonte, pedimos aos srs. paes que, prohibindo ás suas glandulas salivares de virem perturbar o nosso *tête-à-tête* com um novo esguicho de jubilo, hajam de ouvir-nos, serenos, a sangue frio, emquanto as suas delicadas vergonteas repousam sobre os louros colhidos na estrada da gloria, a espera do fim do anno para recomecarem os seus triumphos, a demonstração dos males que póde causar á educação das supracitadas vergonteas delicadas o seu contacto com as ovações, com os poetas lyricos, com os prosadores emphaticos com todos os accessorios dos pastores, emfim.

Entre nós ha uma educação muitissimo atrazada, muitissimo defeituosa, muitissimo perniciosa.

Não faremos por emquanto o desenvolvimento d'esta these, porque reservamo-nos para mais tarde, terminado um estudo especial dos nossos costumes, e então os srs. paes ficarão sobejamente convencidos de que cada asserção d'aquellas é uma verdade.

Fundada, porem, n'esta tripeça— o atrazo, e defeito e a perniciosi-

dade, a educação das filhas dos srs. paes prepara-as vantajosamente para obterem os melhores resultados quando fizerem parte das gentis pastorinhas.

Em primeiro logar, fazem um curso de litteratura e de metrificação recitando d'estes versos, adequados ao nascimento de Christo:

As pastoras d'esta terra
São mais bellas que as da minha,
São bem feitos seus vestidos,
Apertada cinturinha:

em segundo lugar, exercitam as suas faculdades musicaes n'um excellente falsete e afinam o ouvido pelas mais exquisitas melodias tiradas das valsas de cavallinhos e dos dobradas da Pandorga;

em terceiro lugar, habilitam-se a não corar quando virem a nudez forrada de meia, das amazonas de circo e das estrellas bouffes, mostrando desde já a curva promettedora da sua perninha e vestindo uns calções identicos aos das frequentadores do Carnaval de meia tigella;

em quarto lugar, pelo desembaraço espevitado com que

por ser a mais pequenina
d'entre todas as pastoras
offerece ao Deus menino
uma cestinha de flores,

fazem jus a serem escolhidas para engraçadas oradoras em dia de distribuição de premios:

em quinto lugar, aprendem a giria correcta dos frequentadores dos espectaculos baratos, tornando-se assumpto e alvo das pilherias, dos versos, das surriadas, dos discursos, das palmas, dos bravos, das chamadas á scena, com que os amadores do genero, com toda a razão e com incontestavel direito, desforram os duzentos reis que lhes deram ingresso ao presepe-circo da Estação dos bonds:

em sexto lugar, chegam á convicção de que são esveltas, gentis, fadas na forma, canarios na voz, genios na declamação, portentos na graça — e dedicam-se ao cultivo d'estas prendas reveladas pelos srs. poetas e prosadores, na convivencia secreta com o seu espelho e na intimidade vaidosa de pensamentos egoistas;

em setimo lugar, teem em cada um dos ditos poetas e prosadores um namoro que começa em olhadelhas e versos sensuaes:

A brisa inconstante que passa ligeira,
a face te roça na louca vertigem...
Tu tremes... Palpita teu seio de virgem
ao beijo innocente da brisa faceira...

e percorre toda a escala d'esta nossa instituição social, o apertinho de mão nas festas de egreja, a segunda quadrilha nas *soirées*, o bilhetinho levado pela negrinha da casa, a conversa debaixo da janella ao

anoitecer, as flores murchas, as méchas de cabello;

em oitavo lugar, desviadas por todas estas circumstancias, na presumpção de que são bellas, intelligentes, inspiradoras de desejos, amadas, adoradas — distrahem-se, pela tolerancia babona dos srs. paes, dos seus estudos no collegio e das suas obrigações no lar domestico, e crescem umas moças ignorantes, vaidosas, tolas, lyricas, hystericas e malcreadas.

Julgamos ter sufficientemente demonstrado aos srs. paes, nos oito pontos do libello acima, todos os inconvenientes que traz á educação de suas filhas a instituição das pastorinhas em geral e em particular na Estação dos bonds; e contamos que os srs. paes, fazendo de cada um d'elles um considerando, hajam por bem reservar, em Dezembro d'este anno:

para o sr. Campello, o organisador pastoril, o mais eloquente *não*;

para os srs. poetas e prosadores—uma pitanga.

Nos diarios do começo d'este anno lê-se um annuncio-programma do *Collegio de S. Sebastião*, dirigido pelo sr. Roberto Moreira.

D'elle se deduz que o collegio. uma vez que o alumno seja moralisado, docil e que pague honorarios adiantados, receberá em troca d'estas tres qualidades essenciaes: boa alimentação, educação passiva e um ensino primario desenvolvido, tendo por objectivo—ler, escrever, contar, boa pronuncia etc., fazendo d'isto parte o francez e o desenho linear: sem que sejam rigorosamente obrigatorias estas duas disciplinas—pois são dadas como premio e incentivo somente aos meninos de bom procedimento, que revelarem gosto, applicação e capacidade.

As lições de dezenho, reza mais

adiante o annuncio, são dadas fora, mas explicadas no collegio.

De todos os nossos professores é talvez o sr. Roberto Moreira o unico que tenha tentado fazer sair a escola maranhense da rotina pôdre e pervertedora em que ha longos annos patinha.

O mesmo methodo do tempo do Carapuça—a palmatoria, a definição decorada, a grammatica confusa, o D. João de Castro e a Taboada, o argumento gritado ainda hoje imperam, salvas pequenas modificações trazidas pelo andar dos tempos.

De reforma n'este systhema velho e condemnado, nem se falla. Vem assembléa e vai assembléa, abrem-se collegios, fecham-se aulas, surge um internato de actualidade —N. S. de Lourdes—,apparece um illustre desconhecido que dá lições baratas por casas particulares —e a mocidade continúa a sair dos

collegios mais ignorante do que entrara, com a intelligencia profundamente confusa pelas cousas sem nexo que lhe encaixaram á força de bôlos, com a direcção mental para sempre desviada do caminho da instrucção pratica, solida, proveitosa.

Assim, os esforços do professor Roberto Moreira para melhorar os cursos do seu collegio são dignos da attenção dos srs. paes de familia.

Comtudo, parece-nos que o alvitre adoptado pelo illustre professor, de dar aos seus alumnos o desenho como uma arte *d'agrement*, como um premio de classe identico ás estampas e ás notas bôas, é de todo ponto incabivel e inteiramente contrario aos melhores programmas de instrucção modernamente adoptados n[illegible] onde este ramo de serviço publico é considerado uma cousa seria e de primeira importancia.

Si ha alguma cousa obrigatoria, isto é, indispensavel na educação e na instrucção do menino, é sem duvida o desenho.

Segundo a opinião unanime dos mais competentes educadores, a creança deve, antes de tudo, antes mesmo de aprender a conhecer o alphabeto, ser habituada a manejar o lapis e copiar do melhor modo que lhe suggerir a sua tenra intelligencia mais prespicaz que o mais profundo observador os objectos que tiver ante os olhos, habilitando-se, por este meio preparatorio incalculavelmente vantajoso em seus resultados, a comprehender com summa facilidade todo e qualquer estudo a que posteriormente tiver de se entregar.

Familiarisado com o desenho, o alumno insensivelmente adquire, com uma promptidão e um methodo admiraves, os conhecimentos necessarios á sua instrucção. Pela gymnastica a que é submettida a

vista repartida entre o modelo a executar e a superficie onde se desenha, elle habitua-se a abranger n'um só olhar, rapidamente, as menores particularidades do sitio onde se achar, dos objectos que o rodearem, das pessoas que lhe estiverem proximas: pelo esforço empregado em reproduzir o objecto dado nas suas exactas proporções vem o costume de systhematisar o estudo e de calcular promptamente: pela escolha de bons modelos prepara-se a intuição do bello e pela variedade d'elles uma infinidade de conhecimentos praticos e uma terminologia abundantissima: pela destresa no delineamento de um objecto olhado ou imaginado, póde, em caso da necessidade, o lapis substituir a palavra, corroboral-a, complemental-a.

Bem quizeramos, em attenção aos bons desejos do professor Roberto Moreira, espraiarmo-nos um pouco sobre este ponto, demons-

trando de um modo mais satisfactorio e mais proveitoso, com o testemunho de auctoridades competentissimas, a necessidade imprescindivel do desenho como parte integrante da educação desde os seus principios. Falta-nos porem espaço sufficiente para tão longo estudo e não queremos roubal-o a outros assumptos que nos restam tratar, receiosos de que o leitor, pouco interessado em que conversemos intimamente com o professor Roberto Moreira, venha a adormecer sobre estas paginas, como já succedeu a um amigo nosso, que roncou a melhor das sestas sobre a explicação por demais narcotica que entretivemos com Aluizio Azevedo, acerca da arte realista em França e na Hespanha.

O sr. Roberto Moreira pensa provavelmente a respeito do desenho como pensa todo o Maranhão—isto é, que o desenho é uma prenda de luxo, uma superfluidade inutil

somente ao alcance da gente rica, a unica que pode entregar-se a este exquesito capricho, este supremo deboche—de aguarellar uma paysagem ou traçar uma cabeça.

O velho Domingos Tribuzy, o homem que por longos annos foi o monopolista, o representante da arte do desenho no Maranhão, não tendo, na sua qualidade de estrangeiro, outras aspirações que attender alem dos seus interesses particulares, foi quem introduzio na nossa sociedade esta falsa maneira de encarar o desenho. Do seu extenso professorado de mais de quarenta annos, poucos artistas sahiram: Franco de Sá, Horacio Trybuzy, João Cunha, Bilio, Aluizio Azevedo.

Alguns moços e mesmo algumas senhoras que revelaram notavel aptidão, cremos que hoje já terão esquecido o lapis.

De modo que a direcção dada pelo velho Tribuzy ao estudo do

desenho no Maranhão não só foi esteril como esterilisadora. Esteril porque os mesmos discipulos que se fizeram artistas nunca mais se emanciparam dos máos habitos que lhes innocularam na execução como lesões organicas: Horacio Tribuzy foi um copista de composições romanticas, Billio morreu pintando n'um estylo quasi bysantino, João Cunha, um excellente organismo artistico, ficou com uma timidez chronica que não lhe consente sair dos retratos baratos e dos transparentes para illuminação, Franco de Sá, não obstante a sua convivencia com os mestres europeus, não conseguio corrigir o seu amaneirado de miniaturista, acanhado, esbatido, sem arrojos de pincel, sem novidade de colorido.

Vimos ha dias um quadro um pouco grande d'este pintor, representando uma menina n'um jardim. Abstraindo-nos do descuido, que a primeira vista se nota, de ser este

jardim de uma vegetação européa quando a scena não podia deixar de ser maranhense, para só tratarmos da execução technica, da individualidade do artista revelada no processo que emprega, vemos que Franco de Sá continua o mesmo miudinho, franzino, indeciso, vago. Lucrou alguma cousa nas carnações; quanto porem ao resto, sentimos que o seu quadro, ao lado de um pequeno busto da mesma menina assignado por Bérard—uma excellente, pintura muita expressão physionomica, rosto affogado n'um sombreado quente de bistre, largas pincelladas desembaraçadas, firmes, artisticas—ficasse, apezar das suas grandes dimensões, reduzido a um simples pastel a oleo.

A influencia de Tribuzy foi esterilisadora porque por muito tempo ainda o desenho será tido no Maranhão como um mero passatempo, um luxo perfeitamente dispensavel: e isto devido á facilidade com que

elle costumava os seus discipulos á covarde gabolice de apresentarem impudentemente, ao fim de algumas semanas de aprendizagem, grandes desenhos a fumo, passado o esboço sobre um vidro transparente, tracejados e retocados pelo professor sem que o discipulo nem siquer assistisse a este trabalho.

A pessoa que escreve estas linhas, tendo se dedicado ultimamente ao ensino do desenho, teve o desgosto de verificar até que ponto este mal enorme penetrou as suas raizes venenosas. Em menos de dous annos, mais de quinze alumnos de ambos os sexos abandonaram o estudo; uns voluntariamente, por não acharem mais a condescendencia pilherica e amigavel do velho Trybuzy, outros porque os paes, que tinham visto com prazer inaudito os dignos pimpolhos em uma só licção saltar como gato por brazas por sobre todas as noções lineares indispensaveis á reprodu-

ção da forma dos corpos e passar a garatujar casinhas e cães felpudos, e logo em seguida offerecer-lhes, no dia de seus annos, uma Santa Thereza grande em moldura dourada ou uma cabeça de arabe, copiadas das lithographias de Julliien, não podiam supportar que agora, com o novo mestre, consumissem n'uma só paysagem a lapis um mez inteiro—cinco mil reis de despeza!

*

Se estamos convencidos de que foi esta deploravel influencia que levou o professor Roberto Moreira a admittir o desenho no seu collegio apenas como um meio de incentivo, excepcional, reservado para casos extraordinarios, contamos que si tiverem estas linhas a ventura de lhe irem ás mãos, o referido professor terá a bondade de tomal-as em consideração, não pelo que de si mesmas valem, mas pela boa causa que advogam.

Assim pois, na esperança de que

o sr. professor Roberto Moreira virá a adoptar quanto antes em suas aulas o estudo do desenho, constante, obrigatorio, tanto ou mais indispensavel do que a leitura ou a escripta, tomamos a liberdade, visto não termos podido estender bastante este assumpto, de chamar a sua attenção para a organisação das instituições modelos creadas por Frœbel com a denominação de Jardim da infancia—*Kindergarden*—minuciosamente descriptas por um professor austriaco na ultima exposição de Paris e que estão hoje adoptadas nas principaes cidades do mundo, inclusivamente no Rio de Janeiro. Ahi encontrará o sr. Roberto Moreira o desenho occupando um dos principaes lugares, ao lado dos conhecimentos usuaes adequados á idade das creanças, aos trabalhos manuaes, ao canto, aos exercicios gymnasticos, etc. etc.

A reverenda *Civilisação* mostrou-se magoada com *O Malho*.

Fomos soberanamente injustos com a bemdita folha, queixa-se ella.

O' Deus do céo! Em que teriamos chocado o melindre ecclesiastico do orgão clerical? Por que descuido, porque brutalidade nossa teria ficado o dedinho mindinho da innocente *Civilisação* debaixo do nosso grosseiro instrumento de trabalho? Sahiu sangue, meu bemzinho? Doeu, santinha? Venha cá— não chore, esteja quieta: olhe, basta um sôprosinho, vio? passou tudo, não tem mais dódóe.

Agora venha cá, seja nossa amiga, havemos de dar-lhe uma bonequinha para você brincar, ouvio?

Diga-nos: porque razão arrufou-se com nosco?

Commettemos uma injustiça, diz você.

Mas injustiça como? Vamos e venhamos, querida *Civilisação*, você é que não foi justa.

Injusto, *O Malho!* E logo com quem—com a *Civilisação! O Malho*. que tem constantemente feito inteira justiça aos Srs. padres: *O Malho*. que não os chama hydras da reacção, que não os denomina tigres de roupeta, jesuitas manhosos, instrumentos de Roma, pustulas da sociedade, vermes, isto, aquillo, e toda a magna caterva de qualificativos com que são baptisadas as bôas obras e as pias intenções do clero: *O Malho*, que sempre achou que os Srs. padres estão no seu direito e no seu dever instituindo o Coração de Jesus, sophismando, cuspindo na sciencia, xingando os livres pensadores, confessando e até mesmo, si isto fôr do seu especial agrado, intrigando, brigando: *O Malho*, que acóde sollicito em defeza do programma dos reverendos logo que elles deixam escapar maciamente, diplomaticamente, alguma pontinha tendente a provar que não são tão retrogrados como

querem parecer; *O Malho*, que sempre se dirige á reverenda gazeta com os seus termos mais affaveis e a sua risada mais franca, mais sadia e mais leal;—*O Malho* injusto!

Que Deus nos perdôe, mas a *Civilisação* levantou-nos um falso testemunho.

Mas, si realmente qualquer phrase menos bem construida, qualquer palavra equivoca cahiu dos bicos da nossa penna e foi ferir a susceptibilidade virginal da gazeta ecclesiastica, peza-nos tel-a offendido e, como prova de arrependimento, como acto de contricção, vamos, no decurso d'estas paginas, pôr em alto relevo algumas notas que temos tomado dos ultimos numeros da *Civilisação*, chamando a attenção especial do leitor para a originalidade, o primor litterario, o subtil espirito de que se acham impregnadas.

P. N., A. M.

O illustrado braço direito do Sr. Bispo acaba de introduzir no seu arsenal de guerra mais tres armas poderosissimas—a critica litteraria, a anedocta e a caricatura.

Com este acrescimo, a *Civilisação* e a sua succursal de epistolas á Maçonaria tomaram nova força e vigor e os triumphos da causa clerical contam-se por cada edicção do jornal e por cada fornada de cartas.

Em critica litteraria a redacção padresca mostra-se, do primeiro golpe, mestra consummada. Tem o grave criterio de Sainte-Beuve e a finá elegancia de Theophile Gautier.

E' assim que, esmagando desdenhosamente com uma pennada impiedosa, com um muchôcho implacavel, os versos de Gonçalves Crespo, insipidos, sem imaginação, a *Civilisação* traz ao proscenio da imprensa, arrancado aos algodoeiros do Codó, á doce tranquilidade

da roça, um filho dilecto das musas, inspirado, ardente, correcto, inatacavel.

Diante d'estes versos:

Petroleiros da Cruz, deixai ao menos
Que o povo, tão humilde quanto é,
Em seu peito conservar puras crenças:
Respeitae, por favor, sua santa fé.

diante d'estas figuras, d'esta metrificação, d'esta syntaxe, ewertonescas, ricardinas, tambaquis, pinto morto no bolso, a gente não sabe como agradecer ao illustre critico de batina, em nome da litteratura patria, o serviço inapreciavel que acaba de prestar-lhe, brindando-a com uma joia de primeiro quilate que, sem a sollicitude extremosa do dito critico, ficaria para todo o sempre occulta nas invias solidões do interior da provincia—e aproveita o ensejo para pedir, com todas as veras do seu coração, ao Catholico do Codó que mande á *Civilisação* novas dóses das suas

inspiradas estrophes, para maior realce das letras e para beneficio do nosso bom humor e exercicio dos nossos musculos faciaes.

Venha o Catholico, traga-nos poesias e rôlos de fumo e em troca dar-lhe-hemos um Systhema metrico e umas Postillas de Sotero.

*

A *Civilisação*, para attender á superabundancia de materia, abrio um *Bazar litterario*.

Bazar não está direito, deve ser —muzeu.

A' primeira vista parece que os Srs. padres querem fazer de cada leitor um antiquario, offerecendo-lhe velhos lagartos empalhados e preciosas reliquias anachronicas, da maneira mais commoda e mais leve—em typo francez miudo. Engano. Um simples processo basta para provar o contrario. Tome-se um espanador e limpe-se a espessa camada do pó dos tempos que cobre os periodos alinhados como o

bric-à-brac do Sampaio pé velho — e apparecem, luzidias, risonhas, rejuvenescidas, as subtis anedoctas, espirituosas, desconhecidas, novas, contemporaneas do *Almocreve de petas*, filhas legitimas de José Daniel, reproduzidas apenas nas folhinhas de Bristol e na *Encyclopédia do riso e da galhofa*: os intrincados enigmas difficeis, indecifraveis, martyrisadores da intelligencia do leitor, que aguarda soffregamente o numero seguinte para conhecer a sua significação.

Nada mais chistoso nem mais moderno que *O subdelegado e o Camponez*, nada mais imprevisto nem mais recente que o enigma proposto pela esphynge a *OEdipo*.

Qual foi o rei que subio a um carvalho? Enigma! Foi Carlos 2.º

Quem fez a revolução de 93? Enigma!

Os bons e reaes auxilios trazidos pelo *Bazar litterario* á instrucção publica, á religião catholica, aos

bons costumes, ás distracções licitas, á gargalhada expontanea, ás dores de dentes e ás nevroses, dispertam-nos um desejo enorme de conhecer o seu atilado autor.

Palavra que temos tenção de abrir uma assignatura publica, afim de erguer-lhe uma estatua no largo de Santo Antonio—entre Pafuncio Semicupio Pechincha e Monsieur de La Palisse.

*

Quando dissemos que a *Civilisação* adoptou a caricatura, é claro que não nos referimos á desenho algum que ella estampasse nas suas sagradas columnas—contra este genero de critica, já o orgão dos Srs. padres pronunciou-se energicamente, condemnando um Daumier anonymo— ao xadrez de policia.

O systema estabelecido pela redacção ecclesiastica é analogo ao da descoberta do poeta, cujo merito revelamos nas paginas precedentes.

A *Civilisação*, amiga da novidade.

descobrio um poeta no Codó e um caricaturista no inferno.

Todo mundo suppunha que o clero, sustentando a existencia de Satanaz com uma tenacidade insistente, na imprensa, no pulpito, na palestra, tinha por fim renovar o velho expediente de pintar o cornudo inimigo de Deus e da humanidade com o seu classico calção de meia encarnada e sobrancelhas de malacacheta, divertindo-se a transtornar os planos do bom anjo Gabriel e carregando para as caldeiras de breu encandescente os frades ambiciosos, como nos *Milagres de Santo Antonio*, para terror das beatas crédulas e nervosas. Pois estavam illudidos. Satanaz, é o proprio orgão catholico quem nos diz, não é mais que esta simples individualidade—um caricaturista. (*) Si tem a estructura espigada e ossuosa do Conde de Noé, a sua con-

(*) 11ª Carta aos maçons do Maranhão.

centração hypocondriaca, os seus habitos inglezes, o seu espirito travesso; si possue as barbas bonacheironas de Borgomainerio, não o sabemos. O caso é que elle, de lapis em punho, tem feito da Igreja catholica umas imitações comicas, que o orgão dos interesses catholicos se compraz em reproduzir no seu estylo descriptivo, animado e petulante.

Graças ao lapis do diabo posto ao serviço da *Civilisação* e das epistolas, breve possuiremos uma collecção preciosissima de bôas paginas caricatas. Hoje são as ceremonias catholicas; mais logo virão os sete peccados mortaes, os mandamentos da Santa Madre Igreja, as beatas de lencinho á cabeça, os padres obesos e roliços, o *Flos Sanctorum*, o deputado Monte e o Senador Mendes de Almeida, tudo isto tratado a largos traços, á maneira de Grevin, succinto, significativo, mordaz!

E o partido catholico orgulhar-se-ha do mimo que lhe offerece o seu orgão, dando-lhe ás mãos cheias caricaturas originalissimas, ao lado das quaes ficarão a perder de vista os conceitos satyricos de Cham, o *Album comique* de Gavarni, o atticismo de Sambourne, a elegancia de Maurier, o *Charivari*, o *Punch*, o *Spirito-folletto*, o *Antonio Maria*.

Queixe-se agora a *Civilisação* de que *O Malho* é injusto.

Si a folha clerical não fizer uma retractação a nosso respeito, tomamos a céus e terra por testemunho de que, a vista da abnegação com que nas toscas linhas acima procuramos pôr em saliencia os altos primores da folha catholica—ella é...é uma ingrata!

Ingrata!

O *Diario do Maranhão* publicou o relatorio do professor publico da

villa do Arary, Militão Henriques da Silva, dirigido ao Inspector da instrucção publica.

E' a primeira vez que vemos apparecer em publico um documento d'esta ordem. Ignoramos si os demais professores teem ou não cumprido n'este sentido o seu dever como o sr. Militão Henriques. Em todo caso, visto ser este o unico relatorio exposto á apreciação publica, tomal-o-hemos para typo, para modelo do genero e d'elle tiraremos esta conclusão, perempta, incontestavel—que o estado das nossas escolas publicas do interior da provincia é o peior possivel.

A escola do Arary é frequentada por uma media de 60 alumnos e tem 4 bancos velhos, alguns dos quaes já quebrados.

Façamos um calculo. Dando-se a cada banco metro e meio de comprimento, temos seis metros de extensão para serem occupados por 60 meninos. Esta extensão tradu-

zida em palmos dá—a 4 palmos mais ou menos cada metro—24 palmos ou um espaço de 3 pollegadas, 10 centimetros para cada menino. Não póde haver maior commodidade!

Acrescente-se a isto a vetustez dos bancos, os balanços agradaveis que hão de fazer sobre as pobres pernas valetudinarias, entremeiados de algumas quedas—e imagine-se o que é uma aula publica no interior do Maranhão.

D'esta agglomeração de corpos, d'este aspecto velho da escola ornada de bancos decrepitos e de mezas desmantelladas, tiradas as consequencias para o resto do edificio, para as suas condições de ordem, de aceio e de hygiéne, para as habilitações deficientes de preceptores mal e tardiamente pagos, hão de sahir uns cidadãos completos, instruidos, limpos, energicos e bons!

O professor Militão Henriques,

com grandes curvaturas de espinha dorsal e n'um estylo de melaço, declara no seu relatorio que o Sr. Inspector da instrucção publica préza com muito zelo e sollicitude o encargo que lhe foi confiado, mas vae pondo-se a salvo de responsabilidade, dizendo que todos os annos repete debalde a sua reclamação de utensis constante de uma relação ha muito remettida ao mesmo Inspector.

Ora, isto é apenas contradictorio: ou o Sr. Inspector é zeloso e já devia ter attendido as reclamações do Sr. Militão Henriques, ou não tem attendido e n'esse caso não é zeloso.

O unico meio de sahir d'este dilema é suppor que uma terceira pessoa, para a qual tenha por sua vez appellado o Sr. Inspector da instrucção publica, está na obrigação de reformar a mobilia das escolas e não se tenha importado de providenciar esta medida urgente.

Quem será este relaxado incognito ?

Será o governo ? Será a directoria central da instrucção ? Será o Sultão de Zanzibar ? Será o Sr. João Pereira Tinoco ?

Em quanto não se desvenda este mysterio, os 60 alumnos da escola do Arary que vão jogando o *aperta-cunha* nos seus quatro bancos velhos, que nem por isso o Maranhão deixará de ser o berço glorioso de Gonçalves Dias, João Lisboa, Sotero, Gomes de Souza e Odorico Mendes reproduzidos em marmore no monumento do largo dos Remedios.

D'entre os estudantes maranhenses que vieram repartir os ocios das ferias entre as caricias da familia e as *soirées* dançantes, para orgulho dos parentes e supremo despeito dos namorados da terra, dous propuzeram-se provar que dos intervallos do estudo do direito ou da medicina, das palestras caseiras, dos galopes, das polkas, das valsas. do namoro rhetorico e innocente, ainda conseguiram tirar um pouco de tempo para entregar-se ao cultivo das letras.

Estes dous denodados academicos são os Srs. Manuel Sá Vianna e Viveiros Castro.

O Sr. Sá Vianna occupou a attenção dos leitores do *Diario* com algumas noticias sebre os nossos comprovincianos da nova geração litteraria; o Sr. Viveiros Castro mandou para o folhetim d'*O Paiz* um romance que tem por scenario a ilha de S. Luiz.

Por esta prova de applicação intellectual e de resistencia physica contra as emoções do amor e a fadiga das quadrilhas, O *Malho* cumprimenta os dous academicos.

*

Os folhetins do Sr. Sá Vianna constituem da parte d'este Sr. uma

dedicação pelas cousas de sua provincia, digna do applauso e do agradecimento dos maranhenses.

O Sr. Sá Vianna expoz uma pequena galeria de perfis litterarios, alguns dos quaes o Maranhão, pouco interessado no que mais de perto lhe toca, nem siquer de nome conhecia.

Avivadas pela prosa enthusiasta e ingenuamente bairrista do Sr. Sá Vianna, apparecem-nos, sobraçando algumas amostras do seu talento, Theophilo Dias, Raymundo Corrêa e Teixeira Mendes.

O Matho, na sua qualidade de obscura revista das cousas maranhenses, sente o dever de significar n'estas linhas ao Sr. Sá Vianna o seu agradecimento pela nobre resolução que tomou de apresentar á nossa provincia, cercadas do prestigio das suas aptidões, as bellas intelligencias que ella criminosa e deleixadamente desconhecia: e, si alguma cousa lhe resta desejar n'es-

ta occasião é que o Sr. Sá Vianna não deixe o seu trabalho incompleto, que das grandes telas que traçou passe a dar na sua galeria outros maranhenses dignos do apreço da sua provincia.

Taes como o Sr. Emeterio dos Santos, de quem o Sr. Sá Vianna comprometteu-se a fallar-nos detidamente, ainda alguns ha que apresentar, conhecidos longe da provincia.

José Eduardo Teixeira de Souza, Luiz Felippe e Caetano de Campos, Arthur e Aluizio Azevedo e talvez outros que o Sr. Sá Vianna, por mais aproximado d'elles, poderá melhor conhecer do que nós, estão bem no caso de servir de exemplo e emulação, pela bôa direcção que souberam dar ás suas faculdades intellectuaes, pela perseverança no trabalho—á nossa rapaziada tão propensa ás puladas, ás gravatas de mola e ao lyrysmo byronesco de Alvares de Azedo.

O romance do Sr. Viveiros Castro collocou *O Malho* n'uma posição embaraçosissima.

Nunca a missão que voluntariamente tomamos sobre os hombros nos pareceu mais espinhosa nem mais difficil.

Propondo-se temerariamente a tratar das occurrencias notaveis dadas dentro e fóra da provincia, *O Malho* certamente não pensou que se veria um dia atado de pés e mãos, na perplexidade horrivel de escolher entre o desempenho do seu encargo e o espectro duramente invulneravel do romance do Sr. Viveiros Castro.

N'estas condições, não ha maior entaladella para um pobre critico de provincia. De um lado a natural exigencia do seu pequeno circulo de leitores que de certo não lhe perdoariam passar em silencio um caso raro, espurio, intermittente — um romance maranhense; de outro lado este mesmo romance re-

vestido de uma couraça espessa, collocado no centro de uma quadrupla muralha como a residencia do imperador da China, a zombar dos golpes impotentes de um pobre malho, apezar de todo ó suór do nosso rosto, de todo o esforço dos nossos musculos.

Entretanto, sempre é bom, como justificativo, definir a nossa posição e explicar o motivo porque *O Malgo*, faltando aos seus compromissos, deixa de fazer a critica d'*Os amores de uma creança por um maranhense. Romance brasileiro. A'memoria de José Alencar*, o qual, em vista da assignatura posta abaixo da *Conclusão* viemos a saber ser da lavra do Sr. Viveiros Castro, futuro bacharel em direito pela Faculdade do Recife.

Por todos os principios consagrados nos usos e costumes maranhenses e por qualquer lado que se encare, o romance do Sr. Viveiros Castro é completo, rijo, blin-

dado, perfeitamente estanque e insubmersivel.

Em primeiro lugar, tem todos os requesitos enumerados pelo Sr. Carlos Delicioso, personnagem exotico de uma peça que fez ha annos as delicias do nosso publico: é uma obra impressa, com um prefacio no principio e um epilogo no fim, e si não traz indice nem errata é porque ainda não passou do folhetim para a brochura de tantas paginas em 8.° francez.

Já por aqui se vê que *O Malho* nada tem a dizer. A impressão é nitida, como costumam ser os trabalhos da typographia d'*O Paiz* e o trabalho do revisor parece ter sido consciencioso e applicado.

Depois, o Sr. Viveiros Castro, concluindo as palavras com que prefaciou o seu romance, declara que n'este paiz não ha critica. Ora, si não temos critica —conclusão logica—o Sr. Viveiros Castro não póde ser criticado, muito principalmente

tendo posto o seu trabalho sob a protecção de José de Alencar, o grande romancista, de sandosa memoria. O nome do autor do Guarany invocado pelo Sr. Viveiros Castro como S. Luiz Gonzaga pela associação litteraria do Seminario das Mercêz é uma especie de benção de prelo Marinoni—*benedictio romance braziliensis*—que o faz escapar ás apreciações profanas e sacrilegas d'*O Malho*.

Acrescente-se a isto que o Sr. Viveiros Castro é academico e é filho de um dos mais robustos talentos maranhenses--dous precedentes que lhe garantem infallivelmente os suffragios dos seus leitores e a consagração das suas aptidões, pelas circumstancias expostas solidamente comprovadas, e ficará assim exonerado *O Malho* de externar a sua incompetente opinião sobre *Os amores de uma creança por um maranhense. Romance brazileiro. Á memoria de José de Alencar.*

O que, porêm, não podemos admittir é que o Sr. Viveiros Castro, pela immobilidade a que se condemnou, mettendo-se na concha da invulnerabilidade, deixe permanecer lá dentro certos predicados do seu romance.

Isto já não é critica, é um serviço que *O Malho* quer fazer á litteratura brazileira em geral e particularmente aos leitores d'*Os amores de uma creança por um maranhense. Romance brazileiro. A' memoria de José de Alencar.*

Que o Sr. Viveiros Castro nos perdôe esta indiscrição. Vamos, com toda a delicadesa dos nossos dedos, cuidadosamente, pudicamente, levantar os véos da sua modestia e patentear aos olhos do publico certas bellezas de forma e de idéa por sobre as quaes elle terá talvez passado com [illegible] indifferença lamentavel.

Declara o juvenil romancista que segue a escola de Balzac. Perdão:

o Sr. Viveiros Castro não segue a escola de Balzac—sua declaração é um requinte de acanhamento, é a violeta escondendo-se entre os arbustos do prado.

Por um processo que mais adiante demonstraremos, chegamos á evidencia que o Sr. Viveiros Castro teve a rara habilidade de condensar no seu romance varias escolas oppostas, e fez convergir para um só ponto os caminhos por onde se desviam as varias missões do romancista.

Este trabalho herculeo, que não era de esperar da mingoada estatura do Sr. Viveiros Castro, não é certamente uma simples imitação de Balzac—é uma escola propriamente sua, original, nova, distincta de todas as outras que vem enumeradas no prefacio do seu romance, e feita de todas ellas.

Em romance, a escola que nos parece mais logica, mais completa, mais real e mais util, é a que foi cul-

tivada com um esmero e com um exito admiraveis por Gustave Flaubert, isto é o estudo physiologico do caracter de um personagem, *dentro do contorno delineado n'uma dada porção do espaço e do tempo por um certo estado social*, segundo lemos n'um escriptor que nos serve de guia.

Comtudo, é livre a cada um seguir outra qualquer escola ou ramificação do romance, e ellas abundam bem.

Ha o romance de Anna Radclife, com subterraneos, espectros ensanguentados, gemidos de victimas e remorsos de consciencias; ha o romance de amores puros, abstractos, ideaes—Werther adorando Carlota, o Raphael de Lamartine respeitando religiosamente a honra do marido de Julia; ha o romance de capa e espada, com o galan que toca bandolim debaixo das sacadas e trepa em escadas de seda; ha a fantasia extravagante e original de

Hoffmann; ha a Rocambolada e as suas succursaes: *Mysterios de Londres*, *Herança mysteriosa*, *Lobos de Paris;* ha o romance judiciario: *Processo Lerouge*, *Os autos n. 113*; ha os escandalos historicos na collecção de Dumas pae; ha a galhofa burgueza em Paulo de Kock; ha a cortezã santificada na *Dama das Camelias*; ha a simples narrativa ao ar puro dos campos, entre familia, como nos castos livros de Julio Diniz; ha o realismo desavergonhado de Zola; ha o estudo conscencioso dos phenomenos phisiologicos pelo Sr. Eça de Queiroz; ha o romance de pura fantasia, onde o autor não tem responsabilidade de data, de lugar, de personagem; ha o romance estreitamento adstricto á um local determinado, aos erros de uma sociedade, aos acontecimentos de uma epocha; ha, emfim a obrigação do escriptor, como o pintor, de esticar a sua tela e dentro d'ella grupar o seu fundo, as suas som-

bras, os seus jogos de luz, o seu primeiro plano, tudo harmonicamente, afinado, uma cousa referindo-se a outra, submettida á mesma lei, formando os élos de uma cadeia.

O Sr. Viveiros Castro não fez assim—e o seu romance participa de alguma maneira das diversas escolas conhecidas. Foi como um artista chinez, fez uma laca, um charão, sem plano, sem prespectiva—amplo, vasto, variado, sortido. E' muito melhor assim: tem o encanto das causas imprevistas, o *cachet* da novidade.

Primeiro que tudo, a nota dominante na obra do Sr. Viveiros Castro é a dos romances do Sr. Joaquim Manoel de Macedo. *Os amores de uma creança por um maranhense. Romance brazileiro. A' memoria de José de Alencar*, são irmãos consanguineos dos amores da *Rosa* de Macedo com seu primo Juca, os quaes tantas e tão reaes

influencias teem exercido na languidez, no histerismo, nos vagos sonhos sentimentaes que constituem o temperamento das nossas meninas.

Como no livro do romancista fluminense, temos no romance do Sr. Castro dous primos de sexo differente, um amor que começa desde a meninice, ciumes, arrufos, uma intriga, um manuscripto salvador, tudo isto coroado por um casamento. A sinthese, o esqueleto do romance, fica, por conseguinte, classificado na escola macedonia.

Separadamente, vamos folhear as tiras estreitas do folhetim d'*O Paiz* que o nosso disvelo juntou e coseu, e citar os trechos pertencentes a outras escola.

Como specimen da litteratura romantica moderna—um estudo physiologico rodeado do estudo de uma epocha e de um estado social com minuciosidades de observação, encontramos: a cidade de S.

Luiz do Maranhão, lyricamente beijada pelo Bacanga e pelo Anil, *como o namorado trovador sussurra aos ouvidos da amante estrophes inspiradas de ardente paixão;* Alfredo de Vasconcellos, um menino phenomenalmente precoce, que aos noveannos de sua idade sentia o ciume espetar-lhe o coraçãosinho, lia varias obras importantes, combatia o tédio com o charuto, tinha a elegancia de um *dandy*, buscava a solidão, adormecia como qualquer quer creança em pleno baile e fazia quadras mancas ao correr da penna; o jogo do *padre-cura*, no qual o Sr. Viveiros Castro fez figura em um salão de Pernambuco; uma senhora que tem o bom senso de educar sua filha na sciencia pratica das donas de casa; um vigario baixo, obeso, guloso, politico, com a competente comadre e os respectivos afilhados; um fazendeiro rotineiro e tenente coronel; a epocha do romance, que se evi-

dencia ter decorrido de 1873 a 1880, pois já no fim o Dr. Alfredo dá a lêr á D. Clarinha *La question dit divorce*, o celebre livro de Dumas filho em resposta ao abbade Vidieu e publicado o anno passado pela casa Calmann Levy.

Como pura e innocente fantasia, em contradicção não menos innocente com a epocha, o lugar, e a sociedade assignalados no romance e a escola designada no prefacio, depara-se-nos: um sitio com casa de sobrado, ornado com elegancia e luxo, bibliotheca numerosa, quadros, escrevaninha de prata, criados chamados a campainha, sem varandas, sem armadores para redes; uma menina, naturalmente alguma cousa mais nova que o talentoso fedelho namorador, mas que tinha todos os attributos da vaidade e da dissimulação—custosas joias, vidros de agua de cheiro (vulgarmente chamada extracto), pós do arroz, uma caixa chineza onde, en-

tre as tesourinhas, o retrato da mamã, as primicias do seu talento de desenhista e um par de sapatos de tapete, via-se um cravo já murcho, arrematado pelo referido portento de nove annos n'um leilão, provavelmente de S. Antonio do Buraco, o qual cravo depois de ter brilhado nos longos e annellados cabellos da promettedora rapariguinha, era, com um caixinho do cabello do menino—héróe, fiel companheiro de solidão de um S. Bernardo de papel pintado; a indulgencia das mezas de exames preparatorios ou então o *tour de force* com que o sobredito menino em dous annos—aos onze de sua idade—aprompttou-se para cursar academias, produsindo assim um doutor de dezeseis annos, pouco mais ou menos o que ha de succeder com o autor dos *Amores de uma creança por um maranhense Romance brazileiro. A memoria de José de Alencar;* o *nihil sub sole novum*, que todos suppõem

ser de Salomão, attribuido a um illustre e desconhecido poeta de Veneza; uma salve rainha cantada n'uma das nossas festas religiosas por uma menina; uma fazenda modelo no interior da nossa provincia, onde a agricultura mais rotineira e mais imprevidente estrebucha sob o pulso de ferro de uma crise economica—com casa de sobrado, com um rio d'onde se tirava o alimento de peixe para a escravatura, provavelmente em forma de carne de xarque e camarão secco, uma sala de dança para pretos— ó luxo dos luxos!—cheia de janellas, ladrilhada; as raparigas captivas de grandes rosetas e pesados cordões de ouro; a *cabeça de bagre* dos nossos preços transformada em fandango hespanhol, com acompanhamento de castanholas; um pintor, na roça—e tão poucos temos na cidade—fazendo um quadro da Justiça para a casa do jury; o dr. Alfredo incitando o Visconde do Rio

Branco a proseguir na sua tarefa depois de morto; uns tumulos de marmore em cemiterio de aldeia; uma coruja dando gritos estridentes; os nossos bachareis em direito sentindo necessidade de se aperfeiçoar na Europa; finalmente uma exposição em Bruxellas, acerca da qual todo o ingrato jornalismo dos dous mundos tem guardado profundissimo segredo.

Isto é a fantasia, o contra natural, aquillo que nós, nascidos e creados n'este Maranhão, absolutamente desconhecemos.

O genero hoffmanico, esse tem os seguintes trechos: uma menina loura com cabellos castanhos; uma especie de vista dissolutiva de lanterna magica—um quadro que apparece repentinamente nas mãos de Alfredinho; os cadaveres a sairem dos tumulos, de longas vestes brancas dançando o chorado e chocalhando os ossos em volta de doutor; os olhos das moças soltando m etralhadoras.

Da velha e pesada escola de Fenelon, não obstante dizer o sr. Viveiros Castro que as comparações classicas estão fora de uso, dá-nos a algazarra dos estudantes applacando á voz de Julio, como as ondas revoltas do mar siciliano á simples vista de Neptuno.

O lyrismo de capa e espada exhibe-se na descripção de D. Laura de Oliveira, futura esposa do sr. Julio Neptuno— cabellos bastos, olhos ardentes, boca pequena, dentes de marfim, decididamente postiços, colo de jaspe com os infalliveis pomos—um passaporte minucioso e completo.

A historia lá tem o seu representante na pessôa, si bem que ha muitos annos sepultada, do conselheiro Mello, presidente da Relação, jogando o seu voltarete posthumo.

A poesia sentimental e estragadora, com a sua immoralidade transparente e sonsa, manifesta-se na caridosa comparação da meretriz

com uma rosa, a qual rosa, depois de bem lavada, com tijolo e casca de côco, pode readquirir o seu antigo perfume, provando assim que o vicio é apenas um torrão de assucar com uma pequena camada de lama por cima; na facilidade com que o menino Alfredo cingia a cinturinha da prima e dava-lhe provas de amor—beijando-a na boca.

O estylo telegrammatico, de enigma pittoresco, deixando ao leitor o cuidado de imaginar o resto, estylo tão opposto é escola fundada por Balzac, descriptiva, observadora, minuciosa,—surge-nos por vezes, quando a joven penna do jovēn romancista, estaca, nervosa, tremula, commovida, como um cavallinho acuador, diante dos abraços de um viajante que chega, e outras conjecturas apertadas d'esta natureza.

O genero Zola campeia realista, franco, aberto, na perna grossa de Arieta, na forma de D. Clarinha á

beira do rio, na transparencia de uma linha de pontos que substitue a *conferencia* do Doutor com a dita D. Clarinha. O sr. Viveiros Castro ainda mesmo chamando Zola de pessimista, soube aproveitar d'elle os pedacinhos mais agradaveis ao paladar.

O erotismo bocagiano mette a cabeça entre duas cortinas e dá-nos o Dr. Alfredo com os seus desejos ardentes como o sol do meio dia, impetuosos como um corsel—que furia!—; dá-nos a edificante conversa entre o Dr. e Clarinha, da qual resulta a conferencia acima citada; dá-nos Arieta na sua rêde, castamente occupada em pensar no noivo da senhora moça.

O piéguismo, as reflexões choramingas e moleironas, de uma philosophia histerica e bamba, lá está, e é o proprio autor quem se declara melancolico, amante dos cemiterios, dos lugares tristes, adversario da agitação dos bailes, das

alegrias, das festas, gostando de passar longas horas esquecido do mundo, a lêr os epithaphios do Gavião, extasiando-se no balouçar dos cyprestes (casuarina é que nós temos), babando-se de gozo ao som do canto-chão do padre vigario, dos soluços da viuvez, do pranto dos orphãos. Quem tal diria ! um moço tão alegre e tão palrador !

Das narrativas singelas de Julio Diniz tambem participam *Os Amores de uma criança por um maranhense. Romance brasileiro. A' memoria de José de Alencar* quando nos descrevem a simplicidade poetica e modesta do cemiterio.

*

Sentimos que a exiguidade d'este livrinho não nos permitta continuar a apontar ao leitor todos os matizes do romance do sr. Viveiros Castro; parece-nos, porem, que o que notamos já é sufficiente para demonstrar que o juvenil escriptor fez um ramalhete de varias esco-

las, de diversos generos, de abundantes estylos e não um romance a Balzac, simplesmente a Balzac.

O sr. Viveiros Castro entende que *o romancista tem sobre si a difficil tarefa de educar pela imaginação as massas ignorantes* e o sr. Ramalho Ortigão *) diz que *toda a obra litteraria ou se adapta as opiniões existentes e as consolida ou reage sobre ellas e as decompõe; ou é conservadora ou revolucionaria; ou transige passivamente com as condições do meio social ou se debate contra o obstaculo que a influencia d'esse meio lhe impõe.*

Ora, o Sr. Viveiros Castro, em opposição a este principio verdadeiro e fundamental e até de alguma forma contradizendo a sua propria opinião, dá-nos um romance, a um tempo conservador e revolucionario: transige com o nosso gosto pelo lyrismo, pelo namorico, pe-

---

(* *As Farpas*—Janeiro a Fevereiro de 1877.

los talentos precoces e ataca a nossa classica aversão ás mulheres que se banham e ás mulatinhas que mostram a perna.

Qual foi o fim do sr. Viveiros Castro com esta confusão de escolas?

Impor, crear, estabelecer um novo genero de romances variados?

Mostrar a sua aptidão para qualquer escola, como uma collegial que faz o seu panno de amostra de marcas e ponto de tapete, para depois bordar uns sapatos para o papá?

Preparar o publico para que, a vista d'este ensaio, que os romancistas costumam mandar para o deposito do cisco, não seja mais tarde sorprehendido pelos seus talentos litterarios e juridicos, quando s. s., como os heróes de seu romance, galgar a saltos mortaes os bancos da Academia?

Não sabemos.

Si *O Malho* pudesse fallar desembaraçadamente do romance do

sr. Viveiros Castro, talvez, por uma série de deducções, descortinasse a sua verdadeira intenção; mas como a invulnerabilidade do joven romancista nos priva de analysar, por um motivo analogo ao que nos fez jurar nunca mais fallar no sr. Braguinha da homeœopathia nem no sr. Barbosa de Godóes Junior do *Justo Auxilio Maranhense*, isto é, o receio de uma sóva de páo e de uma catilinaria de gazeta, limitamonos a aguardar as ferias de 1881.

N'essa occasião, quando o sr. Viveiros Castro voltar com a sua fecundidade habitual aos folhetins d'*O Paiz* veremos que resolução tomou.

Ou dá-nos o desenvolvimento de uma das escolas com que teceu *Os amores de uma criança por um maranhense. Romance brasileiro. A' memoria de José de Alencar*, ou então requer ao governo imperial privilegio por 30 annos para explorar o seu invento denominado: *Lit-*

teratura mixta. Romance—miscellanea.

Foi, finalmente, decretada a reforma eleitoral.

A nova lei, objecto de renhidos e estereis debates nas duas casas do parlamento onde, aparte o patriotismo, que nunca se intromette n'estas cousas, o amor proprio, as conveniencias politicas, as opiniões religiosas, o carolismo, o progresso e a caturrice travaram luta de palavriado e argumentação fôfa, passou porque passou mesmo.

Prova-nos ella em bôa hora que a nossa Constituição, é, não só na opinião dos srs. Ministros, senadores e deputados, mas tambem na de sua Magestade o Imperador que lhe deu a sua sancção, um trambolho inutil, caduco e pouco respeitavel, visto como, estabelecendo a referida Constituição (art. 50.) uma religião para a nação, interdi-

zendo o voto aos libertos (art. 94, § II), impedindo de serem eleitos os estrangeiros naturalisados e os que não professarem a religião adoptada (art. 95 §§ II e III), foi tudo isto derogado, não obstante ainda a Constituição estatuir que, reconhecida a necessidade de ser reformado algum dos seus artigos, será precisa uma proposição por escripto, apoiada por um terço da camara dos deputados, depois de admittida a discussão e vencida a necessidade de reforma, expedir-se-ha uma lei, sanccionada e promulgada pelo Imperador, na qual se ordenará aos eleitores dos deputados para a seguinte legislatura que nas procurações lhes confiram especial faculdade para a pretendida reforma, e só então, na seguinte legislatura, será a materia proposta e discutida, e o que se vencer prevalecerá para a mudança ou addição á lei fundamental, e juntando-a á Constituição se-

rá solemnemente promulgada (arts. 174 a 177).

Felizmente este *coup de canif* dado pelos nossos representantes na nossa Carta, impelle o Brazil n'uma nova via, offerecendo melhores garantias á emigração de certa classe de estrangeiros, apagando os nossos estupidos preconceitos de raça e respeitando as crenças e as convicções de cada um.

Encarada por outras faces, a lei exige taes provas do cidadão, que o individuo que não occupar certa posição ou não pagar certos impostos é privado do voto, o que prova que para ser brazileiro não basta simplesmente trabalhar para ganhar honradamente mais de duzentos mil reis por anno. Mais odiosa ainda que esta é a exclusão dos soldados, como si o militar fosse o unico sugeito capaz de ceder á influencia dos seus superiores vendendo a sua consciencia. Presentemente que foi abolido o recrutamento para fazer-se o serviço militar por meio do alistamento e do sorteio, tem graça que o cidadão brasileiro perca o livre exercicio do melhor dos seus direitos, exactamente quando abandona todos os seus interesses para servir a patria. Não está má, a compensação.

Entretanto o legislador admitte a votar os analphabetos, e não se concebe cousa mais estupida nem mais immoral do que o cidadão exprimir o seu voto com a penna de outro e ir a urna levar um papel, cujo conteudo não soube decifrar. Nenhuma occasião melhor que esta certamente, para dar um avanço na instrucção publica, estimulando os ignorantes a instruirem-se para obter o seu titulo de cidadão. Aos póderes publicos, porem, repugna esta louca utopia de quererem que todo o cidadão saiba lêr.

*

O Malho, inexperiente nas tricas, nas complicações, nas ponti-

nhas com que são fabricadas todas as nossas leis, não pode entrar na apreciação profunda das vantagens e dos defeitos da reforma eleitoral.

Affigura-se-nos porem, em vista das objecções que a nossa rudez acaba de formular, que nem por isso ella dispertará grandes desejos de ser cidadão brazileiro.

O Paiz de 28 de janeiro deu-nos um specimen curiosissimo de artigo polemista.

Ildefonso de Berredo, lavrador, e como tal proprietario de escravos, vem dar seu pontapésinho no movimento abolicionista.

Ildefonso não é precisamente um roceiro: possue em subido grão o nosso modo rhetorico e declamatorio de escrever para as gazetas e deu ao seu artigo um tom de trovoada, prophetico, sybillino, de voz cavernosa, braço estendido e olho esbugalhado.

O que quer Ildefonso?

Ildefonso quer que seja considerado um crime sugeito, pelo menos, á pena ultima, fallar na emancipação dos escravos; e quer tambem que a provincia repudie o deputado Joaquim Serra, que se declarou partidario da abolição.

Só nos faltava esta!

Não bastava, para gloria e celebridade desta terra de litteratos, a indifferença apathica com que ella se tem mostrado em relação á questão que presentemente se agita em todo o paiz. Ao passo que as provincias trancam por meio de tributos pasadissimos as suas portas á escravidão, que tendia a fazel-as soffrer maior abalo na luta; ao passo que o Ceará funda uma sociedade libertadora e dá provas do mais entranhado odio á instituição barbara que nos deshonra, até nos mais rudes homens do povo—o Maranhão, o fundador da 28 de Julho, o continuador da philantropia do dr. Marques Rodrigues,

fecha na arca dos trapos velhos a sua 28 de Julho e a sua philantropia, persuade-se que a grande exportação de escravos para o sul provem de tactica dos nossos lavradores que previnem eventualidades, quando realmente a sua causa principal é necessidade de moeda para acudir aos pesados empenhos com que luta a nossa lavoura, mais ameaçada pela quebradeira que pela abolição; e assim temos o trafico mais odioso, a reproducção quasi textual da importação africana de outr'ora, individuos que transportam-se dos mercados do sul para aqui a negociarem escravos com as mesmas manobras, as mesmas oscillações da farinha secca ou do carrapato; pobres creaturas inertes, obtusas, inconscientes que se deixam passivamente examinar desde os dentes até ás frieiras dos pés por um medico que garante á fé do seu grão o bom estado da mercadoria; te-

mos diariamente o pittoresco espectaculo do embarque das lévas de raparigas e moleques, uniformisados de baêta verde como uns galés, carregando a caixinha de paparaúba com a marca do consignatario, chorando a terra natal, os parentes, os amigos porque, afinal de contas, não sabemos si consta dos attestados medicos, mas o negro tambem tem affeições.

Não nos bastava isto: vem Ildefonso de Berredo dizer-nos que não votemos no deputado Joaquim Serra, porque é abolicionista. Olha o desaforo ! Querer libertar os escravos de Ildefonso !

O' barbaro Joaquim Serra !

*

Como Ildefonso não tenha acompanhado de sufficientes fundamentos o sen artigo, o que o torna arbitrario, tyranico, injusto — *O Malho* usando de um direito de represalia que o proprio Ildefonso não lhe poderá negar, toma a liberdade de

convidar os srs. assignantes d'*O Paiz* a exigirem da redacção d'esse periodico que nunca mais publique artigos de Ildefonso.

Chupa, Ildefonso !

RECTIFICAÇÃO.

Um amigo nosso trouxe-nos, á proposito d'*O Malho* de Dezembro ultimo, uma reclamação, a que, por amor da justiça, vamos promptamente attender.

Dissemos, á pag. 29 d'aquelle livrinho, que a Saude publica visita paquetes e assigna cartas aos navios que partem. Não é exacto: quem se incumbe d'esses serviços é a Saude do porto.

A Saude publica apparece quando a Alfandega manda chamal-a para examinar generos deteriorados.

Felizmente *O Malho* não foi injusto—uma cousa vale a outra.